

The background of the cover is a painterly illustration. It depicts a woman with long dark hair sitting on a blanket on a grassy hill, looking up at the sky. A husky-type dog is lying down to her left. A campfire with a bright orange flame is in the foreground. To the left, a large evergreen tree stands. The sky is dark blue and black, filled with white stars and a vibrant green aurora borealis. In the distance, a body of water and dark hills are visible.

QUANDO
rompe à
ALVORADA

JANETTE OKE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

The background of the cover is a painting. It depicts a woman with long dark hair and a dog, possibly a husky, sitting on a grassy hill at night. A campfire is burning brightly in front of them. To the left, a large evergreen tree stands. The sky is dark and filled with stars, with a faint greenish-blue aurora borealis visible. The overall mood is peaceful and romantic.

QUANDO
rompe à
ALVORADA

JANETTE OKE

Série Oeste Canadense

QUANDO *rompe a* ALVORADA

Livro 3

Copyright 1985 by Janette Oke

Originally published in English under the title *When Breaks the Down* by Bethany House Publishers, a division of Baker Publishing Group, Grand Rapids, Michigan, 49516, U.S.A.

All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA UPBOOKS

Rua Francisco Otaviano Queluz, 103

Braz Cavenaghi, Itapira, SP - 13976-508

e-mail: contato@upbooks.net.br

www.upbooks.com.br

Direção e tradução

Eneas Francisco

Edição e copidesque

Carla Montebeler

Ilustração da capa

Dyene Corrêa Nogueira

Revisão

J.P. Revisões

Sumário

Dedicatória

Sinopse de Quando Chega a Primavera

Capítulo 1 – De Volta ao Lar

Capítulo 2 – Juntos Novamente

Capítulo 3 – Colocando o papo em dia

Capítulo 4 — O Armazém do Vilarejo

Capítulo 5 – Um Novo Dia

Capítulo 6 – Rotina

Capítulo 7 – A Vida Continua

Capítulo 8 –Surpresas

Capítulo 9 – Nonita

Capítulo 10 – Verão

Capítulo 11 – Outro Inverno

Capítulo 12 – A Escola

Capítulo 13 – Wawasee

Capítulo 14 –Provações e Triunfos

Capítulo 15 – Outro Natal

Capítulo 16 – Visitante de Inverno

Capítulo 17 – Volta às Aulas

Capítulo 18 – Susie

Capítulo 19 – A Primavera Retorna

Capítulo 20 – Mudanças

Capítulo 21 – Lembranças

Capítulo 22 –Doenças

Capítulo 23 – Verão de Quatorze

Capítulo 24 –Esperando

Capítulo 25 – Tentação

Capítulo 26 – Cumprindo o Dever

Capítulo 27 –Em Viagem

Capítulo 28 – Calgary

Capítulo 29 –Em Casa Outra Vez

Capítulo 30 –Me Acomodando

Capítulo 31 – Mais Uma Primavera

Capítulo 32 –A Festa de Aniversário

Capítulo 33 – Tristeza e Alegria

A escritora:

Participe do Clube de Leitura da Upbooks

Dedicatória

Para minha querida quinta irmã, Joyce Ruth, a quem tive o privilégio de ajudar a nomear quando ela chegou, e a mimar enquanto crescia. Eu aprecio seu amor altruísta e sua dedicação ao Senhor. Para ela e seu marido, Elmer Deal, dedico este livro com amor.

Sinopse de Quando Chega a Primavera

Quando Elizabeth Thatcher, a jovem professora de Toronto, antenada com a moda, embarcou no trem para Calgary, foi com um propósito em mente: ensinar os filhos dos pioneiros em uma escola do interior. Mas Wynn Delaney, um membro da Real Polícia Montada do Noroeste, entrou em sua vida e mudou tudo.

Depois do casamento em Calgary, e de uma breve lua de mel em Banff, o casal partiu para o Norte, onde Wynn fora designado para uma aldeia indígena remota. Elizabeth logo aprendeu a amar e respeitar o povo indígena, embora a adaptação fosse difícil.

A tragédia atingiu a aldeia quando a Sede do entreposto comercial pegou fogo. Com ele foram os suprimentos vitais de inverno do povo. Nimmie McLain, a esposa indígena do comerciante, tornou-se a melhor amiga de Elizabeth e fez muita falta quando ela e seu marido viajaram de volta à civilização, para providenciar mais suprimentos e materiais para construir uma nova sede.

Nimmie prometeu que voltariam na primavera. Elizabeth esperou por aquele dia com grande expectativa e saudade. Ele finalmente chegou, e com a chegada dos vagões veio a esperança, renovação das forças e alegria.

Personagens

ELIZABETH THATCHER DELANEY - professora e esposa de Wynn. Embora tenha sido criado em circunstâncias confortáveis na cidade de Toronto, ela aprendeu a viver com pouco, sem reclamação ou autocomiseração.

WYNN DELANEY - um membro da Real Polícia Montada do Noroeste. Um oficial que via na sua ocupação uma forma de cuidar das pessoas.

IAN E NIMMIE McLAIN - proprietários do comércio na Sede e sua esposa indígena autodidata.

JON, MARY, WILLIAM, SARAH, KATHLEEN, ELIZABETH - o irmão de Elizabeth, sua esposa e família. A casa deles ficava em Calgary.

JULIE - a bonita e um tanto volúvel irmã mais nova de Elizabeth, a quem ela amava ternamente.

MATEUS - irmão mais novo de Elizabeth, criado em Toronto.

Capítulo 1 – De Volta ao Lar

Quanto mais nos aproximávamos dos vagões barulhentos, mais forte meu coração batia. Frustrada com a espera, desejei poder apenas içar minhas longas e pesadas saias e começar a correr, mas mantive minha impaciência sob controle. Não tinha certeza de como Wynn se sentiria com minha impulsividade, e tinha certeza de que haveria algumas expressões de surpresa nos rostos dos nossos vizinhos indígenas.

Eles estavam tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo, apenas mergulhando nas últimas colinas que ficam antes de nosso pequeno vilarejo. Eu tinha sentido tanto a falta de Nimmie durante o tempo em que ela esteve fora, e estava ansiosa para ver por mim mesma que ela estava bem. Queria abraçá-la forte e lhe dar as boas-vindas. Eu queria poder conversar — por horas e horas — e ouvir tudo sobre o mundo exterior e cada coisa que aconteceu com ela enquanto esteve distante.

Tenho certeza de que Wynn percebeu meus sentimentos. Ele pegou minha mão e deu um aperto amoroso.

— Não vai demorar muito — disse ele, tentando acalmar o tremor em minhas mãos e coração.

Respirei fundo, dei-lhe um sorriso rápido e tentei diminuir meu passo, só um pouco, mas era difícil. Minhas pernas doíam com o esforço. Como eu estava ansiosa para ver a querida Nimmie!

Quando pensei que explodiria de ansiedade, vi alguém descendo da lateral da carroça distante, e então, Nimmie começou a correr em minha direção! Sem pensar duas vezes, agarrei minhas saias e comecei a correr ao seu encontro.

No início, nenhuma de nós conseguia falar. Apenas nos abraçamos, e as lágrimas se misturaram em nossos rostos.

Nimmie não era apenas minha amiga de quem senti saudade, ela guardava o segredo do mundo exterior, o mundo da minha família que eu amava tanto e sentia tanta falta.

Quando terminamos de nos abraçar, houve uma grande comoção à nossa volta. Wynn estava cumprimentando o marido de Nimmie, Sr. McLain, e uma multidão de pessoas do vilarejo se reuniram. Os condutores das carroças estavam se esforçando para manter calmos os cavalos cansados em meio a toda a confusão. Todos pareciam falar ao mesmo tempo, e Nimmie e eu sabíamos que seria inútil tentar conversar agora. Recuamos, olhamos uma para o rosto da outra e sorrimos com prazer, e nossos olhos prometiam uma longa, longa conversa, assim que possível.

Mas fiz uma pergunta:

— Katherine? — Perguntei tentando vencer todo aquele barulho.

— Ela ficou — respondeu Nimmie. Eu sabia que não era hora de pedir mais detalhes.

Então todo o grupo se voltou para o vilarejo e, em uma quietude quase assustadora, começou a percorrer a trilha que nos levava ao longo das colinas, pelo mato, e para casa.

Os olhos de Nimmie percorriam para frente e para trás da paisagem que ela não via por tanto tempo. Eu podia sentir seu esforço de se adiantar, ansiosa por aquele primeiro olhar para as cabanas familiares na pequena clareira. Sabia que seus pensamentos estavam à sua frente, mas minha atenção estava voltada para onde ela havia estado recentemente.

Eu não podia esperar mais.

— Você conheceu minha família em Calgary? — Perguntei, esperando de todo o meu coração que ela fosse capaz de dizer que sim. Ela se virou para mim com um brilho nos olhos.

— Eles são maravilhosos! — Ela exclamou. — Mary é tão doce; e as crianças... Eu amei as crianças.

Engoli o grande caroço que de repente brotou na minha garganta. Como sentia falta de Jon, Mary e seus filhos! Eu não tinha percebido o quanto, até ouvir Nimmie falar sobre eles.

— Eles estão bem? — Lutei com as poucas palavras.

— Tudo bem. — Sorriu Nimmie. — Mas sentem sua falta. Eles mandaram lembranças. A pequena Kathleen implorou para vir conosco para que pudesse ver a Tia Beth. Ela disse que faz ‘quase uma eternidade’ desde que você partiu.

Minha amada Kathleen... Eu quase podia sentir seus braços em volta do meu pescoço. As lágrimas voltaram aos meus olhos.

— Suponho que ela tenha crescido — eu disse melancolicamente.

— Mary diz que todos cresceram muito no ano passado — respondeu Nimmie, que obviamente não saberia, tendo acabado de conhecer as crianças.

Percebendo as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, Nimmie rapidamente mudou de assunto.

— Todos eles mandaram cartas — ela me disse rapidamente. — Eu as coloquei bem na caixa de cima para que você pudesse recebê-las assim que chegarmos ao vilarejo. Sabia que você estaria ansiosa por elas.

Estendi a mão para dar um abraço caloroso em Nimmie. Ela entendeu.

Os cavalos pareciam sentir que havia descanso e comida à frente e

apressaram seus pesados passos. Tivemos que nos apressar para acompanhar. Wynn, que estivera andando ao lado do Sr. McLain para ouvir algumas notícias, juntou-se a mim, pegando minha mão para firmar meus passos.

— Você está bem? — Perguntou após alguns momentos de silêncio.

Sorri para que ele soubesse que eu estava, embora tivesse certeza de que os traços de lágrimas ainda apareciam em meu rosto.

— Alguma notícia de casa? — Ele perguntou a seguir.

— Nimmie disse que estão todos bem e enviaram cartas. — Apertei um pouco mais forte a mão de Wynn. — Mal posso esperar para lê-las.

O sol estava baixo no horizonte, tornando cada vez mais difícil a visão da trilha. Os índios, com seu conhecimento íntimo da natureza e do território, caminharam rápida e seguramente, com passos que pareciam jamais vacilar. Eu tropecei algumas vezes e fique feliz por poder contar com a mão de Wynn. Kip parou de brincar e voltou para seguir ao meu lado.

— Os McLains vão precisar de um lugar para passar a noite, muitas noites, talvez, até que se instalem na cabana de Lamuir — comentou Wynn.

— Que bagunça! — exclamei, horrorizada por ele ter sugerido tal lugar.

— Pode ficar limpa e bastante habitável com um pouco de esforço — afirmou Wynn. — Ian já perguntou se está disponível. — Ele parou por um momento e então continuou lentamente: — Como a maioria das mulheres, Nimmie pode preferir ficar em um lugar dela.

Eu sabia que Wynn estava certo, pelo menos sobre Nimmie preferir ter seu próprio cantinho. Ela era muito independente, mas seria bom mantê-la comigo durante a reconstrução da sede.

— Vou ajudá-la a limpar a cabana, se ela desejar — eu disse, um tanto relutantemente.

— Bom — foi tudo o que Wynn respondeu.

Depois de caminharmos um pouco mais, quebrei o silêncio novamente.

— Quanto tempo você acha que vai demorar para reconstruir a sede?

— Depende do clima, de quantos dos homens ajudarão, de como as coisas avançarão, mas Ian diz que espera ter tudo montado e pronto para guardar os suprimentos dentro de umas quatro semanas. E então ele vai terminar seu alojamento conforme o tempo permitir.

Pobre Nimmie, lamentei por dentro. Ela ficaria sem uma verdadeira casa por alguns meses, e com o bebê chegando, não seria

fácil.

Na meia-escuridão, lancei outro olhar para Nimmie. Ela parecia bem. A barriga estava grande a e eu não pude deixar de me perguntar quando o bebê chegaria. Na minha empolgação com as boas notícias de Nimmie quando ela compartilhou seu segredo, nem mesmo perguntei para quando ela achava que seria o nascimento. Sim, ele poderia nascer antes que o tempo estimado para a reforma acabasse. No entanto, ela caminhava com os mesmos ombros retos, a mesma confiança, como o resto de seu povo. Eu admirava Nimmie.

Já estava bastante escuro. Ainda estávamos encontrando pessoas que vinham receber os viajantes; mães com seus filhos pequenos, velhos e pessoas que não podiam se apressar com suas bengalas e crianças que estavam dispersas apenas por diversão.

Finalmente avistando o pequeno assentamento, pudemos ver as formas escuras das cabanas através da noite que se aproximava. Ouvindo o som familiar de cães que latiam enquanto lutavam contra suas indesejáveis amarras, me perguntei fugazmente se Kip se sentia um pouco orgulhoso por estar com o grupo, viajando livremente.

A fumaça das fogueiras de lenha permanecia no ar, embora provavelmente todo fogo no vilarejo tivesse se apagado por falta de atenção. O triste monte de escombros onde fora a sede era vagamente visível através da escuridão. De repente desejei que tivéssemos trabalhado para limpá-lo para que não trouxesse a dor de volta para Nimmie.

Aproximei-me dela, esperando que minha presença na escuridão fosse de algum conforto.

Deve ter sido, também, porque sua voz veio suavemente para mim com o rangido dos vagões. *Parece que foi um sonho ruim de muito tempo atrás.*

Dando um rápido aperto em seu braço, não respondi, pois não sabia o que dizer.

Nós nos movemos silenciosamente entre as construções tão familiares quando as carroças pararam. Os condutores cansados desceram seus corpos doloridos para a terra batida, falando com as parselhas enquanto as amarrava até que o Sr. McLain desse as próximas ordens. Nimmie esperou para se juntar ao marido, e falei para ela enquanto passava:

— Vou acender o fogo e preparar o jantar. Assim que você estiver livre, venha para a casa. Você pode se lavar e descansar um pouco antes de jantarmos.

— Obrigada — disse Nimmie, com sua voz suave.

Meu coração estava leve enquanto corria de volta para casa para preparar o jantar. Nimmie estava de volta e parecia bem. Os tão

necessários suprimentos para o vilarejo estavam nas carroças lotadas. Logo a sede do comércio seria construída novamente. Depois que o jantar da noite acabou e os pratos foram lavados e guardados, Nimmie e eu finalmente começamos a ter aquela tão desejada conversa.

Capítulo 2 – Juntos Novamente

Enquanto corria para acender o fogo, minha mente estava ocupada com o que poderia preparar para o nosso jantar. Eu sabia que os McLains estavam em viagem por muitos dias e gostariam de uma refeição completa em vez de um lanche rápido. A ocasião merecia uma festa de celebração, apesar de minha despensa estar quase vazia por causa da escassez de suprimentos. As carroças que chegaram ao vilarejo estavam carregadas com nossas provisões futuras, então não foi precaução que tornou impossível que eu preparasse uma refeição excelente para os nossos convidados, embora fosse difícil quebrar meu hábito de economizar durante as últimas semanas. O fato é que havia muito pouco em minhas prateleiras para preparar.

Deixei meu fogo, com as chamas que devoravam a madeira e comecei a vasculhar as prateleiras do armário. Parecia que todo recipiente que ansiosamente puxava para frente e abria estava quase vazio. Imaginei quantos dias mais poderíamos sobreviver com o pouco que tínhamos.

Sempre havia carne. Os homens do assentamento, com Wynn no comando, nos mantiveram bem abastecidos com carne fresca. Com o clima mais quente, a carne tinha que ser trazida para o vilarejo diariamente e dividida entre as famílias, pois não duraria muito tempo.

Examinei a peça que tinha sido trazida para o nosso jantar. Parecia bastante para Wynn e eu, mas agora, com outros dois para alimentar, parecia terrivelmente pequena. Era castor, que não é meu prato favorito, mas estava gostoso o suficiente. Tentei pensar em uma maneira rápida de cozinhá-lo — e talvez fazer render um pouco.

Eu tinha poucos vegetais à disposição, mas poderia fazer uma espécie de guisado. Apressei-me para colocá-lo na panela e no fogo para cozinhar. Eu não tinha nada para preparar algum tipo de sobremesa. Não haveria sobremesa, como Wynn e eu já fazíamos.

Felizmente, tínhamos bastante madeira, e as chamas logo deixaram o ensopado fervendo na panela. Gostaria de ter um pouco de pão fresco, mas estávamos racionando nosso estoque cada vez menor de farinha. Então, escolhi fazer alguns biscoitos simples, gastando quase todo o resto de farinha que havia na lata. Eu não tinha gordura disponível, exceto sebo de urso. Não gostei do sabor, mas os biscoitos ficariam duros como pedra sem ele.

Se eu tivesse algo especial para celebrar esta grande ocasião — o retorno seguro de nossos amigos, a chegada dos suprimentos... Mas não tinha nada.

E então me lembrei de um pote de geleia de mirtilo que estava acumulado na prateleira de cima para algum evento especial. Bem, este era um evento especial! Peguei entusiasticamente os mirtilos.

Com a refeição cozinhando, os biscoitos no forno e a mesa posta, não havia mais nada para eu fazer. Fiquei inquieta, andando da mesa para o fogão, da porta para a janela. Eu não conseguia ver nada, exceto movimentos sombrios sob a luz de portas abertas e pequenas janelas turvas de sujeira no distante pátio do vilarejo. Eu sabia que as carroças estavam sendo levadas para serem descarregadas. Sabia que nem todos os engradados e caixas seriam descarregados, pois não havia lugar para armazenar o conteúdo, mas alguns dos suprimentos seriam organizados o mais rápido possível para que as pessoas do assentamento tivessem acesso a eles. Amanhã seria realmente um dia muito agitado.

Afastei-me da janela, coloquei mais lenha no fogo para ter certeza que a panela continuaria fervendo, e ajustei os pratos e talheres pela quinta ou sexta vez. Eu sentia como se estivesse perdendo todas as atividades no vilarejo. Kip deve ter se sentido da mesma forma, percebendo que havia empolgação além da nossa porta fechada, pois ele ia até ela e ficava choramingando para que eu o deixasse sair.

Eu não tinha simpatia por ele.

— Se eu não posso ir, você também não pode — eu disse com firmeza. — Eu também estou perdendo tudo.

Kip deve ter sabido pela minha voz que eu não o deixaria ir, pois gemeu mais uma vez, cruzou de volta para seu lugar favorito em frente à lareira e abaixou-se para o tapete de urso, olhando para mim com olhos arregalados e suplicantes.

Mexi o ensopado e puxei a chaleira para pegar água quente. Eu não bebia mais chá ou café. Tínhamos usado o resto do chá para o nosso jantar de domingo e estava sem café há uma semana ou mais. Bebíamos água quente mesmo. Na verdade, não era tão ruim.

Por fim, ouvi passos do lado de fora e corri para abrir. Nimmie entrou na sala com os braços cheios de pacotes, tagarelando enquanto entrava.

— Eu sabia que você estaria ansiosa por suas cartas, e Mary disse que eu deveria me certificar de que você recebesse esses pacotes imediatamente. Os homens estão trazendo o resto.

Senti como se o Natal tivesse chegado com a primavera! Querida Mary! Eu mal podia esperar para ver o que ela enviara. Peguei os pacotes, preparada para começar a rasgar as embalagens imediatamente, e então me contive. Isso não era apenas para mim, era para Wynn também.

Então, em vez de rasgar como criança, apertei o primeiro pacote,

coloquei-o em uma cadeira próxima e, em seguida, peguei o restante dos pacotes de Nimmie e os coloquei junto ao primeiro.

— Wynn disse para ir em frente e abri-los — encorajou Nimmie, parecendo ler minha mente.

— Você tem certeza? — Não era que eu duvidasse de sua palavra; na verdade, eu estava tão ansiosa que tinha medo de confiar no que ouvia.

Nimmie riu suavemente. Eu tinha sentido falta de sua adorável risada.

Houve poucas risadas no vilarejo nas semanas anteriores. Eu não tinha percebido quão pouco até poder ouvir Nimmie novamente. Lágrimas encheram meus olhos. Muita alegria também havia chegado rapidamente.

Limpei meus olhos com meu avental e peguei o primeiro pacote. Era só para mim, cheio de novos produtos de jardim, artigos de banheiro, e algumas roupas íntimas bem rendadas. Corri minhas mãos sobre cada item, sentindo a novidade e apreciando o aroma fresco de algo não usado e não lavado.

O próximo pacote foi preparado pelas crianças e continha doces especiais. Havia muitas coisas ali que as crianças amavam, mas devo admitir que elas pareciam terrivelmente boas para mim também. Não conseguia me lembrar de quando comi alguma coisa apenas pela diversão de sentir o sabor. Cada presentinho fora embrulhado e identificado. À medida que eu lia cada nome, meus olhos se enchiam de lágrimas novamente. Havia até mesmo um de aparência irregular do bebê Elizabeth, e eu sabia que ela tinha precisado de ajuda. Eu tinha certeza que ela havia crescido no ano em que estive fora, mas ela ainda era um bebê de apenas dois anos.

O terceiro pacote era de Mary novamente. Também estava cheio de guloseimas, mas de um tipo diferente. Havia especiarias e frutas secas, nozes e chás, baunilha e uma lata de *café fresco*! Agora as lágrimas estavam realmente caindo. Eu não tinha provado nenhuma dessas coisas desde que deixei Calgary. Certamente seriam ótimas! Eu não conseguia expressar minha alegria, nem mesmo para Nimmie, mas eu tinha certeza de que ela entendia.

Por fim, peguei o pacote de cartas. Eu esperaria para compartilhar com Wynn. Eu as toquei, virando-os em minhas mãos enquanto lia os nomes nos envelopes. Lá estava a caligrafia elegante de Mary, o traço firme do meu irmão Jon, a impressão infantil das crianças e até mesmo o traço descuidado, mas expressivo de minha irmã Julie! Achei difícil esperar, mas deixei as cartas de lado novamente.

Controlando minhas emoções, me virei para Nimmie.

— O que você gostaria de beber com o seu jantar — perguntei —,

café fresco ou um chá exótico?

Nimmie riu novamente.

— Bem — ela respondeu —, acredito que você está a mais tempo que eu sem poder tomar um café fresco e um chá exótico, por que você não escolhe?

Eu sorri.

— Deixa comigo — eu disse e demorei-me para deliberar. Debati primeiro sobre um item e depois outro, como uma criança fazendo compras em uma doceria. Estava prestes a escolher um chá de limão quando pensei em Wynn. Tinha certeza de que, se tivesse escolha, ele escolheria café, então coloquei o chá de lado e fui abrir a lata de café. Jamais vou esquecer daquela primeira explosão da fragrância que pairou no ar como uma promessa. Eu desfrutei do aroma olhando para Nimmie para ter certeza de que não estava sonhando.

— Precisamos conversar — eu disse, respirando o cheiro delicioso do café enquanto media cuidadosamente na cafeteira.

— Conversaremos — Nimmie me prometeu. — Por quanto tempo você quiser.

Só então ouvi passos à porta e Wynn e Ian entraram, ambos carregando uma grande caixa nos ombros.

— A família enviou provisão para os famintos nortistas — brincou Wynn, mas seu tom denunciava seu sincero apreço pela preocupação deles.

— Oh, Wynn! — Foi tudo o que pude dizer enquanto olhava para a caixa.

Os homens a colocaram no chão e a encostaram na parede. Eu finalmente retomei meus sentidos o suficiente para oferecer água morna para Ian para que ele pudesse se lavar para o jantar.

— O cheiro é muito bom — Ian gritou enquanto cheirava o ar. — É maravilhoso ser recebido com um delicioso cozido e uma fogueira quando se está terrivelmente cansado.

— Não é muito — admiti, e minhas bochechas coraram um pouco. — Eu não tinha percebido o pouco de suprimentos que tínhamos até ter que preparar nosso jantar desta noite. Eu não sabia mais o que fazer para fazer render o pouco de comida que nos restava.

— Elizabeth tem feito um trabalho de sobrevivência maravilhoso — disse Wynn, com um orgulho genuíno em sua voz. — Ela sempre encontra algo para cozinhar com a carne.

Eu corei ainda mais com o elogio de Wynn. Na verdade, nós dois sabíamos que às vezes havia muito pouco para acompanhar a carne.

Nos reunimos em torno de nossa pequena mesa e Wynn nos conduziu em oração.

Sua voz falhou um pouco quando expressou sua gratidão ao nosso Pai Celestial por trazer as carroças ao vilarejo a tempo de prevenir qualquer dificuldade mais severa. Lembrei-me novamente da grande responsabilidade que Wynn carregava nos últimos meses, em prol do bem-estar de muitas vidas sobre seus ombros.

Juntos, apreciamos nossa simples refeição. Até a carne de castor ficava melhor com a conversa e com as risadas dos amigos. Nimmie celebrou os biscoitos.

— Sebo de urso, não é? Eu realmente senti falta disso. Está ótimo.

Eu ri. Acho que as preferências de uma pessoa têm muito a ver com suas origens.

Após a refeição, os homens anunciaram que havia mais algumas coisas para serem feitas no assentamento. Wynn acendeu a lamparina e eles partiram, deixando Nimmie e eu para limpar a mesa. Sem combinar, corremos para lavar os pratos. Nós duas estávamos ansiosas por aquela longa conversa.

Por fim, nos acomodamos. Ainda não tinha lido as cartas, mas eu ainda queria esperar por Wynn. Por enquanto, eu iria saborear tudo que Nimmie poderia me falar sobre o mundo lá fora. De certa forma, parecia uma eternidade, e ainda ontem, que fiz a viagem de trem, barça e carroça pela mesma trilha que Nimmie acabara de percorrer.

Eu realmente não conseguia pensar por onde começar todas as minhas perguntas. Então me lembrei que aquela fora a primeira viagem de Nimmie “para fora”, para longe do vilarejo.

— Bem — eu disse —, o que você achou de tudo isso?

— Foi muito além dos livros. A sensação, os sons, as grandes construções — disse Nimmie, com a voz cheia de entusiasmo, e moldando as estruturas altas com suas mãos enquanto falava. — Eu não podia acreditar que essas coisas realmente existiam. Era tudo tão diferente... Tão novo. Olhei para os olhos brilhantes de Nimmie. Eu sabia que ela tinha gostado mesmo daquele tempo fora. Eu gostaria de poder estar com ela para lhe mostrar tudo.

— É maravilhoso, não é? — falei baixinho, lembrando-me de tantas coisas, sentindo que Nimmie, como eu, já estava sentindo falta do mundo lá fora com um vazio em seu coração. — Você odiou ter que voltar? — Finalmente perguntei, hesitante.

Os olhos de Nimmie se arregalaram, então suavizaram enquanto ela falava lenta e cautelosamente:

— Adorei ver o seu mundo. Foi realmente fascinante. Mas com o passar dos dias e das semanas, fiquei com tanta saudade dos rios, das florestas, que mal podia esperar para voltar para casa.

Capítulo 3 – Colocando o papo em dia

Quando Wynn e Ian voltaram ao concluir os deveres da noite, ele e eu lemos as cartas de casa enquanto Nimmie e Ian prepararam camas no chão. Nossas cartas confirmaram que todos eles estavam bem. Ficamos felizes em ouvir que o negócio de Jon estava crescendo, assim como seus filhos, e Mary estava ocupada e feliz como dona de casa. Também soubemos que depois de voltar para casa em Toronto, Julie tinha sentido tanta falta do Oeste que finalmente persuadiu papai e mamãe a permitir que ela voltasse para Calgary, aos cuidados de Jon. Ela agora estava ocupada dando aulas de piano e canto para jovens de Calgary.

Quando chegou a hora de ir dormir, Wynn insistiu que Nimmie dividisse a cama comigo em vez de dormir no chão, então, depois de desejarmos boa noite aos nossos maridos cansados, fomos para o quarto nos preparar para dormir. Não fomos dormir direto, mas conversamos até tarde da noite. Havia tanto para contar uma à outra, tantas perguntas na minha cabeça. Eu queria ouvir tudo sobre o que Nimmie tinha visto e ouvido no mundo lá fora. Queria saber tudo sobre os membros da minha família, as cidades que deixei para trás, os acontecimentos do mundo, a moda que as mulheres estavam usando, tudo que eu estava perdendo.

Nimmie ficou mais do que feliz em me informar, embora algumas coisas do que compartilhou comigo foram vistas por olhos diferentes dos meus e, portanto, com uma perspectiva diferente.

Eu ri enquanto ouvia a avaliação franca de Nimmie sobre a moda feminina. Para ela, os trajes atuais eram muito pesados e pouco práticos e, além disso, não lhe eram realmente atraentes — certamente não eram atraentes o suficiente para valer a pena discutir. Ela aprendeu a amar minha família. Embora Nimmie não fingisse compreender totalmente os caminhos da “mulher branca”, Mary era gentil e generosa, e Nimmie podia apreciar essa característica em qualquer um.

As crianças com seu jeito franco e aberto trouxeram muito deleite para Nimmie. Ela estava especialmente apaixonada pela pequena Elizabeth. Em parte, porque ela carregava meu nome, e em parte porque era uma adorável criança, mas principalmente, admitiu Nimmie, porque ela ainda não era muito mais do que um bebê e Nimmie estava antecipando sua futura experiência de ter um filho.

Eu olhei para Nimmie. Deve ter havido inveja em meus olhos, pois certamente havia inveja em meu coração.

— Oh, Nimmie! — disse. — Mal posso esperar pelo seu pequenino — Acho que parte do que eu quis dizer é que *eu mal podia esperar até chegar a minha vez de também ter um pequenino, mas até então teria prazer em compartilhar da alegria que o seu pequenino trará para você.*

Nimmie deve ter entendido meu comentário exatamente pelo que foi. Ela olhou para mim e sorriu.

— Logo será sua vez, Elizabeth. Então nosso tempo juntas será gasto nos gabando de nossos bebês.

Eu sorri. Esperava muito que Nimmie estivesse certa. Eu queria muito um filho.

— Você foi ao médico enquanto esteve fora? — perguntei.

— Eu realmente não queria, eu não precisava; mas Ian foi tão insistente que me consultei para agradá-lo. Está tudo bem.

— Fico feliz. — Encolhi os ombros ligeiramente. — E concordo com Ian. Acho que foi sábio ter consultado um médico. Por que arriscar a vida do seu filho?

— Não vejo isso como “correr riscos” — afirmou Nimmie com naturalidade. — Meu povo tem tido bebês sem médicos há muitas gerações.

Queria responder, *sim, veja a taxa de mortalidade*, mas mordi minha língua.

— Quando ele chega? — perguntei em vez disso.

— Chega? — Nimmie repetiu, intrigada.

— Sim, sua hora?

— Oh, sim, a hora — disse Nimmie, acenando com a cabeça ao entender minha pergunta. — Isso significa quando virá. Mary também me perguntou isso. O médico disse que seria no quinto dia de agosto, mas eu disse a Ian que ninguém diz a um bebê quando é “a hora”. Um bebê decide isso por ele mesmo.

O comentário de Nimmie me trouxe aquela risada abafada pelo travesseiro. Ela estava certa, é claro! O bebê decidiria por si mesmo.

Nossa conversa voltou-se para outras coisas. Assim como eu estava ansiosa para ouvir sobre o mundo lá fora, Nimmie estava tão interessada em pôr em dia tudo o que aconteceu no vilarejo em sua ausência. Eu a atualizei sobre todos os nossos vizinhos, embora, na verdade, não parecia haver muito para contar. Nossos últimos meses tinham sido bastante monótonos — e agradecemos a Deus por isso. Poderíamos ter sofrido uma tragédia após a outra, com o suprimento de alimentos estando tão baixo. Deus nos guardou, percebi ainda mais enquanto falava com Nimmie como as coisas correram desde o incêndio.

Por fim, concordamos que deveríamos descansar um pouco. Amanhã seria um dia agitado com as duas tentando deixar a pequena

cabana de Lamuir pronta para ser ocupada. Relutantemente, dissemos boa noite e fomos dormir.

— * —

O dia seguinte, chuvoso, deu início a uma tempestade que parecia ter um prazer perverso de tornar tudo miserável para quem tinha tanto a fazer no vilarejo. As trilhas estavam lamacentas e escorregadias, e era difícil apenas andar, mais ainda transportar mercadorias ou realizar qualquer coisa fora de casa.

Nimmie e eu fizemos nosso caminho encharcado até a pequena cabana. A única janela solitária havia sido quebrada e rachaduras na fenda entre as toras deixava entrar mais do que apenas luz. Esquilos haviam hibernado em uma pequena prateleira do armário, e o chão estava coberto de lascas de madeira e lixo. Foi uma visão desanimadora para mim, e eu ia dizer isso quando Nimmie falou.

— Isso não vai demorar! — seu tom era bem-humorado e entusiasmado. — Tudo ficará limpo em pouco tempo. Engoli meus protestos e peguei a pá que tínhamos trazido.

Minha limpeza normal geralmente começava com um balde de sabão e água quente. Isso não seria possível aqui na nova residência de Nimmie. As paredes eram troncos mal cortados com barro cheio de rachaduras; o chão era de terra. Esfregar só faria poças de lama. Em vez disso, nós raspamos jogando o entulho no chão e carregamos para fora com o balde, descartando-o atrás da cabana. Então Nimmie começou a trabalhar misturando lama e punhados de gramíneas. Normalmente ela teria misturado a terra e a água primeiro, mas a chuva a livrou desse problema.

Com mãos na lama quase até o cotovelo, Nimmie foi direto para a tarefa. Eu não a invejei; já era difícil para mim o suficiente sujar minhas mãos na massa de pão.

Quando Nimmie estava confiante de que tinha a consistência certa, começou a aplicar cuidadosamente a lama nas lacunas entre as toras.

Ela trabalhou com rapidez e habilidade, e percebi, enquanto a observava que ela já tinha feito aquele trabalho antes. Apesar da minha meticulosidade, me vi quase desejando tentar a sorte também. De certa forma, Nimmie fez parecer uma habilidade muito valiosa.

— Você quer que eu te ajude? — Finalmente arrisquei, meio que esperando, mas com medo que Nimmie concordasse.

— Vou levar apenas uns minutos — respondeu Nimmie. — Não há necessidade que nós duas fiquemos sujas.

Então fui limpar o ninho de esquilo da prateleira.

Nimmie ainda estava trabalhando nas paredes quando saí para preparar nosso almoço. Eu chafurdei no caminho atravessando

profundas poças, odiando cada passo lamacento, especialmente quando eu escorregava e quase caía.

Quando cheguei à nossa cabana, meus sapatos estavam cobertos com lama pesada e a barra da saia estava encharcada e salpicada. Eu certamente não queria levar tudo comigo para dentro da minha casa limpa.

Não conseguia pensar em nenhuma maneira de me livrar da sujeira, então relutantemente abri a porta e entrei. Comecei pelos sapatos sujos, ficando com minhas mãos completamente cobertas de lama no processo. Agora, como ia tirar o vestido? Deveria ter planejado melhor, mas tirei meu vestido primeiro.

Agora era tarde demais para pensar nisso. Limpei minhas mãos sujas perto da bacia já enlameada do meu vestido, em seguida, tentei remover a sujeira que pingava da minha cabeça sem arrastar a lama sobre meu rosto e cabelo. Com meu rosto manchado de lama e mal-humorada, deixei o vestido numa poça perto da porta e me dirigi para o quarto, e meus pés molhados deixaram marcas no chão de madeira.

Fiquei um pouco melhor depois de lavar o rosto e as mãos, colocar um vestido limpo e arrumar meu cabelo. Encontrei um par de sapatos secos e voltei para minha cozinha para acender o fogo e preparar nossa refeição.

Fiquei feliz com o calor do fogo. Eu não tinha percebido até então, mas a chuva gelada e o dia do início da primavera foram frios — e eu também estava.

Nimmie provavelmente estaria com frio quando chegasse, também. E os homens, trabalhando na chuva durante toda a manhã, ficariam com frio até os ossos. Teríamos sorte se ninguém pegasse um terrível resfriado. Decidi preparar uma sopa quente para o almoço.

Os homens estavam ocupados se preparando para desencaxotar e distribuir os suprimentos necessários que chegaram com os McLains. Se apenas houvesse um galpão grande o suficiente para mantê-los protegidos da chuva...

Em vez disso, todos seriam forçados a formar uma poça na lama em torno das caixas.

Eu estava com a refeição pronta e o quarto quente quando Nimmie chegou para o jantar. Ela estava encharcada, mas não reclamou. Ela não tinha nenhuma outra roupa desempacotada, então emprestei algumas das minhas. Ela não foi tão cuidadosa quanto eu para deixar toda a sua sujeira à porta, mas então, eu me lembrei, Nimmie passou muitos anos morando em casas que nem tinham piso.

Os homens logo se juntaram a nós. Eles também estavam ensofados, mas ignoraram a necessidade de roupas quentes e secas.

— De qualquer forma, ficaremos molhados de novo em alguns

minutos — Wynn insistiu.

Wynn sabia da minha preocupação com minha casa limpa, então anunciou que eles iriam jantar próximo a porta. Eu tentei discutir, mas ele foi inflexível. Nimmie calmamente pegou as duas cadeiras e colocou-as perto da porta como Wynn pediu e, vendo que eu era perdedora nisso, fui em frente e servi as tigelas de sopa fumegante.

Em pouco tempo, eles estavam saindo para a chuva fria novamente. Fiquei preocupada, certa de que a pneumonia estava reservada para ambos.

Wynn logo voltou. Ele parou próximo a porta aberta e chamou para que não precisasse trazer mais lama para a cabana.

— Elizabeth — disse quando me juntei a ele na porta. — Eu odeio perguntar isso, mas não tenho escolha. Vamos precisar armazenar alguns caixotes aqui para que possamos separá-los sem que a chuva estrague os alimentos. É o único lugar no vilarejo que tem espaço suficiente. — Tenho certeza que ele viu o horror momentâneo em meu rosto, mas me recuperei rapidamente e acenei com a cabeça. — Você entende? — perguntou Wynn e eu pude detectar a hesitação em sua voz.

— Claro — consegui responder. — Vai ficar tudo bem.

Wynn olhou inquisitivamente para mim, acenou com a cabeça em agradecimento, virou-se e partiu novamente.

— Estaremos de volta assim que pudermos atrelar os cavalos às carroças. — Me permiti um grande suspiro e voltei para me juntar a Nimmie em nosso jantar. Precisaria me apressar para limpar a louça do jantar. Logo nosso aconchegante ninho estaria uma bagunça.

Capítulo 4 — O Armazém do Vilarejo

Mesmo que eu tivesse tentado me preparar para a invasão em minha casa, descobri que estava totalmente despreparada para o que aconteceu.

A chuva, certamente, não ajudou em nada. Todos que passaram pela porta trouxeram lama e água que se acumularam no meu piso de madeira em pequenas poças, que acabaram se tornando grandes poças.

Não adiantava tentar limpá-las. Os homens vinham em um fluxo constante, gemendo sob o peso dos engradados e caixas.

No início, todos os suprimentos foram armazenados no escritório de Wynn, mas logo que lotou, os homens começaram a empilhar as caixas em nossa sala de estar.

Eu sabia tão bem como qualquer pessoa que a necessidade desses suprimentos era imediata. Sabia também que simplesmente não havia outro lugar no vilarejo onde eles pudessem ser armazenados. Era impensável tentar separar e distribuir tudo na chuva.

No momento em que a última das caixas estava empilhada em nosso pequeno quarto, nossa casa não parecia mais uma casa. Nimmie, que tinha sido a diretora de tráfego, de certa forma, encontrou uma de suas caixas e com o martelo na mão, se ocupou em procurar roupas secas para Ian. Isso me lembrou que, com as caixas agora todas aqui, Wynn também poderia vestir roupas secas. Enquanto Wynn fechava a porta pela última vez e os homens subiam nas carroças para partir, deixando sulcos profundos no que havia sido nosso caminho principal, me virei para Wynn e implorei para que tirasse um tempo para trocar suas roupas molhadas.

Ele não discutiu, mas foi para o quarto, desabotoando sua camisa no caminho, não querendo perder tempo. Assisti com pesar os rastros de lama enquanto o seguia ao sair da sala.

Sem comentar com nossos convidados, fui para o balde e o esfregão.

Assim que Wynn voltou do quarto, parecendo muito melhor e mais seguro com roupas secas, Nimmie enviou Ian para tirar suas roupas molhadas.

Wynn pegou o esfregão.

— Aqui, deixa-me, Elizabeth — ele ofereceu, mas segurei-o.

— Você já faz o suficiente sem esfregar o chão — disse a ele. — Não posso fazer muito, mas pelo menos posso fazer isso.

Wynn olhou para as caixas amontoadas e acenou com a cabeça; Ian logo se juntou a ele e os dois começaram a trabalhar. Ao som de

martelos e placas rangendo, os sacos, latas e caixas de papelão com seus rótulos intrigantes — farinha, chá, café, açúcar e outros — começaram a ser empilhados ao nosso redor.

Olhei para Nimmie, esperando que ela sugerisse que fôssemos para a cabana temporária novamente, mas ela não o fez. Em vez disso, ela começou a separar as coisas em pilhas. Recuperei minha energia e me juntei a ela.

— * —

Trabalhamos por horas, e então olhei para o relógio e perguntei:

— Quer que eu prepare uma xícara de chá para nós?

Ele se endireitou bem devagar, colocando a mão na parte inferior das suas costas e também olhou para o relógio, sete para as quatro.

Tínhamos trabalhado sem parar desde o almoço, ao meio dia.

— Seria bom, Elizabeth — respondeu ele. — Poderia ser aquele.

Comecei a trabalhar imediatamente. Eu gostaria de ter algo especial para servir com o chá, mas os biscoitos frios da noite anterior, com um pouco de geleia que Mary tinha enviado, ajudaria a nos refrescar um pouco.

Nossa sopa do jantar não grudou nas costelas por muito tempo, pois estávamos trabalhando muito.

Os homens não se sentaram para tomar seu chá. Eu temia que eles pudessem queimar suas bocas, mas logo estavam de volta à sua tarefa.

Pouco depois das cinco, Ian foi até a porta e começou a martelar um tambor de estanho. *Que maneira estranha de celebrar a abertura da última caixa do dia*, pensei.

Ian viu meu olhar questionador e deu um sorriso cansado.

— É o sinal do jantar — ele me disse.

— O sinal do jantar? — Meus olhos voltaram novamente para o relógio.

— Dissemos a eles que chamaríamos quando tivéssemos aberto os suprimentos para que eles pudessem vir e levar algo para preparar o jantar.

— Oh! — Balancei a cabeça em compreensão. Muitas dos indígenas provavelmente não tinham nada em suas casas para preparar uma refeição, exceto talvez, um pouco da carne do dia anterior. Nenhuma missão de caça havia sido atribuída naquele dia, pois todas as costas disponíveis estavam empenhadas na tarefa de descarregar as caixas.

Assim que a chamada de Ian soou, filas de pessoas famintas começaram a formar-se à nossa porta e se abriam caminho para entregar cestos, baldes ou potes que seriam cheios de comida para a refeição da noite.

Parecia que a chuva nunca iria parar — e realmente era torrencial. Meu chão limpo logo se tornou um rio de lama outra vez.

Wynn parou de distribuir suprimentos por tempo suficiente para me pedir para acender a lareira. Nossa porta ficou constantemente aberta e o quarto estava frio com o ar úmido.

Vendo o alívio e a gratidão nos olhos famintos de quem veio, rapidamente escolhi ignorar a água lamacenta que corria de suas roupas e pés e agradei ao Senhor pelos suprimentos que tinham chegado a tempo. Fiquei maravilhada por termos conseguido sobreviver aos meses difíceis do início da primavera sem que doenças ou a morte tomassem conta do vilarejo.

Sorri para os rostos vazios e as mãos estendidas, muitas vezes dizendo algumas palavras em sua língua nativa por recebê-los em minha casa e expressar minha gratidão por eles e suas famílias terem ficado bem.

Já estava escuro e o ar da noite estava perto de congelante. As nuvens de chuva manteriam a geada longe, mas a fila em nossa porta — principalmente mulheres, ocasionalmente com uma garota ou um homem esperando — certamente fariam uma caminhada fria para casa.

Ninguém se demorava. Eles estavam preocupados com apenas uma coisa: obter seus suprimentos para a refeição da noite e correr para casa, para o fogo, para que pudessem prepará-los para a família.

Minha própria casa também precisava de uma refeição noturna. Até então eu mesma não tinha reabastecido meus suprimentos. Nossas caixas foram empilhadas em outra extremidade da sala. Não havia espaço para eu abri-las na sala já lotada, então desisti da ideia de ir para o canto com o martelo na mão. As sobras do ensopado que eu tinha feito na noite anterior teriam que servir.

Peguei o ensopado frio e coloquei no fogo. Então comecei a trabalhar fazendo outro lote de biscoitos de sebo de urso. Quase engasguei só de pensar em comê-los em outra refeição. Eu olhava um tanto ansiosa para as caixas com os novos suprimentos — tão perto, mas tão fora de alcance!

Os homens não pararam para comer enquanto todas as casas do assentamento não foram abastecidas. Já era tarde. Nimmie e eu já havíamos mordiscado os biscoitos. Com a fome me corroendo, eu tinha que admitir que tinham um gosto muito bom. Especialmente quando espalhei a geleia de Mary.

Eram quase oito horas quando a porta finalmente se fechou e os homens cansados se endireitaram e pegaram uma cadeira. Eu servi nosso superaquecido ensopado e os biscoitos, agora frios, e nos reunimos ao redor da mesa.

Nossa oração à mesa foi um pouco mais longa naquela noite. Em uma voz reverente, Wynn expressou sua gratidão a Deus, pois o povo da aldeia não iria para a cama com fome naquela noite. Eu sabia que aquilo o tocava profundamente.

Não havia espaço no chão para os McLains espalhar seus cobertores de pele. Wynn sugeriu que ele e Ian pegassem as peles e cobertores e fossem para a cabana provisória, e Nimmie ficasse comigo novamente.

Eu queria protestar. Não que eu não estivesse feliz em compartilhar minha cama com Nimmie, mas detestava pensar em Wynn, tão cansado como estava, dormindo no chão em uma cabana fria. A janela ainda não estava colocada. Esse era o trabalho de Ian, assim que ele descobrisse onde o vidro tinha sido embalado. Não havia lenha para fazer fogo. As paredes de lama não estavam completamente secas no clima úmido e chuvosa. Não seria um lugar agradável para passar a noite.

Nimmie protestou, respondendo que ela era bastante capaz de dormir na cabana, mas Wynn insistiu que ela ficasse em nossa casa; e Ian, muito relutantemente, o apoiou. Em circunstâncias normais, Nimmie poderia ter dormido em nosso sofá, mas até ele estava cheio de suprimentos separados.

Por fim, os homens se aventuraram de volta para a noite úmida, com seus braços cheios de cobertores e peles que foram embrulhados em impermeáveis para protegê-los da chuva. Nimmie e eu estávamos cansadas demais para ficarmos mais tempo conversando. Simplesmente empilhamos os pratos sujos do jantar e nos dirigimos para a cama.

Nem parei para lavar toda aquela lama do chão.

Capítulo 5 – Um Novo Dia

Uma leve agitação na cabana me despertou de um sono profundo. Com o despertar, também retomei a consciência das minhas circunstâncias. Foi Nimmie quem compartilhou a cama comigo, não Wynn.

Nimmie precisava de todo o descanso que a noite tão curta poderia oferecer, eu pensei enquanto saía com cautela das cobertas e me vestia na semiescuridão. Os homens logo procurariam seu café da manhã. Saí do quarto na ponta dos pés, com sapatos na mão e, com cuidado, fechei a porta atrás de mim.

Na luz suave da lamparina a óleo, encontrei Wynn de volta ao trabalho com os suprimentos. Eu poderia dizer pela maneira como ele se movia, que estava fazendo um grande esforço para ficar quieto — o que obviamente prejudicava sua agilidade. Ele ergueu os olhos quando me ouviu.

— Eu acordei você? Sinto muito. Eu tentei...

— Foi bom. Eu precisava estar de pé de qualquer maneira. Tenho tanta coisa para fazer e...

Meus olhos viajaram para a mesa onde eu havia deixado pratos sujos na noite anterior. Todos eles sumiram. Olhei então para o chão que estava temendo limpar. A lama também havia sumido. Eu olhei de volta para Wynn, envergonhado por ter que fazer tarefas domésticas além das suas outras tarefas. Ele estava pegando um martelo. Com o alto *bang*, deixei escapar um pequeno suspiro. O martelo parou no meio do golpe e os olhos de Wynn encontraram os meus.

— O que há de errado? — ele perguntou com o martelo ainda pronto para a batida.

— Você vai acordar Nimmie e ela precisa...

— Nimmie? — Wynn disse alegremente. — Nimmie estava de pé e partiu para sua cabana no minuto em que cheguei, e isso foi há quase uma hora.

Ele voltou a atenção para sua tarefa.

Eu pisquei. Como Nimmie acordou, se vestiu e deixou o quarto sem que eu ouvisse?

Wynn terminou com a placa e colocou de lado o martelo.

— Convidei-os para o café da manhã novamente. Depois disso, eles esperam estar por conta própria.

— Tão cedo? A janela deles nem mesmo foi consertada.

— Ian está trabalhando nisso agora, e Nimmie está ocupada fazendo o resto da limpeza. Eles esperam tirar todas as coisas daqui

esta manhã. Então, Nimmie diz que podemos ter nossa sala de estar de volta, pelo menos a maior parte dela.

— Lamento pela louça e pelo chão — comecei, mas Wynn me parou, perplexo.

— Desculpe pelo quê?

— Que você teve que limpar.

— Eu não limpei.

— Não foi você?

— Estava exatamente assim quando cheguei aqui.

— Nimmie! — disse, enquanto a luz do dia finalmente começa a surgir. — Nimmie deve ter se levantado e limpado tudo bem cedo.

Wynn concordou com a cabeça, voltando sua atenção ao que estava fazendo.

— E eu estava dormindo — me repreendi.

— Eu encontrei alguns suprimentos — Wynn comentou, parecendo não ter ouvido a repreensão que dava a mim mesma.

Suprimentos? Nossos suprimentos! Corri para Wynn e olhei para dentro da caixa que ele estava abrindo.

— Isso é apenas farinha, açúcar, sal e tal — disse Wynn. — Você pode estar mais interessada nessas outras duas caixas. Foram enviadas por Mary e Jon.

Parecia ter se passado uma eternidade desde que vira tantas coisas boas. Eu me alegrei enquanto empilhava os tesouros ao meu redor. Mary e Jon pensaram em tudo. Eles haviam até embalado frutas e vegetais frescos. O jornal de Calgary se amontoou no chão enquanto desembulhava item por item. Havia até ovos e manteiga.

Eu estava prestes a amassar o jornal para tirá-lo do caminho.

— Guarde, por favor — sugeriu Wynn. — Nós poderemos saber algumas notícias do mundo, graças à visão de Mary.

Com cuidado, comecei a alisar cada folha de jornal, lamentando que na minha ansiedade, havia desembulhado tão apressada e descuidadamente.

Quando me virei para a cozinha, ansiosa para chegar ao café da manhã especial que planejava com todos os meus novos suprimentos maravilhosos, Wynn estava levando cargas para o nosso depósito e organizando as coisas que usaríamos no futuro. Um muito bem-vindo quadradinho do nosso chão estava começando a reaparecer. Como eu esperava ter minha casa arrumada e em ordem novamente!

Quando tomamos nosso suntuoso café da manhã com ovos fritos, geleia, laranjas frescas, muffins de farelo e mingau de aveia, ouvi as vozes de Nimmie e Ian enquanto se aproximavam da entrada. Olhando pela janela, notei que ainda estava chovendo. Este dia não seria mais

agradável do que ontem, lamentei.

Wynn abriu a porta para os nossos convidados e comecei a colocar a comida na mesa. Na parte de trás do meu fogão havia um borbulhante pote de batatas. Eu mal podia esperar para provar algumas. Estávamos sem comer batatas há semanas! Disse a mim mesma enquanto as descascava antes do café da manhã que iria cozinhá-las para fritar no almoço. Agora, enquanto sentia o cheiro delas, eu sabia que estava enganando a mim mesma, pois jamais esperaria pelo almoço. Um pouco envergonhada, coloquei-as em um prato e deixei em nossa mesa de café da manhã.

Depois que todos se sentaram e a oração da manhã terminou, eu peguei primeiro a tigela de batatas. Sim, a aveia certamente teria um gosto bom, as laranjas seriam um deleite maravilhoso. E eu mal podia esperar por um muffin de farelo com manteiga de verdade, em vez de biscoitos secos. Mas o que eu mais queria era uma boa quantidade de batatas, mesmo que fosse no café da manhã.

— É tolice, eu sei — disse, corando —, mas mal posso esperar pelo sabor das batatas novamente. Nunca percebi o quanto sentia falta delas até que as vi esta manhã, todas frescas e redondas, sem rugas ou brotos por toda parte.

Ian me compreendeu e sorriu e piscou para Nimmie. Eu borriefei sal e pimenta, untado com um pouco de manteiga de verdade e levei uma garfada de batatas à minha boca. Estavam tão boas quanto esperava. Eu saboreei o bocado, aproveitando-o ao máximo.

Wynn também evitou o mingau de aveia e pegou a fumegante tigela.

— Você vai comer batatas também? — perguntei, surpresa.

— Claro que vou. — Ele riu. — Tive medo quando senti o cheiro delas cozinhando e pensei que você ia me fazer esperar pelo almoço. Estava me perguntando como eu poderia roubar algumas da panela sem ser apanhado.

Todos nós rimos muito. Nimmie e Ian nos permitiram nossas batatas, e eles comeram a aveia e os muffins.

Após o café da manhã, Ian foi preparar a carroça e caixas para que suas coisas fossem levadas para a cabana em uma única viagem. A chuva diminuiu, mas seus pertences ainda precisavam ser colocados sob a lona.

Com a remoção dos pertences dos McLains, e nossas coisas sendo colocadas no depósito, Wynn tinha mais espaço para organizar o resto dos suprimentos. Aos poucos ele foi separando e levando tudo para o seu escritório.

Eu fiz o meu melhor para ajudá-lo. Ele não me deixou carregar coisas mais pesadas, e tive que perguntar sobre a maioria dos itens

que levava, para ter certeza de que os empilhava onde ele pudesse encontrá-los.

Por volta do meio-dia, tínhamos caminho aberto pela nossa sala de estar, e o sofá foi descoberto e liberado. Kip pôde voltar para seu lugar favorito antes do incêndio.

Voltei para a cozinha para preparar nossa refeição, e novamente cozinhei batatas. Também cozinhei cenouras, pastinacas e nabos. Era uma combinação estranha, mas tudo aquilo era muito bom para mim! Inventei um pouco de salada de repolho e informei Wynn que nosso jantar estava pronto. Foi só quando nos sentamos que percebi que não tinha preparado nenhuma carne.

Eu estava realmente cansada de carne, mas me perguntei se Wynn sentiria falta. Se ele sentiu, não mencionou. Em vez disso, falou que os vegetais estavam bons.

À tarde, Wynn terminou de empilhar os suprimentos para os aldeões. Quase todo centímetro do chão do seu escritório estava coberto, e as pilhas quase chegavam ao teto.

Então ele começou a trabalhar em uma pequena janela da sala.

Curiosa, observei para ver o que ele estava fazendo. Ele estava montando uma prateleira que se estendia para dentro e para fora na borda inferior da janela. Ele não esperou que eu perguntasse para que era.

— Estou fazendo uma prateleira para poder distribuir os suprimentos daqui e então as pessoas não precisarão entrar na casa para pegá-los.

Imaginei uma longa fila de pessoas famintas, com frio e úmidas, enfileiradas para receber suas porções diárias.

— Mas eles não podem esperar lá fora na chuva — protestei, desejando renunciar aos pisos limpos para o conforto delas.

— Eles têm que esperar na chuva de qualquer maneira — explicou Wynn. — Nem todos cabem em nossa sala de estar ao mesmo tempo.

Percebendo que ele estava certo, voltei para minha cozinha e por alguns momentos, orei para que a chuva parasse.

Ian voltou com um grande livro-razão na mão. Os indígenas haviam sido informados que deveriam esperar pelo sinal antes de formarem a fila para mais suprimentos. As da noite anterior foram distribuídas gratuitamente, com profunda gratidão por Deus ter nos ajudado.

Agora os registros precisariam ser feitos. Todo homem do vilarejo tinha sua captura de peles de inverno, e a contagem seria feita até o dia em que McLain pudesse levar as peles para fechar as contas. Primeiro ele precisaria construir seu novo entreposto comercial, a

nova sede.

Assim que Ian bateu no tambor com o martelo, a fila começou a se formar. Embora não tivesse parado de chover, diminuiu consideravelmente. Agradei a Deus por isso.

Hoje as mulheres tagarelavam enquanto aguardavam na fila. Elas puderam finalmente acreditar que os suprimentos haviam chegado, e era suficiente para a necessidade diária, em vez de apenas um sonho fugaz de alívio.

Enquanto Wynn distribuía suprimentos para eles, um por um, o Sr. McLain ativamente anotava os itens em suas contas. Agora as mulheres tinham a opção de compra. Ontem, todos receberam os mesmos itens para preparar uma refeição.

Estava escurecendo quando o último da fila foi atendido.

Wynn fechou a janela e se virou para Ian.

— Isso vai funcionar? — perguntou ele.

— Perfeito — exultou Ian. — Estou feliz que você pensou na prateleira. Nimmie estará estabelecida amanhã, e então poderá tomar o seu lugar. Sabemos que você não pode gastar todo o seu tempo distribuindo alimentos.

— Fico feliz em ajudar até que você esteja um pouco estabelecido, mas eu preciso voltar para a trilha novamente. Há um número de pessoas que eu devo verificar o mais rápido possível.

— Nós entendemos — Ian assegurou. — Nimmie e eu poderemos lidar com isso de agora em diante.

— Mas, e a construção da nova sede? — perguntou Wynn.

Ian ponderou. Era verdade. Ele estaria mais do que ocupado.

Suas habilidades de construção e direção eram necessárias no projeto. Embora houvesse muitos homens que ficariam felizes em trabalhar para Ian, eles não podiam prosseguir sem supervisão. Ian precisaria estar disponível todos os dias, o dia todo.

— Teremos que pensar em algo — Ian estava dizendo quando interrompi hesitantemente da porta.

— Eu posso ajudar Nimmie se você me mostrar o que fazer. Ambos os homens se viraram para olhar para mim.

Wynn quebrou o silêncio.

— Aí está a solução — disse ele a Ian com um sorriso.

Sr. McLain parecia aliviado.

— Você tem certeza? — ele me perguntou.

— Claro. Eu ficaria feliz em ajudar.

— Que tal manter o livro-razão?

— O livro-razão?

— Registrando o que é entregue a cada família. Nimmie vai te

dizer o que escrever.

— Seria ótimo — gaguejei. — Tenho certeza... claro que poderia lidar com isto.

— Tenho certeza que você pode — disse McLain com segurança. — Então Nimmie poderia trabalhar com as pessoas. Seria um pouco mais fácil para ela; algumas das pessoas não sabem muito inglês e você não entende muito da língua deles ainda.

— Gostei de seu raciocínio. Nimmie poderia atender os clientes e eu poderia trabalhar junto com ela e controlar as contas. Ela estaria por perto, afinal!

Nesse ínterim, esperava que o projeto de construção andasse rapidamente. Fiquei grata pelos suprimentos para as pessoas. Eu também estava grata por recuperar minha casa. Olhei em volta para os suprimentos. Nossa casa parecia muito melhor do que pela manhã, embora o pequeno escritório de Wynn não estivesse livre para seu uso, e muitas coisas ainda estivessem empilhadas perto das paredes dos nossos aposentos.

Sim, esperava de todo o coração que a construção da nova sede fosse bem rápida.

Capítulo 6 – Rotina

Na manhã seguinte, as nuvens começaram a se dissipar e a chuva forte que caiu durante a noite diminuiu gradualmente para garoa. Comecei a ter esperança de que a chuva pudesse realmente parar.

No meio da tarde, o sol começava a aparecer por entre as nuvens. Peguei minha tina para poder lavar as roupas molhadas e sujas dos dias anteriores e estendê-las no varal.

Trabalhei rapidamente, pois sabia que não havia muito tempo até que Nimmie chegasse para tocar o tambor e a fila para o abastecimento da noite se formar.

Eu tinha acabado de pendurar a última peça no varal, jogava fora a água da roupa lavada e voltava para a minha cozinha quando olhei pela janela e pude ver Nimmie subindo o caminho, seca e com suas próprias roupas pela primeira vez desde que retornou ao vilarejo. Todavia, seus pés não estavam livres da lama pesada. Ela parecia usar sapatos de neve marrons enquanto caminhava pesadamente, levantando cuidadosamente um pé cheio de lama após o outro enquanto subia até nossa porta.

Chamei-a para entrar enquanto colocava a chaleira no fogo para tomarmos uma xícara de chá antes de iniciar nossas tarefas na loja. Ela não entrou, mas me chamou à porta:

— Você poderia trazer um pouco de água, por favor, para que eu lavar meus pés?

Eu derramei água quente na bacia, joguei uma toalha no braço e fui até a porta.

Nimmie não havia se preocupado em colocar nada nos pés. Sabendo do barro que juntaria durante a caminhada, ela veio descalça. Era muito mais fácil limpar os pés do que os sapatos. Ela se sentou no caminho e os lavou na bacia, recusando a toalha limpa.

— Eles não estão limpos o suficiente para isso — protestou ela. — Me dá um pano velho. — Ela secou os pés em um pano que eu encontrei, limpou a bacia e entrou, fechando a porta atrás de si.

— Não é ótimo ver o sol de novo? — ela exclamou enquanto se acomodava em uma cadeira. Eu concordei enquanto servia nosso chá.

Depois de esvaziarmos nossas xícaras, fomos para o quarto de armazenamento. Nimmie me mostrou como registrar os itens sob o nome de cada família no livro-razão e depois saiu para chamar os moradores enquanto eu abria a janela para nossos primeiros clientes.

No começo foi tudo novidade e muito divertido, mas quando tínhamos medido e servido, registrado e alterado, discutido e satisfeito cada um de nossos clientes, acho que nós duas estávamos prontas para

encerrar o dia.

Wynn tinha ido fazer algumas visitas. Ele não tinha ideia de quando estaria de volta, então não poderia me dar uma previsão para o jantar. Eu já havia preparado e tentaria mantê-lo o mais quente e saboroso possível, esperando que ele não chegasse muito tarde.

Nimmie saiu na penumbra para preparar uma refeição para Ian. Ele, com vários homens, tinha partido para a floresta naquela manhã para marcar as árvores para corte. Nimmie tampouco sabia a que horas seria seu jantar.

De uma coisa sabíamos: estávamos contentes por não chover mais.

— * —

Os dias que se seguiram foram muito parecidos com o primeiro. Corria para o meu trabalho doméstico para que pudesse fazer o que precisava ser feito no dia. Tenho certeza que Nimmie fazia o mesmo.

A cada dia as trilhas ficavam um pouco mais secas, então o caminho esburacado até a nossa porta não estava mais escorregadio com lama. Eu até tentei nivelar os sulcos no caminho, para a diversão de Nimmie.

O vilarejo fervilhava com nova vida e agitação. As mulheres vasculhavam a floresta em busca de plantas comestíveis da primavera para cozinhar. Alguns dos homens, sob a direção de Ian, derrubavam árvores, enquanto outros limpavam os destroços deixados pelo incêndio na antiga sede do entreposto comercial. Estacas no chão demarcavam onde seria o novo entreposto, um pouco maior que o primeiro. Os aposentos no fundo seriam para Nimmie, Ian e para os filhos que eles ansiavam ter. Não haveria necessidade de alojamento para Katherine. Ela decidiu voltar para lecionar na região de *Edmonton*.

A cada dia, Wynn retomava a patrulha. Com os caminhos livres da neve, a matilha já não era útil, então as viagens de Wynn eram ainda mais difíceis do que o normal. Os rios e riachos cheios tornavam as viagens de canoa arriscadas. Com o retorno do sol, os mosquitos eclodiram em grande número. A trilha não era um lugar agradável para se estar, mas fazia parte do trabalho dele; e assim sem reclamar, Wynn colocava a mochila com suprimentos de emergência e seu almoço no ombro e saía todas as manhãs ao nascer do sol.

Nimmie e eu logo estabelecemos uma rotina diária. Ela chegava pontualmente às três, tomávamos uma xícara de chá da tarde ou café, e então batíamos o tambor e sinalizávamos para as senhoras que a “loja” do vilarejo estava aberta para negócios.

O sol brilhava em alguns dias e a chuva caía em outros. Gradualmente uma estrutura tomava forma no assentamento enquanto os homens trabalhavam sob a direção de Ian. Wynn ajudava quando

suas funções não o exigiam em outro lugar.

Wynn tinha encontrado alguns caçadores que realmente precisavam de ajuda, homens que viviam sozinhos e não vieram para o vilarejo quando o inverno acabou. Um homem ficou doente por mais de duas semanas; ele ficou tão fraco que não conseguia cuidar de si mesmo. Wynn ia à sua cabana todos os dias para preparar a comida e dar-lhe remédios. Outro homem também ficou doente, mas quando Wynn o encontrou ele já estava muito ruim para se recuperar.

Embora Wynn tenha cuidado dele por vários dias, dando-lhe o medicamento disponível, ele tristemente foi de médico a agente funerário e pároco, finalmente entregando o homem à terra da qual esteve tão próximo por tantos anos.

Os mosquitos e moscas negras voavam em massa. Era difícil lembrar da miséria que causaram no ano anterior. Tive que me acostumar com eles novamente.

Nimmie e eu plantamos em nossos jardins as sementes que ela trouxe. Eu mal podia esperar que brotassem e as plantas tenras aparecessem. Nimmie era muito mais paciente do que eu.

A hora do parto de Nimmie estava se aproximando. Ela não parecia sentir nada além da espera, mas por algum motivo, eu me alarmei.

E se algo der errado? O que faremos se precisarmos de um médico? Pela primeira vez, comecei a me sentir um pouco grata por não ser aquela que esperava a chegada de um bebê. Eu não tinha compartilhado minhas orações com Wynn, mas por algumas semanas vinha orando todas as noites para que Deus concedesse meu desejo de uma família — e logo. Já estávamos casados há quase um ano e parecia que já estava na hora de Deus começar a responder minha oração.

Ainda assim, quando olhava para Nimmie, que se tornava cada vez maior e mais pesada, me arrepiava de medo. *Talvez fosse mais fácil se eu estivesse em trabalho de parto*, pensei, *em vez de saber que minha querida amiga era quem enfrentaria tais dores.* De qualquer forma, me peguei pensando mais e mais em Nimmie e na sua hora de dar à luz, que era iminente. Orei ainda mais fervorosamente por ela e pelo bebê do que jamais orei por qualquer outra coisa em toda a minha vida.

— Por favor, querido Deus — eu implorava diariamente, quase de hora em hora, — por favor, que tudo corra bem.

Capítulo 7 – A Vida Continua

A essa altura, a nova sede do entreposto comercial estava avançada o suficiente para os suprimentos serem organizados dentro do galpão. Sr. McLain sabia que Wynn precisava de seu pequeno escritório e que eu estava ansiosa para ter meus aposentos de volta.

Os homens novamente invadiram minha casa para carregar as carroças com tudo que pertencia ao dono da loja. Foi um alívio ver tudo aquilo sendo levado, mas um pouco triste também. Eu tinha gostado da sensação de ser útil no pequeno povoado.

Me senti melhor quando decidimos que Nimmie e eu continuaríamos na distribuição; em vez de Nimmie vir à minha casa, agora eu faria a caminhada até a aldeia.

Eu não tinha ido muito até lá nas últimas semanas, pois simplesmente não tinha razão para ir. Nimmie vinha à minha casa diariamente, e eu via quase todas as mulheres do vilarejo regularmente quando vinham buscar suprimentos. E nossos suprimentos para meses seguintes foram armazenados em nosso próprio depósito. Embora eu não tivesse sentido muita falta das pequenas excursões à vila, Kip sentiu. Ele estava inquieto. Tentava levá-lo para passear todas as manhãs assim que terminava minhas tarefas domésticas, mas ele continuava a choramingar na porta.

Eu não tinha tempo para brincar com ele como antes e estava com medo de deixá-lo sair por conta própria. Tinha certeza que ele iria para o vilarejo e ao encontro dos outros cães, e mesmo não sendo mais um filhote, eu ainda não gostava da ideia de uma luta. Tinha certeza que aconteceria se Kip tivesse permissão para correr livremente. Eu estava especialmente determinada a mantê-lo longe de Buck, o lutador do vilarejo, enquanto fosse possível; minha preferência era para sempre. Eu, pelo menos, queria ter a certeza que Kip estava totalmente crescido, para ter alguma chance de vencer. Buck era um lutador experiente e mau. De modo algum eu queria Kip se envolvendo com ele.

Então, corria por caminhos e trilhas arborizadas à beira do rio sempre que podia incluir isso na minha programação matinal, apenas para ter certeza de que os músculos de Kip fossem exercitados, e à tarde, quando Nimmie e eu estávamos ocupadas na distribuição, o mantinha dentro de casa.

Até mesmo essas corridas foram reduzidas.

Nimmie e eu sentíamos falta dos nossos estudos bíblicos, então decidimos que, embora estivéssemos ocupadas, tentaríamos estudar uma vez por semana, às quartas-feiras. Isso significava que nossas

outras funções teriam que ser espremidas nas demais manhãs da semana.

Ambos os jardins estavam indo bem. Ficamos orgulhosas e animadas com o cultivo dos vegetais. Eu mal podia esperar que crescessem o suficiente para servi-los, mas o jardim também dava trabalho. Apesar das plantas crescerem rapidamente ao sol de verão, as ervas daninhas pareciam ser ainda mais rápidas. Dava um trabalho!

Então o verão foi agitado, e a cada dia ficávamos mais perto do primeiro de agosto. A partir de então, me perguntava se poderia dormir pensando em Nimmie e no seu bebê que estava a caminho.

Uma tarde, ao sair de casa para ir ao vilarejo para as horas de distribuição, meus pensamentos estavam ocupados com Nimmie e com o pequenino que ela esperava. Quando cheguei à porta, Kip estava ao meu lado, me empurrando para sair rapidamente; quando olhou para mim, seus olhos imploravam e ele choramingava. Vários dias se passaram desde sua última corrida.

Ele parecia tão triste quando seus grandes olhos azuis me encararam...

— Tudo bem — eu disse —, você pode vir. Mas você tem que ser bonzinho. Você vai ter que ficar quieto em um canto enquanto faço meu trabalho.

O rabo de Kip começou a balançar quando reconheceu o consentimento em meu tom de voz.

Caminhamos juntos a curta distância até o vilarejo, e Kip dava um jeito de entrar em algumas trilhas paralelas. Quando chegamos à sede, Kip obedientemente deitou-se no canto que apontei para ele e ali ficou.

Com o barulho dos martelos e serras manuais tão próximo, Nimmie e eu frequentemente tínhamos que levantar nossas vozes uma para a outra para podermos compreender nossas instruções mútuas.

Agora os clientes já não precisavam vir com tanta frequência. As mulheres organizaram suas famílias a ponto de terem provisões básicas, e muitas delas faziam viagens diárias à floresta para buscar alimentos frescos. Estou certa que receberam o complemento às suas dietas com tanta alegria quanto eu.

Nimmie me incentivou a sair um pouco mais cedo, dizendo que ela ficaria por um tempo, caso alguém mais viesse. Chamei Kip para andar junto e partimos rumo à nossa cabana.

Eu não estava prestando muita atenção em Kip enquanto caminhávamos sob o sol do fim da tarde. Meus pensamentos estavam novamente em Nimmie. Ela não disse nada, mas acho que percebi cansaço em seus olhos e seus movimentos mais lentos que o normal.

Será que era minha imaginação?

Enquanto caminhava pelo vilarejo, os cães latiram e rosnaram para mim, forçando suas coleiras. Tenho certeza que o que provocava a maioria deles era ver Kip invadindo seu território. Respeitei o espaço deles e me certifiquei de me desviar uma boa distância de seus territórios, mas já não tinha o medo de antes.

Como agora havia comida suficiente para os cães do vilarejo, eles estavam redondos e fofos novamente e não mais sarnentos e desgrenhados como antes durante os difíceis meses de inverno. Eu entendia que, de fato, não havia razão para eles serem tão agressivos e desagradáveis, então prestei pouca atenção neles. Ao escolher ignorar os cães, tentei não os antagonizar. Não havia ódio entre eles e eu enquanto mostravam suas presas e rosnavam sempre que sentiam que estávamos chegando perto demais.

Kip corria ao meu lado, avançando sempre que eu comandava. Nós ainda não estávamos longe o suficiente da aldeia para permitir que ele fizesse seus caminhos paralelos. Ele ainda era o cachorro mais bonito do povoado. Wynn disse que ele já havia alcançado seu tamanho máximo, embora ainda pudesse engordar alguns quilos.

Ele era macio e fofo com a ponta dos pelos prateada e as crianças o amavam, e mesmo aquelas que haviam sido cruelmente mordidas por um cão da vila no passado, tinham aprendido que era seguro passar a mão em Kip. Muitas crianças envolviam seus braços em seu pescoço ou brincavam de briga com ele no chão da nossa cabana.

Estávamos chegando à última cabana da vila e eu estava prestes a deixar Kip correr livremente quando vi os pelos do seu pescoço se eriçar. Não foram muitas as vezes que Kip reagiu dessa forma e eu hesitei, perguntando-me o que estaria errado. Meu primeiro pensamento foi que algum pequeno animal selvagem tinha entrado no vilarejo — talvez um gambá com um cheiro desagradável.

E então eu o vi. Buck corria em nossa direção com a boca aberta os lábios cerrados e dentes expostos. Seus pelos estavam altos também e eu sabia que, desta vez, Kip aceitaria o desafio. Com um flash me lembrei do dia em que Buck avançou em Kip, que então era apenas um filhotinho. Ele havia recuado submetendo-se ao cão mais velho. Mas agora, a postura de Kip não era de submissão. Ele era um cão adulto e tinha seu orgulho.

Buck parou a poucos metros de Kip. Chamei Kip para perto novamente, mas ele agiu como se nunca tivesse ouvido minha voz, nem aprendido o significado da palavra. Ele deu um passo para o lado como se quisesse sentir o terreno e ter certeza de onde estava pisando.

Assisti horrorizada enquanto Buck se aproximava e Kip não recuava. Seus dentes estavam à mostra e pude ouvir o rosnado que

vinha do fundo de sua garganta.

Lentamente, eles começaram a circular um ao outro, com olhos intensos, e gargantas expressando desafio e ameaça; e então houve uma investida repentina. Não sei qual cachorro fez o primeiro movimento. Só sei que se encontraram no ar e gritaram enraivecidos enquanto seus corpos se chocavam e seus dentes mordiam.

Os dois cães tinham a proteção de um casaco pesado. Eles miravam na garganta, nos olhos, no rosto, cada vez que se lançavam um contra o outro. Eles atacavam com fúria ligeira e, em seguida, caíam na poeira rolando sem parar, com grunhidos e rosnados e latidos agudos de raiva ou dor.

Eu fiquei enraizada no local, querendo pará-los, querendo correr, querendo gritar para alguém fazer *alguma coisa!* Mas não fiz nada, apenas levei as mãos ao rosto e orei para que acabasse logo.

Horrorizada, fiquei chocada demais para chorar. Será que nunca acabaria? Eles pausavam e circulavam e então corriam um para o outro de novo, caindo para um lado e para outro, atingindo o rosto ou uma perna em um esforço de derrubar o adversário. Pude ver que Kip estava sangrando.

Ele tinha um corte na bochecha que jorrava sangue enquanto rolava para frente e para trás na sujeira.

Mas Kip não foi o único ferido. Buck também estava sangrando no pescoço por conta de um corte. Ainda assim, eles se atracavam e rolavam. Continuamente giravam suas cabeças de um lado para o outro para atacar seu oponente e então se livrar do contra-ataque. *Isso é terrível!* Eu lamentei.

Por fim, com um movimento rápido, Kip segurou a perna de Buck entre os dentes e apertou com força. O cachorro mais velho gritou de dor e saltou para frente para se libertar. Kip se manteve firme e, como Buck, atirou-se para longe. Eu ouvi um estalo nauseante.

Novamente eles se atracaram, mas estava claro que a perna dianteira direita de Buck tinha sido quebrada.

Consegui achar minha voz. Gritei para eles pararem. Mesmo tendo tanto medo e não gostando de Buck, não queria vê-lo ferido. Nem queria correr o risco de Kip se machucar ainda mais. Apesar do ferimento, Buck ainda estava determinado a morder o cão mais jovem. Com uma ferocidade que jamais vi antes, ele atacou novamente e outra ferida apareceu na lateral da mandíbula de Kip.

— Parem! — Gritei. — Parem com isso, vocês dois! Parem com isso, vocês ouviram? — Mas fui totalmente ignorada.

Eles se afastaram e circularam novamente. Buck habilmente tentando se manobrar sobre as três pernas boas. Ambos estavam muito ofegantes, suas línguas estavam penduradas e suas costelas se

agitavam.

— Parem! — Gritei novamente. — Parem! Vá para casa, Buck! Vá para casa! Kip, junto! — Mas eles não prestaram atenção às minhas palavras.

Foi Kip quem saltou primeiro. Ele mirou outro golpe na orelha de Buck já rasgada e sangrando e o grande husky gritou de dor e raiva.

E então, acabou; tão rápido quanto começou. Buck, vencido, tinha seu rabo dobrado submissamente entre as pernas, e sua perna estava encolhida no alto enquanto corria.

Corri para Kip e caí de joelhos ao lado dele.

— Cachorro mau — o repreendi, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. — Cachorro mau. Você não deve lutar. Você não sabe que não deve lutar? É ruim lutar. É ruim lutar, a menos que você realmente precise. E de repente, percebi que Kip realmente precisou lutar. Buck o havia desafiado.

— Vamos — eu disse, — Vou te levar para casa. O levei para a cabana. Ele obedeceu lindamente, assim como fora ensinado. Eu andei rapidamente, querendo levá-lo para a segurança de seu tapete diante da lareira, onde eu poderia avaliar e cuidar de suas feridas.

Depois de fechar a porta com segurança, ajoelhei-me ao lado dele novamente e corri meus dedos sobre seu corpo. Ele ainda tremia.

Seu rosto estava coberto de sangue pelos dois cortes nas bochechas, mas fora isso, ele parecia estar bem.

Comecei a chorar de novo enquanto o segurava. Ele deve ter se perguntado o que estava errado comigo. Eu tremia tanto quanto ele.

— Você o lambeu, seu cachorro louco — eu disse a ele. — Você lambeu o grande valentão. Eu não queria que você o fizesse, mas você fez. Você lambeu o pior cachorro de todo o vilarejo. Endireitei-me e limpei meu rosto coberto de lágrimas. Minha voz tornou-se firme.

— Agora você não terá que lutar novamente nunca mais. Você ouviu?

Capítulo 8 –Surpresas

Um beijo no nariz me acordou. Lutei para abrir meus olhos e focá-los corretamente. Wynn estava inclinado sobre mim. Ele estendeu a mão e afastou alguns cabelos rebeldes do meu rosto.

— Você sabe que dia é hoje, Elizabeth? — ele me perguntou.

Pareceu-me uma pergunta bastante tola, mas lutei para fazer meu cérebro funcionar para poder chegar a resposta adequada.

— É sexta-feira — disse, intrigada por ele ter perguntado.

Ele riu baixinho e me beijou novamente.

— É mais do que sexta-feira, minha querida. É nosso primeiro aniversário.

Eu me endireitei, quase acertando o queixo de Wynn com minha cabeça.

— Sério? — Wynn evitou meu golpe.

— Sério! — disse ele, rindo de mim novamente.

Aniversários deveriam ser ocasiões especiais — talvez uma saída à noite e um jantar à luz de velas. Não haveria tal coisa aqui no Norte de Wynn. Eu não acho que poderia encontrar uma vela.

As velas não eram necessárias quando apenas lamparinas eram acesas.

— Oh, Wynn — lamentei, — Eu me esqueci. Não planejei nada especial.

— Eu planejei — disse Wynn. — Pelo menos espero que você ache isso especial. Lembra que você anda implorando para acampar? Onde podemos dormir sob as estrelas?

Eu balancei a cabeça, com meus olhos arregalados e cheios de antecipação.

— Bem, você gostaria de fazer essa viagem hoje?

Gritei e agarrei o pescoço de Wynn. Eu acho que ele tomou aquilo como minha resposta.

— Já tenho tudo pronto para partirmos — disse ele. — Podemos sair logo depois do nosso café da manhã.

Não demorei muito para sair da cama, me vestir e tomar o café à mesa. Kip sentiu a empolgação e choramingou na porta, temendo que fôssemos sem ele. Eu afaguei sua cabeça e lhe assegurei que iria.

Assim que tirei as coisas do café da manhã, juntei alguns itens pessoais que queria levar e os coloquei nos pacotes que Wynn havia preparado. Sabia que Wynn tinha muito mais conhecimento do que eu sobre o que era necessário para um acampamento noturno, mas eu ainda não consegui segurar a pergunta:

— Você se lembrou dos fósforos? Tem certeza de que temos toda a comida de que precisamos?

Wynn apenas riu e me disse para confiar nele.

Nós finalmente fizemos as malas e seguimos nosso caminho, Kip ia adiante. Cada um com uma mochila – a de Wynn um pouco mais pesada do que a minha — caminhamos durante a maior parte da manhã e chegamos ao belíssimo local ao lado de um pequeno lago feito por castores represando a corrente. Os abetos, densos ao nosso redor, formavam um dossel sobre nossas cabeças.

Era simplesmente perfeito.

— E aqui paramos — disse Wynn, para minha alegria.

Ele insistiu em montar acampamento, e eu apenas vaguei, absorvendo toda a beleza ao meu redor. Wynn cortou ramos de abeto para nosso colchão e, em seguida, estendeu nossas peles e cobertores para fazer uma cama. Parecia tão convidativo quando ele terminou que eu sabia que não sentiria falta da nossa cama.

Wynn até preparou nossa refeição, dizendo que esse aniversário era minha folga. Eu ri e o deixei me divertir.

Lavamos os pratos juntos no riacho próximo e, em seguida, sentamos encostados em um tronco caído enquanto observávamos os castores trabalharem.

Foi nossa primeira oportunidade de realmente conversar em semanas; então, com nossos dedos entrelaçados conversamos baixinho enquanto observávamos um casal de castores. Falamos de muitas coisas, algumas pequenas e tolas, outras mais importantes e parte de nossos sonhos e planos particulares para o futuro.

Apreendi muito sobre meu marido naquele acampamento. Pensei que já o conhecia bem, mas ele compartilhou comigo tantas coisas novas sobre sua infância, sobre seu treinamento, sobre seus desejos e objetivos.

Também compartilhei meus pensamentos e sentimentos com Wynn. Eu acho que ele adivinhou parte dos meus desejos quando falei a respeito de Nimmie e de seu bebê tão melancolicamente.

— Você quer ter um filho, não quer, Elizabeth? — Era mais uma declaração do que uma pergunta.

— Oh, muito! — disse a ele. — Mal posso esperar. E nós estamos casados há um ano e... — Não terminei a sentença por medo de que Wynn de alguma forma pensasse que eu o estava culpando. — Deus sabe a hora certa — concluí.

Wynn assentiu e conversamos sobre outras coisas.

Ele me levou para passear e me mostrou a flora e a fauna que eu nunca tinha visto.

Nosso jantar não foi à luz de velas, nem foi um banquete gourmet

em um restaurante chique. Mas eu não o trocaria por nada no mundo.

Wynn o preparou na fogueira, assando peixes recém pescados lentamente até ficar perfeito e servi-los com legumes que tinha trazido da nossa horta. A sobremesa era amora, de uma árvore próxima que comemos enquanto as colhíamos. Nós rimos dos nossos lábios e dentes manchados.

Quando o sol se pôs, o ar ficou frio e Wynn jogou mais lenha na fogueira. Então nos enrolamos em um cobertor e nos encostamos em um grande pinheiro enquanto observávamos as estrelas começarem a aparecer.

A noite estava agitada com a vida noturna da selva. Wynn identificava cada som para mim — o grito do mergulhão, o abanar das asas da coruja quando mergulhava em seu voo para agarrar uma presa desavisada, um rato correndo por entre as agulhas de pinheiro, um alce-touro urrando um desafio. Quando os lobos começaram seu coro noturno, eu estremeci um pouco e fiquei feliz por ter o braço de Wynn ao meu redor. Mas nem mesmo os lobos poderiam me perturbar nesta noite.

Tudo teria sido perfeito se pudéssemos escapar dos atormentadores mosquitos. Wynn jogou ramos verdes no fogo, e nos sentamos na fumaça para mantê-los afastados.

Quando o sol desapareceu totalmente, mais estrelas cintilaram à vista, tomando suas devidas posições no céu noturno aveludado.

E foi então que eu tive a visão mais espetacular de toda a minha vida: de repente, o céu estava cheio de arco-íris arrebatadores. Luzes balançavam e giravam acima de nós, varrendo os céus em movimentos espetaculares. Às vezes, todo o céu parecia ser um movimento gigante de cores, e então as luzes recuavam parecendo querer terminar uma cena, então voltavam novamente para anunciar um novo ato.

— São tão lindas — sussurrei maravilhada repetidas vezes, achando difícil acreditar que eram apenas as luzes do Norte que estávamos assistindo. Embora eu as tivesse assistido boquiaberta muitas vezes desde que chegara ao Norte, nunca tinha visto uma exibição tão maravilhosa!

Ficamos ali sentados durante a noite, aproveitando mesmo depois que as últimas luzes dos nossos grandes fogos de artifício do Norte desapareceram nos céus. A escuridão profunda ao nosso redor parecia nos cercar, prometendo proteção. As estrelas brilharam ainda mais quando Wynn apontou diferentes constelações para mim.

Enquanto estava ali sentada no calor dos braços de Wynn, percebi que poderia haver muitos aniversários diante de nós. Eu orei a Deus para que o permitisse. Mas nunca haveria um que ofuscasse o que estávamos compartilhando agora.

Primeiro de agosto.

Olhei para a data no meu calendário com apreensão. Eu tinha visto Nimmie na noite anterior e ela parecia bem. Ela tinha falado sobre a chegada de seu bebê, e seus olhos brilhavam.

— Em breve — ela disse — saberemos se será um caçador ou uma coletora de ervas.

Consegui rir de como Nimmie descrevia seu menino ou menina, mas por dentro senti uma pequena pontada. Parte da pontada não foi nada mais do que inveja. Eu ainda não estava grávida e minhas orações diárias não tinham mudado. A outra parte da pontada foi por Nimmie e seu bebê. A taxa de mortalidade entre os indígenas era alta, e eu sabia o quanto Nimmie queria essa criança. Que coisa terrível se isso lhe fosse negado.

Mais uma vez, surgiu o pensamento de que eu não ficaria tão preocupada se fosse eu a dar à luz, pois a taxa de mortalidade não era tão alta entre meu povo. Nem me ocorreu que o bebê que eu carregasse também poderia estar em perigo no parto. Só esperava que quando fosse minha vez, tudo corresse bem.

De repente percebi que isso também era o que Nimmie esperava. Ela sequer considerava a possibilidade de algo dar errado.

E então olhei para o calendário com ansiedade e apreensão. Em pouco tempo saberíamos. O que o médico da cidade tinha dito? Cinco de agosto. Faltavam somente cinco dias para o nascimento do bebê.

Decidi fazer uma rápida visita a Nimmie. Eu assaria um bocado de pão conforme planejado, tiraria um tempo de oração e depois iria vê-la.

Meu tempo de comunhão foi mais longo do que o normal enquanto implorava a Deus novamente por um parto seguro para Nimmie do caçador ou da coletora de ervas, não me importava. Quando terminei de orar, fui verificar o crescimento do pão. Enquanto assava, voltei minha atenção para alguns reparos. Uma camisa de Wynn perdeu alguns botões quando o cão-líder de um caçador o atacou ferozmente. Enquanto eu costurava, agradecia, pois apenas a camisa tinha sido danificada no incidente. Tive que secar algumas lágrimas antes de substituir os botões e, quando terminei, pude sentir o aroma do pão recém assado.

Enrolei cuidadosamente um pão para Nimmie. Eu tinha acabado de dizer não a Kip, que me olhava suplicante e estendeu a pata em direção ao pão, quando houve um barulho na porta.

Era a Sra. Sam. Ela já não vinha à minha casa há algumas semanas. Eu a recebi. Embora fosse me atrasar, eu não poderia dizer à Sra. Sam que eu estava de saída. Ela esperaria pela xícara de chá

habitual. Coloquei o pão de volta na mesa e puxei a chaleira para frente no fogão. Felizmente a água já estava quente.

Eu fiz o chá, nós nos sentamos, bebemos e comemos biscoitos de açúcar enquanto conversamos sobre a vida no vilarejo.

Sra. Sam disse que a perspectiva das frutas parecia boa.

— Muitas, muitas — ela afirmou e eu estava feliz por isso. Esperava colher e guardar um bom número de potes de frutas vermelhas para nosso inverno. Isto, somado à nossa boa horta, faria com que a ideia de outro inverno não fosse tão triste.

A Sra. Sam bebeu devagar enquanto eu me mexia um pouco. Fui educada o suficiente para oferecer uma segunda xícara de chá. Depois, uma terceira. Depois da quarta, a Sra. Sam se levantou de sua cadeira e empurrou sua xícara de volta para o meio da mesa.

— Nimmie diga, vem agora — ela simplesmente afirmou enquanto meus olhos se arregalaram em surpresa e pavor.

Nimmie a enviou para me buscar, e aqui estávamos nós bebendo xícara após xícara de chá! Eu me virei para pegar o pão — apesar de não saber o porquê — e corri para a porta. A Sra. Sam demorou a me seguir.

Queria andar rápido — não, queria correr! — mas a Sra. Sam manteve o passo normal, que era lento e vagaroso. Me perguntei se seria falta de educação da minha parte correr na frente.

— Como está Nimmie? — Finalmente pensei em perguntar, embora estivesse com um pouco de medo da resposta.

— Bom — respondeu a Sra. Sam.

— Ela é... ela...? — Não tinha certeza de como fazer a pergunta a uma mulher indígena com o inglês limitado. — Ela está... em trabalho de parto? Dor?

— Não.

— Mas ela mandou me buscar? — Isso não era típico de Nimmie.

— Sim.

— A parteira estava com ela?

— Não mais.

— Não mais?

Eu não conseguia entender. Por que Nimmie a enviaria para me buscar, e por que a parteira iria visitá-la e depois iria embora? Tudo parecia muito estranho. E ainda era apenas primeiro de agosto.

— Nimmie está bem? — perguntei novamente.

E a resposta da Sra. Sam foi a mesma de antes:

— Bem.

— E quanto ao bebê? — perguntei exasperada.

— Ela também está bom.

Eu parei no meio do caminho, tentando entender o que a Sra. Sam tinha acabado de dizer. Ela poderia ter respondido assim sobre uma criança recém-nascida, mas quando as mulheres indígenas falavam dos não-nascidos, elas usavam o pronome 'ele', não 'ela'. Será que queria dizer... Com certeza não. Mas, ao recuperar o fôlego, perguntei mesmo assim:

— O que você quer dizer com ela?

— Ela — declarou a Sra. Sam novamente como se fosse claro o suficiente. — Dela. Garotinha.

Depois de um olhar feroz para a Sra. Sam, esqueci de continuar sendo educada. Agarrei minha saia e corri o resto do caminho para a cabana de Nimmie, fazendo com que os cães do vilarejo quase enlouquecessem enquanto eu me apressava.

Sem fôlego e tremendo, diminuí a velocidade o suficiente para fazer parar suavemente à porta de Nimmie; então, sem esperar por uma resposta, empurrei-a e entrei.

A pequena sala da cabana tinha um odor estranho, diferente de tudo que eu já tinha sentido antes. Corri para a cama no canto, achando que o cheiro devia ser algum remédio de ervas da parteira.

E lá estava Nimmie, com um sorriso de satisfação e um pacotinho com o rosto avermelhado e enrugado, mantida possessivamente em seu braço.

— Você disse... você disse dia cinco de agosto — gaguejei.

— Não — disse Nimmie balançando a cabeça e sorrindo para seu bebê. — Eu disse que o médico disse dia cinco de agosto. Nonita não aguardou a hora do médico. Ela veio quando estava pronta.

Eu olhei de novo para o pequeno e lindo bebê nos braços de Nimmie.

Uma oração surgiu em meu coração. Ela tinha chegado e estava segura e era a coisa mais linda que eu já vi.

— Uma pequena coletora de ervas — eu disse com lágrimas nos olhos. — Oh, Nimmie, ela é linda!

Capítulo 9 – Nonita

Fiquei parada por muitos minutos olhando para o bebezinho de Nimmie. Seus delicados punhos curvados estavam em uma posição relaxada sobre as bochechas rechonchudas, seu cabelo escuro ligeiramente enrolado sobre a testa. Os olhos estavam fechados e apenas um traço de cílios aparecia por causa do leve inchaço devido à sua chegada recente. Eu a proclamei linda.

Pode haver quem discutisse comigo. Um recém-nascido realmente não é muito bonito. Mas ela estava saudável e inteira, e dados alguns dias para se ajustar ao seu novo mundo, eu sabia que ela seria linda. Senti uma pontada dentro de mim novamente - algo que me dizia que exatamente naquele momento, Nimmie era uma das pessoas mais abençoadas que eu conhecia.

De repente, voltei à realidade.

— Quando ela chegou? — perguntei.

— Há cerca de uma hora. Acho que o relógio marcava 10h45.

Faltavam dez para o meio-dia.

— O que Ian achou de ter uma filha? — perguntei, não porque eu precisava perguntar, mas porque pensei que Nimmie poderia desejar se expressar.

— Ele ainda não sabe — disse Nimmie, com um pouco de impaciência na voz.

— Não sabe? — Era inacreditável para mim que Ian não tivesse sido informado.

— Ele foi para a floresta com os homens esta manhã para derrubar mais algumas árvores para a sede.

— Mas... — comecei.

— Ele saiu às seis — continuou Nimmie.

— Você não sabia... — Comecei a perguntar, mas Nimmie me interrompeu.

— Sim — disse ela, hesitantemente. — Eu pensei, mas não queria afastá-lo de seu trabalho.

— Oh, Nimmie! — disse. — Você não sabe que Ian teria preferido estar aqui? As árvores podem esperar, mas seu bebê...

— Sim, bebês não vão esperar — disse Nimmie. — Apreendi muito. Eu disse à parteira que queria esperar até que Ian voltasse para casa. Ele disse que estaria aqui pouco depois do meio-dia. Mas, Nonita... bem, ela não esperou.

Eu olhei novamente para o relógio. Se Ian dissesse que voltaria logo depois do meio-dia, ele devia chegar a qualquer momento. Soltei

um suspiro aliviado e voltei-me para Nimmie.

— Você precisa de alguma coisa? Sopa? Chá?

— A parteira me deu algumas de suas ervas de parto — disse ela.
— Me sinto muito bem. Um pouco cansada, mas bem.

Nonita de repente se contorceu nos braços de Nimmie e fechou o rosto. Ela começou a chorar e seu rosto ficou ainda mais vermelho. Ela ainda não havia desenvolvido o choro vigoroso de uma criança mais velha. Nimmie, ajustando o bebê em seu braço, a segurou para mamar, sussurrando palavras reconfortantes para ela em sua língua nativa.

O bebê parou de se agitar e se aninhou em Nimmie. O vermelho profundo sumiu de seu rosto. Nimmie a embalou e então começou a cantar para ela uma canção de ninar indígena.

Descobri que ainda estava carregando meu pão, um pouco deformado devido à minha corrida. Queria rir de sua forma ridícula agora, mas estava com medo de perturbar Nimmie ou o bebê, então andei o mais silenciosamente que pude e coloquei-o sobre a mesa.

A música de Nimmie terminou logo. Ela olhou para mim, com seus olhos ainda brilhando.

— Essa é a música que minha mãe costumava cantar para mim. Talvez todo bebê indígena tenha ouvido essa música. Vou cantar para todos os meus filhos também.

— É uma bela música — disse eu, cruzando o quarto até a cabeceira dela.

— Fala das florestas, dos rios, da lua no céu e promete ao bebê que toda a natureza será seu novo lar.

— Isso é bom. — Toquei seu braço e sorri para seu precioso pacote.

Nimmie fechou os olhos. Eu não sabia se ela a estava visualizando a criança nos próximos anos ou se estava apenas cansada.

— Nimmie, talvez você deva descansar agora. Você quer que eu fique ou vá embora?

— Não há necessidade de você ficar, Elizabeth. Ian logo estará aqui. Mandeí chamá-la porque estava ansiosa para que você visse Nonita. Não era porque eu não queria ficar sozinha.

— Eu não me importo de ficar.

— Estou bem... sério.

— Então eu irei e deixarei você descansar. Estava prestes a sair quando ela olhou para mim e sorriu.

— Você gostaria de segurar Nonita antes de ir?

Eu nem respondi; meu coração estava muito cheio e minha garganta apertada. Abaixei-me para o bebê adormecido enquanto

Nimmie a levantava suavemente em direção às minhas mãos estendidas.

Ela era tão pequena e tão leve em meus braços que me senti como se estivesse segurando apenas um sonho, apenas uma fada infantil. Ela abriu um olhinho e pareceu piscar para mim. Foi uma ação involuntária, eu sabia, mas ri mesmo assim.

— Ela é linda — declarei novamente, e disse de todo o meu coração.

Deitei o bebê na cama ao lado da mãe. Nimmie sorriu, contente.

— Algum dia, Elizabeth — disse ela — será a sua vez e então você conhecerá o profundo rio de felicidade que agora está fluindo dentro de mim.

Capítulo 10 – Verão

Nimmie logo estava de pé. Mesmo com seu bebê ela ainda encontrava tempo para trabalhar em sua horta e cuidar da loja e gerenciar as outras tarefas que estava acostumada a fazer. Eu tentava ajudar, mas ela geralmente me surpreendia e ria da minha preocupação.

— Estou forte como sempre, Elizabeth — me garantiu ela. — Por que vocês, mulheres brancas, têm a ideia de que ter um filho torna a pessoa fraca e incapaz de fazer o seu próprio trabalho?

Então fomos juntas para a horta e tiramos as ervas daninhas e colhemos os vegetais para usar em nossas mesas. Abrimos a loja e cuidamos dos clientes que vinham buscar suprimentos. Até fomos juntas colher frutas silvestres, com Nonita presa à cintura de Nimmie, e, às vezes, eu a carregava por curtas distâncias.

Nonita gradualmente perdeu sua vermelhidão e inchaço. Ela não perdeu a mecha de cabelo escuro e grosso, nem seus olhos negros.

Ian a adorava. Até mesmo Wynn parecia cativado pela pequena. Eu ficaria feliz em ser babá, mas Nimmie nunca pareceu precisar de ninguém para cuidar da garotinha.

A construção da Sede do entreposto comercial estava indo muito bem. Tempestades não atrasaram mais o seu progresso, pois ainda havia muito a ser feito na estrutura. Os quartos dos fundos também estavam sendo reformados, e Nimmie começou a mostrar sua ânsia de entrar e se estabelecer.

Essa atitude era nova para Nimmie, que normalmente era tão paciente e plácida a respeito de tudo. Suponho que ter o bebê a fez querer estar em sua própria casa, em vez da cabana improvisada.

Quase não vi Wynn durante esses dias, exceto à noite. Ele normalmente sumia antes de eu acordar pela manhã. Ele queria fazer todas as suas rondas distantes antes da primeira nevasca que chegaria em aproximadamente um mês.

Depois de uma manhã em um canteiro de frutas silvestres ou na floresta próxima, as mulheres indígenas costumavam vir à tarde para tomar chá. Eu ficava feliz em retomar nossas conversas. Ainda não passávamos o tempo todo conversando, embora eu entendesse muito mais palavras indígenas; mas tínhamos momentos confortáveis sentadas juntas apenas tomando chá e sorrindo uma para a outra.

Os ferimentos de Kip resultantes de sua luta com Buck estavam bem curados. No entanto, ele parecia ter ficado um pouco arrogante e eu tinha certeza que ele jamais fugiria de qualquer cachorro. Sempre que eu ia ao assentamento, o deixava em casa ou o colocava na coleira que Wynn havia me dado. Eu não queria uma briga de cachorro toda

vez que fosse até a aldeia, mesmo que Kip saísse vencedor.

Durante o mês de agosto, outros três bebês nasceram no vilarejo, mas apenas um deles viveu. Houve grande luto entre os locais enquanto as minúsculas sepulturas eram cavadas. Eu também fiquei triste, pensando nas mães e na dor que elas deviam sentir.

Os dias tornaram-se visivelmente mais curtos e sabíamos que o verão não estaria conosco para sempre.

Capítulo 11 – Outro Inverno

Com o grasnar dos gansos canadenses e a dança de outono das folhas nos ventos tempestuosos, sabíamos que o outono havia chegado. Não havia mais frutas nas árvores. Tínhamos enlatado as bagas ou então as secado ao sol.

Wynn estava trabalhando um pouco mais próximo do vilarejo agora, e todas as manhãs eu acordava a tempo de preparar seu café antes de ele iniciar outro dia de trabalho.

Finalmente o dia das boas-vindas chegou quando Nimmie se mudou da cabana apertada para sua nova casa. Eu insisti na agradável tarefa de cuidar de Nonita enquanto Nimmie se acomodava com o instinto de um pintarroxo. Quando relutantemente devolvi o precioso pacotinho, Nimmie piou e gorjeou para seu filhotinho e Nonita sorriu e respondeu do seu jeito.

Muitas vezes eu notava os homens indígenas estudando o céu. Mesmo as mulheres, enquanto caminhavam para a floresta próxima para pegar seu suprimento diário de lenha, olhavam para o céu como se ele guardasse muitas respostas para os dias futuros. Eu queria manter o verão indígena para sempre. Não estava feliz com a ideia de ser trancada novamente pelo turbilhão de neve e os ventos uivantes. Tinha certeza que Wynn também não estava ansioso pelos difíceis dias de inverno, mas não fez comentários.

A pele de Kip ficou mais grossa e fofa e eu sabia que os animais selvagens também vestiriam um casaco mais quente para o frio que estava por vir.

Não ouvi mais os pássaros brigando pelos restos do que colhíamos na minha horta. A maioria deles já havia migrado para o sul.

E então, certa manhã quando me levantei da minha cama quente, notei um frio na casa, embora Wynn já tivesse acendido a lareira. Olhei pela janela e vi a neve caindo suavemente. Se eu não estivesse com tanto medo, certamente teria achado lindo. Caía em grandes flocos macios, e enquanto flutuava suavemente com o vento fraco, parecia cair fofa. Depois de meu tempo no Norte, não parava para apreciar a vista. Em vez disso, ia ao escritório de Wynn para ser consolada por ele.

— Está nevando — informei assim que cheguei à sua porta.

Ele ergueu os olhos da coleira que estava remendando e acenou com a cabeça.

— Ainda é outubro — reclamei, como se Wynn pudesse fazer algo melhor do que permitir que nevasse tão cedo.

— Eu sei — respondeu ele. — Provavelmente não vai durar

muito.

Sabia que ele estava tentando me tranquilizar. Eu também sabia que em alguns anos, mesmo em outubro a neve vinha para ficar. Esperava que esse não fosse um daqueles anos.

Eu olhei para o que Wynn estava fazendo. Os arreios dos cães só eram usados quando havia neve no chão.

Ele percebeu meu olhar acusador.

— Não tinha mais nada para fazer esta manhã — ele explicou defensivamente — então pensei que poderia muito bem começar cedo com isto.

Eu balancei a cabeça e mudei de assunto.

— O café da manhã estará pronto em alguns minutos — eu disse e voltei para a pequena área da cozinha onde a chaleira cantava.

A neve caiu durante todo aquele dia, e no seguinte, e no outro também. *Não vamos ver o que acontece lá fora por um tempo*, gemi silenciosamente.

Estava me sentindo à beira do desespero quando ouvi uma batida na minha porta. Nimmie entrou, sacudindo a neve de sua cabeça nua e dos cobertores de Nonita.

Fiquei surpresa ao vê-la, mas não deveria. Alguns poucos centímetros de neve não segurariam Nimmie em casa.

— Tenho boas notícias — disse ela, antes mesmo de desembrulhar o bebê e tirar o casaco. Ela não esperou que eu perguntasse, mas continuou: — Lembra que eu disse que Ian teve que fazer uma visita ao povoado principal?

Eu balancei a cabeça, estendendo a mão para a Nonita que se contorcia.

— Bem, ele voltou. Eu pedi a ele para verificar com o chefe sobre o nosso projeto de uma escola. Ele o fez, e o chefe apenas encolheu os ombros e disse que se quiséssemos ensinar letras às crianças, cabia a nós, contanto que não interferíssemos em suas obrigações. Podemos ir em frente, Elizabeth; podemos começar nossas aulas! Agora que o inverno parece ter chegado, as crianças estarão livres para estudar algumas horas por dia.'

Poderíamos avançar e começar nossa escola! A neve trouxe algo bom. Eu olhei pela janela enquanto meu coração agradecia a Deus por aquela boa notícia.

Voltei-me para Nimmie com a pequena Nonita ainda em meus braços.

— Oh, Nimmie! — exclamei. — Temos muito o que fazer para nos prepararmos! Muito planejamento. Onde vamos fazer e...?

Nimmie riu e pegou seu bebê de volta.

— Calma, Elizabeth — ela disse — Vamos resolver tudo.

Fiz o chá e Nimmie sentou-se à mesa. Pegamos lápis e papel e começamos a trabalhar em cada parte do nosso plano.

Eu daria as aulas. Nimmie seria minha assistente e intérprete, de acordo com a necessidade. Planejamos reunir nossos recursos para o material de sala de aula. Ian poderia pedir alguns lápis para uso dos alunos. Ele tinha outro carregamento chegando em breve com os suprimentos de inverno para o vilarejo. Os carregadores sairiam em dois dias com os suprimentos de Ian, então teríamos que anotar tudo o que precisávamos para entregar a Ian muito rapidamente.

Minha mente mal conseguia trabalhar tamanha a empolgação. Mais uma das minhas orações tinha sido respondida: teríamos a nossa escola!

Capítulo 12 – A Escola

Mesmo que Nimmie e eu tenhamos trabalhado imediatamente em nossos planos e materiais para a nova escola, só teríamos nossa primeira aula pelo fim de novembro.

Aquela primeira neve da manhã não nos deixava. Na verdade, ela aumentou, acrescida de três tempestades distintas. Wynn voltou a utilizar matilha para fazer suas rondas e a neve já estava quase alta o suficiente para se usar as raquetes de neve.

Muitos homens já tinham deixado o conforto do vilarejo e voltaram às suas trilhas de caça.

Meu único consolo para o início do inverno era a proposta da escola. Mesmo com a aprovação do chefe, sabíamos que nossas aulas precisariam ser curtas. As famílias precisavam das crianças no abastecimento de madeira e o transporte da água do rio. Ele ainda não estava congelado, mas não demoraria, portanto, diariamente um buraco teria que ser aberto no gelo para que eles retirassem a água necessária.

Quando o gelo ficava muito espesso, as famílias do vilarejo derretiam a neve acumulada. Fiquei feliz por termos um poço com bomba. Os aldeões eram bem-vindos para usá-lo, mas a maioria deles declarava que bombear era um “trabalho ruim”, pois a pequena corrente demorava muito para encher o balde. Durante os meses de verão, as crianças gostavam de brincar com a bomba. Geralmente, dois ou três meninos vinham juntos e pouca água bombeada chegava até a casa da aldeia. A maior parte da água ficava em poças no nosso quintal, ou nas roupas ensopadas dos meninos.

Nimmie e eu planejavamos aulas das nove às doze. Não parecia muito, mas achamos que seria melhor ir com calma do que exagerar e ter os pais reclamando da escola mantendo as crianças longe de seus deveres.

Uma sala de aula era um dos nossos maiores problemas. Eu sabia que nossa cabana era muito pequena, conseguiríamos abrigar apenas oito alunos, no máximo. Esperávamos um número maior. Consideramos a cabana vazia de Lamuir, que Nimmie e Ian usaram. Também era pequena, mas com mesas e bancos simples, poderia ser espaço suficiente a princípio. Discutimos isso com nossos maridos, e eles planejaram mandar fazer as mesas e os bancos.

Também precisávamos de provisão de lenha para a lareira da cabana.

Wynn cuidou disso; com três ou quatro homens, ele foi ao bosque próximo e trouxe troncos mortos e caídos. As toras eram trazidas para o vilarejo e cortadas em comprimento adequado para nossa lareira e,

em seguida, empilhado na lateral da pequena cabana.

Não tínhamos como anunciar nossas aulas, então Nimmie e eu fomos de porta em porta, informando para cada família acerca do nosso plano.

Muitas pessoas não tinham relógios, apenas o sol e sua estranha noção do tempo. Nimmie tomou emprestada a ideia do sinal de hora da loja, que não estava mais em vigor, uma vez que Ian havia retornado ao horário normal, uma vez que seu novo prédio estava sendo usado. Então, como fomos de porta em porta, dissemos que eles ouviriam o barulho do martelo no tambor, e então saberiam que a aula estava para começar.

Tanto Wynn quanto Ian nos apoiavam completamente em nosso projeto.

Muitas vezes, enquanto Nimmie e eu trabalhávamos em nossos planos de aula, um ou outro dava conselhos.

— Se você quiser chamar a atenção deles e fazer com que se interessem em aprender — ofereceu Wynn —, então você deve lhes ensinar coisas que se relacionem com sua vida. Nada de ‘g-a-t-o é gato’. — Não tínhamos gatos no vilarejo; os cães os teriam feito em pedaços! — Use palavras que eles conheçam: peixe, canoa, rio, floresta, cachorro, lua, sol, estrelas, armadilha.

Eu entendi o que Wynn queria dizer e concordei com ele, pelo menos até que tivéssemos oferecido uma boa introdução aos nossos alunos. Esperávamos também expandir o mundo como o conheciam. Tínhamos poucos livros didáticos. Os cadernos e lápis chegaram com os suprimentos de inverno. Como surpresa para Nimmie e eu, Ian também pediu um pequeno quadro-negro e um bom suprimento de giz com duas escovas. Ficamos emocionadas com tudo aquilo. Quando Wynn pendurou o quadro-negro na parede da cabana, pareceu uma verdadeira sala de aula.

Outro problema era a falta de luz. A cabana era minúscula e a janela oferecia pouca iluminação, mesmo nos dias mais ensolarados, e menos ainda nos meses sombrios de inverno. Ian nos deixou usar duas lamparinas a óleo da loja, mas elas não iluminaram nosso quatinho muito bem.

Nonita não era um problema, ela era um bebê contente, que ainda levava muitas horas dormindo, e Nimmie poderia trazê-la para a escola e cuidar dela conforme necessário.

Uma vez que começamos com palavras e conceitos que as crianças indígenas conheciam, eu precisava de material didático. Eu queria fotos para acompanhar as palavras. Não tinha nenhuma. Eu não era uma artista, mas comeci a trabalhar tentando ilustrar as palavras nos cartões que eu fiz.

“Peixe” não foi difícil e minha “canoa” e “trenó” eram reconhecíveis, mas “cachorro”, “veado” e “alce” exigiam muita imaginação.

Não tinha certeza de como mostrar a diferença entre o sol e a lua. O povo indígena já viu a lua com um sorriso no rosto?

Enquanto trabalhava em meus desenhos, certamente reconheci suas inadequações. Não tinha certeza se minha “arte” ajudaria ou atrapalharia o progresso dos meus alunos.

Por fim, o dia tão esperado chegou. Wynn prometeu acender nossa lareira e deixar o frio fora da cabana para quando as professoras e os alunos chegassem. Reuni o resto das minhas ferramentas de ensino, me enrolei contra o vento frio, tranquei o choroso Kip e parti para o emocionante primeiro dia de aula.

Nimmie já estava lá. A sala estava aconchegante e quente. As mesas e cadeiras rústicas eram o melhor que se podia tirar da madeira áspera, e eu sabia que elas tinham muitas lascas. Abaixo do nosso quadro-negro estava um pedaço de giz e uma de nossas escovas. Alguns dos meus livros estavam em uma prateleira junto com nosso estoque de cadernos e lápis que Wynn cuidadosamente apontou para nós com seu canivete.

Eu achava que os recursos eram bastante limitados na escola em Pine Spring, e eram mesmo; mas aqui no vilarejo eu tinha ainda menos para trabalhar e uma necessidade igualmente grande.

Nós estávamos prontas. Aquela era nossa escola. Eu respirei fundo e sorri para Nimmie, acenando com a cabeça para “tocar nossa campanha”.

Não sei se eu realmente esperava uma debandada à nossa porta. Se esperava, certamente não deveria. Eu já conhecia o povo indígena o suficiente, e de alguma forma, por conta de minha própria empolgação, acho que esperava que eles ficassem animados também.

Ao tocar o sinal, esperamos por nosso primeiro aluno. Ninguém veio. Os minutos passaram e ninguém apareceu. Comecei a entrar em pânico, mas Nimmie parecia perfeitamente à vontade.

Ela jogou outra lenha na lareira, em seguida, foi até onde a pequena Nonita dormia em um tapete de urso no canto e se sentou ao lado dela no chão.

— Você acha que devemos soar de novo? — perguntei ansiosamente.

— Eles ouviram — disse Nimmie.

Eu também tinha certeza de que eles tinham ouvido. Ninguém poderia viver em qualquer lugar no vilarejo e não ter ouvido o barulho horrível que ecoou no ar fresco da manhã.

Nós esperamos.

— Por que eles não vêm? — perguntei a Nimmie.

— Eles virão — Nimmie me garantiu, imperturbável.

Esperamos mais um pouco.

Nimmie estava certa. Por fim, duas meninas vinham em direção à cabana. Eu, que estava olhando pela janela para qualquer sinal de atividade, as recebi na porta. Queria ter certeza de que elas não mudariam de ideia.

Mais três meninas, escondendo risos atrás das mãos, vieram a seguir, e depois outro, e depois mais quatro meninos, agrupados como se estivessem ali para apoiar uns aos outros. Mais duas meninas, uma moça, mais meninos. Eles permaneceram dispersos e temi que boa parte da manhã fosse ocupada em tentar estabelecer algum tipo de lista de chamada.

Dei as boas-vindas às crianças e encontrei um lugar para cada uma delas sentar.

Nimmie repetiu minhas palavras em sua própria língua nativa. Expliquei para eles o que faríamos na escola, esperando que a emoção na minha voz fosse de alguma forma transferida para eles. Vinte e três pares de olhos não deixavam meu rosto, mas não vi nenhum brilho de interesse ou entusiasmo.

Engoli em seco e continuei.

— Estaremos aprendendo números, palavras e cores — continuei, tentando fazer aquilo parecer fascinante, mas as expressões não mudavam.

Nimmie se adiantou para ficar ao meu lado. Ela começou a falar com eles com sua própria fala suave e fluida. Eu entendia penas algumas das palavras, mas de alguma forma elas conseguiram transmitir para mim e para as crianças uma sensação de admiração - uma inspiração. Aos poucos os olhos diante de mim começaram a brilhar.

Enquanto trabalhávamos na chamada, outros retardatários chegavam. Nossa escola estava lotada. Não tínhamos mais espaço para sentar. Eu estava eufórica! Espere até contar isso a Wynn! Eu exultava. Lembrei-me das palavras de conselho dele:

— Não fique muito desapontada, Elizabeth, se você tiver poucos alunos. O sistema de valores das pessoas aqui é muito diferente do nosso. Eles não veem a necessidade ou a vantagem de passar muitas horas tentando aprender coisas que nunca verão ou conhecerão. De que adianta todo esse aprendizado se não vai colocar comida na panela ou atrair a raposa para a armadilha? E aqui estávamos nós com a escola cheia! Wynn não ficaria surpreso?!

No meio da manhã, duas mulheres chegaram conversando e enquanto entravam, olhavam para a sala cheia de crianças e cada item

ali. Elas discutiram livremente o que observaram. Acho que nunca lhes disseram que não se fala sem permissão em um ambiente escolar. Elas encontraram um lugar no chão e se sentaram.

Mais tarde, mais mulheres juntaram-se a elas, individualmente, em duplas ou trios. Eu mal podia acreditar! Nossa sala de aula estava cheia de alunos ansiosos e dispostos de todas as idades. Precisariíamos de mais espaço, mais lápis e cadernos. Eu não tinha pensado em ensinar as mulheres, mas certamente elas também precisavam.

Nimmie não pareceu surpresa. Ela apenas acenou com a cabeça uma saudação para cada uma conforme chegavam e os indicava para um local ainda vago no chão.

Decidi me concentrar nas crianças e deixar as mulheres aprenderem ouvindo e observando, então não coloquei o nome dos adultos no meu livro de presença.

Depois de registrar os nomes dos alunos — o que demorou, mesmo com a grande ajuda de Nimmie — continuei com minha primeira lição. Pegando meus cartões com palavras e imagens, segurava bem alto e apontava primeiro para uma foto e depois para a palavra em inglês. Eu dizia a palavra duas ou três vezes e então Nimmie pedia aos alunos para repetir a palavra comigo. Repassamos várias vezes.

Canoa. Canoa. Canoa. Em seguida, passamos para o próximo. *Peixe. Peixe. Peixe.* Eu pedia para a classe dizer junto e, em seguida, escolhia alunos para tentarem sozinhos. Eles ficavam tímidos, hesitantes em falar uma palavra que soasse engraçada na frente dos outros, então voltei para a repetição juntos.

Levantei as duas novas palavras e cobri os desenhos.

— O que isso quer dizer? — perguntei a eles, e Nimmie repetiu minha pergunta.

Ninguém sabia. Eu descobri a foto e fiz a pergunta novamente. Eles responderam corretamente quase em uníssono.

Repassamos as duas palavras por diversas vezes, e ainda assim não pareciam reconhecê-las quando as fotos eram cobertas.

Por fim, quando cobri a foto e a levantei, um garotinho disse:

— Canoa — Ele estava certo e eu fiquei em êxtase. Houve sussurros na fileira onde o menino estava sentado e eu vi o rosto de Nimmie enrugar com risadas.

Não pude deixar de perguntar:

— O que ele disse?

— Seu colega de classe perguntou como ele sabia, e ele disse que o cartão da canoa tem um pequeno rasgo no canto — explicou Nimmie.

Eu olhei para o desenho. Ele estava certo.

Me desmotivou um pouco, mas pude perceber que aquilo mostrou que ele era observador e inteligente. Eram ingredientes para um intelectual. Eu só precisaria da abordagem certa, e pronto.

Mudei dos cartões de palavras para cores. Eu estava ciente que os indígenas conheciam as cores muito bem. Eles só não sabiam como o homem branco as chamava. A aula de cores também não foi muito boa. Cada vez que apontava para uma cor em um objeto, eles pensaram que eu estava perguntando o nome do objeto, não sua cor.

Nimmie explicou para eles e as coisas foram melhorando. Depois de muita tentativa, eu fiquei bastante confiante de que um bom número da classe tinha aprendido “preto” e “branco”.

Nós os dispensamos, dizendo para voltarem correndo para a aula da manhã seguinte, quando ouvissem o sinal. Eu não sabia se advertência teria valor ou não. Provavelmente eles viriam quando se sentissem prontos.

Os alunos começaram a sair, alguns parecendo gratos pela liberdade.

As mulheres ainda estavam sentadas no chão. Parecia que não pretendiam ir embora, e fiquei emocionada com o interesse delas em aprender.

Disse a Nimmie para expressar-lhes minha felicidade em vê-las na escola e minha promessa de fazer o meu melhor para ajudá-los a aprender. Nimmie passou minhas informações numa abundância de palavras, mas o olhar impassível no rosto das mulheres não mudou.

Pequeno Cervo disse o que todas deviam estar pensando.

— Quando o chá?

Tentamos da melhor forma possível explicar que não servíamos chá na escola, e com olhares de decepção, elas se levantaram e saíram em fila, uma por uma.

Me senti exausta depois da primeira manhã. Nimmie parecia tão forte e relaxada como sempre, e a pequena Nonita despertou apenas uma vez, e voltou a dormir.

Juntei meus cartões de palavras, olhei para a canoa para ver se poderia consertar o rasgo, abandonei a ideia e fui para casa.

Eu honestamente não sabia se nosso primeiro dia na escola tinha sido um sucesso ou não. Certamente tínhamos uma sala cheia de alunos. Mas se eles não aprendessem, valeria a pena ficarem sentados ali? Decidi ainda não me gabar para Wynn.

Capítulo 13 – Wawasee

Batemos o tambor na manhã seguinte e novamente esperamos que nossos alunos voltassem. A sala não estava tão cheia como no dia anterior, mas não estava preocupada. Sabia que conforme a manhã progredisse, mais alunos chegariam. Eu não esperava nenhuma das mulheres. Elas se sentiram roubadas de uma festa do chá e ficaram em casa ao lado de suas fogueiras.

Quando Wynn perguntou sobre nosso primeiro dia, não pude me conter de me gabar dos números. Wynn apenas acenou com a cabeça me encorajando sem comentários e me perguntei se ele estava dizendo silenciosamente, *“Elizabeth, se prepare para ter o coração partido”*.

Não tenho certeza por que me senti assim, exceto que estava começando a conhecer a maneira como Wynn pensava. A expressão em seus olhos costumava dizer coisas que ele não colocava em palavras.

Mais alunos chegaram à medida que a manhã avançava. Nós voltamos às nossas duas palavras do dia anterior. Todos se lembravam da “canoa” assim que descobriram o segredo do canto rasgado.

Alguns até reconheceram “peixe”, sem rasgo no cartão.

Passsei para outra palavra.

— Cachorro — disse, segurando alto o cartão. Nimmie anunciou a palavra indígena para cachorro e então repetiu em inglês. Houve um pouco de risos na sala de aula e olhos negros exibiam mensagens secretas de alegria. Me virei para Nimmie.

— Eles acham que se parece mais com um urso magro — ela me disse com um leve sorriso.

Eu olhei de volta para minha foto. Certamente não era um cachorro muito bom.

Não me atrevi a mostrar a eles meu veado ou alce. Pulei para a lua e o sol. Eles pareciam ter alguma dificuldade com esses conceitos também.

Preguei os cartões na parede e disse-lhes para abrirem seus cadernos, pegarem um lápis e copiar as palavras.

Eles não eram desajeitados naturalmente; na verdade, eles eram hábeis de forma incomum, mas o jeito de segurar o lápis representou uma grande dificuldade no início. Muitas das pontas cuidadosamente afiadas por Wynn foram quebradas na tentativa.

Nimmie e eu circulamos entre eles, mostrando-lhes como segurar o lápis corretamente e quanta pressão deviam colocar. Deixei de lado todos os lápis que precisavam ser afiados para levar para casa para Wynn e seu canivete.

A maioria dos alunos conseguiu escrever ‘peixe’ e ‘canoa’, embora

algumas das tentativas fossem dificilmente reconhecíveis.

Fiquei surpresa que algumas das mulheres se juntaram a nós novamente, embora soubessem que o chá não viria. Elas se acomodaram no chão e pareciam ouvir; se por curiosidade ou interesse, eu não sabia.

Enquanto ia calmamente de aluno a aluno, surpreendi-me com um menino de cerca de doze ou treze anos. Ele não somente escreveu suas palavras com bastante nitidez, como também desenhou as imagens. Não era preciso um certificado de professor para ver que seus desenhos estavam — e muito — superiores aos meus. Corri para Nimmie cheia de emoção.

— Venha aqui — sussurrei. — Olha o que ele fez.

O ‘ele’ era Wawasee. Seu pai era um caçador, daqueles cuja trilha de caça ficava a alguns quilômetros da aldeia. A mãe morrera num parto há dois anos. No inverno, Wawasee ficava responsável por si e por duas irmãs mais novas. Se fosse filho único, sem dúvida teria sido levado para a trilha de caça; mas duas meninas seriam mais incômodo do que ajuda. Nimmie me disse que Wawasee passou muito tempo entalhando madeira com uma faca cega e quebrada que de alguma forma chegou às suas mãos.

Meu coração se sensibilizou pelo menino. Ele estava sujo e despenteado, mas seus olhos escuros brilhavam enquanto ele escrevia cada palavra e traçava as marcas do lápis para criar habilmente uma imagem. *Eu devo falar com Wynn sobre Wawasee*, decidi.

No final da sessão da manhã, dispensamos nossos alunos e os instruímos a deixar seus lápis cadernos nas mesas à medida que iam saindo. Na manhã seguinte, tocaríamos o “sinal” no mesmo horário.

Meu interesse por Wawasee foi, sem dúvida, a razão de eu notar que seu caderno e lápis não ficaram para trás. Eu estava tão ansiosa para levá-los para casa para mostrar a Wynn!

Eu olhei em volta para ver se ele tinha sido extraviado, mas não o localizei. Juntei outros cadernos e os coloquei de volta à prateleira, ainda olhando sob as mesas e bancos. Nimmie percebeu.

— Você perdeu algo? — ela perguntou.

— O caderno de Wawasee. Não está aqui.

— Não estou surpresa — observou Nimmie.

Olhei para ela interrogativamente.

— Wawasee não ouve — ela afirmou. — Ele consegue fazer um pouco de leitura labial, mas eu não estava onde ele pudesse me ver quando repeti suas instruções.

— Oh, Nimmie — foi tudo o que pude dizer.

— Mas mesmo se pudesse ouvir minha instrução, não acho que Wawasee teria deixado seu caderno — Nimmie continuou em voz

baixa.

— Ele é um... um... — Eu não conseguia dizer a palavra *ladrão*. Simplesmente não parecia combinar na criança e, além disso, não queria pensar nele dessa maneira.

— Wawasee usa tudo o que encontra para fazer imagens — Nimmie explicou. — Ele desenha na terra, em casca de bétula; em troncos de árvores. E você acabou de passar para ele um caderno e um lápis. O que você esperava que ele fizesse?

— Ele vai desenhar? — Ele provavelmente terá enchido metade das páginas pela manhã.

Fiquei paralisada no lugar, pensando no garotinho indígena com responsabilidade de um homem adulto, sem audição e cheio de talento para a arte.

— Você quer que eu busque o caderno? — Nimmie perguntou.

Eu me virei para ela.

— Não — eu disse —, mas gostaria de conversar com o menino. Você poderia vir comigo? Eu não sei como fazê-lo me entender.

Nimmie concordou e caminhamos suavemente pelo redemoinho de neve de outra tempestade de inverno rumo à cabana malcuidada do menino e de suas duas irmãs.

Nimmie abriu a porta e entrou, e ali, assim como ela esperava encontrá-lo, estava Wawasee. Ele estava totalmente concentrado no lápis em sua mão e na imagem que se formava. Ele não percebeu nossa presença na cabana enquanto desenhava um alce correndo pela vegetação rasteira, fugindo de um rápido lobo.

Nimmie foi até ele e colocou a mão em seu braço. Ele ergueu os olhos com surpresa e então alarme. Lentamente, ele deslizou o caderno para fora da mesa e escondeu-o no colo como que para protegê-lo. Seus olhos eram escuros e suplicantes. Eu pensei em Kip quando queria ir a algum lugar comigo.

Nimmie sorriu e um pouco do medo deixou os olhos de Wawasee.

De alguma forma, Nimmie conseguiu dizer ao menino que eu queria que ele fizesse desenhos nos cartões de palavras para a classe. Em troca de seu trabalho para mim, ele ganharia um lápis e um caderno, que não precisaria levar para a escola, mas que poderia manter em casa para usar quando quisesse.

Eu sabia que através da leitura labial e da linguagem de sinais, ele entendeu tudo o que Nimmie lhe disse, pois ele olhou para mim, olhou de volta para o lápis, olhou para seu colo e acenou com a cabeça; seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas.

Capítulo 14 –Provações e Triunfos

Ao fim da nossa primeira semana de aula, estávamos com treze alunos. No começo, eu fingi que eles tinham algum motivo para perder a aula da manhã. Nimmie compreendia de outra forma. Ela não parecia surpresa. Em vez disso, disse com entusiasmo:

— Treze. Elizabeth! Treze. Você acredita nisso? Ainda temos treze que estão interessados.

Eu queria discutir com ela. Treze. Era basicamente a metade do número inicial. No final da segunda semana, o número caiu para cinco.

Apenas cinco — quando havia um vilarejo cheio de pessoas que precisavam aprender a ler e a escrever. Nimmie ainda não estava alarmada.

— Cinco para o nosso primeiro ano é maravilhoso. Nos próximos anos, os demais também verão a importância de saber ler.

Esperava que Nimmie estivesse certa, mas devo admitir que fiquei terrivelmente decepcionada.

Entre os cinco que ficaram estava Wawasee, nosso artista, um rapaz chamado Jim Cervo, duas meninas — uma de oito e uma de onze — e uma jovem casada que vinha com seu bebê. A jovem mãe frequentemente ficava tão envolvida com o que estava aprendendo que se esquecia da criança em seus braços. O bebê agitado finalmente a trazia de volta à realidade, e ela trazia o bebê ao seio e voltava ao livro novamente. Eu nunca tinha visto alguém tão ansioso para aprender quanto Pato Marrom.

Kanika, nossa aluna de onze anos, não aprendia rápido, mas tinha uma mente inquisitiva e se arrastava para encontrar as respostas para os problemas que lhe apresentávamos.

Susie Perna Torta, por outro lado, era uma garotinha brilhante. Ela raramente precisava ouvir um novo conceito duas vezes. Ansiosamente compreendia toda a lição que a pequena sala de aula podia lhe oferecer e queria mais. Eu sabia que se Susie tivesse uma chance, poderia fazer uma grande contribuição para seu mundo e até mesmo, para além dele.

Wawasee estava em desvantagem. Não tínhamos nada em nossa sala de aula que pudesse ajudar uma criança com sua deficiência. Ele não tinha nascido surdo, mas era uma criança brilhante, enérgica e falante de oito anos, quando o sarampo o deixou sem a audição. Precisávamos nos certificar de que estávamos na frente dele e que visse nossos lábios enquanto falávamos com ele. Isso nem sempre era fácil de fazer, pois Wawasee se interessava apenas por seu desenho.

Ele desenhava quando deveria estar lendo. Ele não se interessava por números ou letras, apenas por formas e cores.

Eu estava decidida que ele deveria pelo menos aprender os fundamentos. Incitei, instei, revi e encorajei. Ela já estava na escola por cerca de uma semana quando os outros alunos tinham passado a adicionar uma série de palavras simples ao seu vocabulário; Wawasee ainda lutava com as duas primeiras.

“Peixe”, eu repetia continuamente, enunciando cuidadosamente para o aproveitamento de seus olhos em meus lábios. *Peixe*.

Wawasee tentou falar a palavra. Gostei do que ouvi.

Em seguida, coloquei-o para trabalhar copiando a palavra repetidamente em sua página. Eu até dei a ele o privilégio de desenhar um pequeno peixe junto com cada uma das palavras. Depois de preencher duas páginas com peixes de vários tamanhos e descrições, fui para o quadro e com um pedaço de giz branco, escrevi em letras grandes P-E-I-X-E. Depois de conseguir sua atenção, pedi a Wawasee que lesse a palavra.

Ele balançou a cabeça. Ele não sabia.

Eu estava frustrada. Voltei para sua mesa e abri o caderno nas duas páginas de peixes. Colocando um dedo sob o queixo de Wawasee, um sinal que desenvolvemos para que ele soubesse que queríamos que lesse nossos lábios, eu disse novamente:

— Peixe. É o mesmo. *Peixe*. — Eu aponte para a placa: — P-E-I-X-E. — Aponte para suas páginas. — A mesma coisa. — Mas Wawasee apenas encolheu os ombros.

Levantando seus olhos para o meu rosto novamente, perguntei suavemente:

— Você compreende?

Ele olhou para mim de maneira tranquila, como se me pedisse para ver do seu jeito.

— Não é o mesmo — ele se atreveu a dizer. — Seu branco, meu preto.

Wawasee pensou em cores.

Percebi então que precisava de uma nova maneira de me relacionar com Wawasee. Se eu apenas tivesse muitos livros com páginas coloridas, talvez ele se interessasse em aprender. Mas eu não os tinha, e levaria meses até conseguirmos alguns. Por enquanto, eu faria o melhor com o que tinha.

Uma das minhas decepções era que as duas irmãs de Wawasee não iam à escola. Eu perguntei a Wawasee a respeito delas muitas vezes. A princípio, sua resposta, por meio da tradução de Nimmie, era que elas não estavam interessadas em desenhar. Quando o lembrávamos que a escola era muito mais do que isso, ele procurava

por outras respostas.

Sempre que perguntávamos, ele tinha uma resposta um pouco diferente, mas tudo se resumia ao fato de que as meninas simplesmente não estavam interessadas e não achavam que as aulas fossem razão suficiente para deixar o abrigo quente da cabana.

Após a quarta semana, Kanika desistiu. Tive vontade de chorar. Fui à sua cabana depois que a aula terminou na esperança de descobrir que ela estivera doente ou que precisavam dela em casa. Ela estava bem e brincando e não fazia qualquer tarefa doméstica. A mãe dela apenas deu de ombros.

— Por que você não vai? — ela perguntou à garota em inglês para me ajudar, como se ela tivesse acabado de perceber que Kanika estava em casa e não na escola.

Kanika mal levantou a cabeça para responder. Ela parecia confusa, embora não pudesse entender por que estava sendo chamada para se explicar. Era fácil ver que ela simplesmente não tinha vontade de ir, e então ela não foi — simples assim.

Agora estávamos com quatro alunos. Wawasee dificilmente poderia ser contado, pois embora trabalhássemos com ele da melhor forma possível, sua atenção estava apenas em sua arte.

Jim Cervo, Susie Perna Torta e Pato Marrom estavam se saindo bem. Todos os três estavam ansiosos para aprender.

Então tivemos outra decepção. O marido de Pato Marrom voltou para casa de sua trilha de caça por alguns dias e soube do envolvimento dela nas aulas. Ele não conseguia entender sua fome por conhecimento. Ele só sabia que ela era a única mulher na aldeia que estava deixando seu trabalho em casa para ir para as aulas de manhã. Ele também podia ver que o couro não estava sendo curtido, mocassins não estavam sendo costurados e o fogo da cabana não estava sendo mantido aceso.

Entendemos a atitude de Cachorro Que Chora, o marido de Pato Marrom.

Ele via os estudos como perda de tempo para uma esposa preguiçosa e proibiu Pato Marrom de voltar às aulas novamente.

Lamentamos perder Pato Marrom, mas Nimmie e eu não a encorajávamos a desobedecer ao marido.

Não era mais razoável esperar que Nimmie viesse para a classe todas as manhãs quando eu tinha apenas três alunos. Eu e os alunos nos entendíamos bem o suficiente para interagir. Eu falava um pouco da língua deles e eles estavam aprendendo mais e mais palavras em inglês. Eu sabia que eles tinham que aprender inglês, porque precisavam se comunicar além de seu pequeno mundo; mas lamentava que eles não pudessem ter livros didáticos em sua língua nativa. Eles

deveriam ter tido o privilégio de aprender a escrever em sua língua nativa, mas até então não tiveram a oportunidade.

O tempo ficou mais frio, os ventos trouxeram mais neve que cobria nossa pequena aldeia com mantas brancas. Precisávamos de raquetes de neve para nos locomover. As mulheres do vilarejo eram mantidas constantemente ocupadas para fornecer lenha para o fogo de suas cabanas.

Eu estava relutando com uma pergunta. Seria sensato que Wynn viesse para a pequena cabana todas as manhãs para acender uma fogueira apenas para nós quatro? Não faria mais sentido transferir meus alunos para minha cabana para suas aulas? Mas se eu permanecesse ali onde estava, alguns poderiam voltar para a aula. Finalmente conversei a respeito disso com Wynn.

— O que devo fazer? — perguntei depois de ter explicado minha situação.

— Eu quero acreditar que alguns voltarão para você, Elizabeth, — ele disse lentamente —, mas para ser honesto, não suponha que eles voltarão. Eles nunca tiveram razão para acreditar que a educação dos livros os trará benefícios. Isso ainda precisa ser provado para eles.

— Mas como podemos provar isso para eles? — lamentei.

— Não podemos, não da noite para o dia. Vai demorar muito. Possivelmente — ele continuou pensativo — somos um exemplo negativo para eles.

— Negativo? Eu não acho.

— Bem, eu estudei. Você estudou. E ainda precisamos aprender suas habilidades para viver aqui em seu deserto.

Comecei a entender o que Wynn estava dizendo. Eu olhei pela nossa janela congelada para o redemoinho da tempestade de inverno. Wynn estava certo.

Aqui, meu diploma de ensino me beneficiaria muito pouco, a menos que eu também conhecesse a arte da sobrevivência.

— O que devo fazer, Wynn? — perguntei de novo, com sinceridade e humildade.

Ele estendeu a mão e me puxou para seus braços. Sorriu olhando em meus olhos enquanto acariciava a mecha de cabelo que sempre me atormentava caindo sobre minhas bochechas e se recusava a ficar penteada no lugar certo.

— Você está fazendo um ótimo trabalho — disse ele — e estou orgulhoso por tentar, por se importar. Você pode não perceber ainda, mas aqueles seus dois alunos, apenas aqueles dois alunos ansiosos; sim, até mesmo Wawasee, podem algum dia ser o meio de educar todo este vilarejo.

Fechei os olhos e encostei-me com força em meu marido. Eu

esperava, de todo o meu coração, que ele estivesse certo.

Capítulo 15 – Outro Natal

Por alguma razão, eu temia o Natal longe da família que se aproximava mais do que a primeira vez. Talvez porque no meu primeiro ano distante, eu ainda era uma noiva com a empolgação de preparar um lar para o meu marido. Agora eu estava começando a notar a solidão dos meses sem família. A chegada do natal me fazia sentir ainda mais saudades de casa.

Não corri para Wynn chorando. Ele já tinha problemas suficientes. Relatos haviam chegado das trilhas que um urso saqueador andava roubando as armadilhas. A princípio, Wynn achou difícil acreditar nos rumores. Todos os ursos já deveriam estar hibernando há alguns meses.

O que um urso faria lá fora ainda em busca de comida, nessa época do ano? Os relatos persistiam. Wynn decidiu que deveria verificar.

De acordo com os que trouxeram a lenda para o vilarejo, o urso era gigantesco. Ele dava golpes mortais com patas do tamanho de um ramo de pinheiro e ia embora de novo antes que um caçador pudesse levantar o rifle. Logo outros detalhes foram acrescentados às histórias. O urso tinha três metros de altura, as balas não o perfuravam e quando ele corria, não deixava rastro. O povo da aldeia tinha certeza de que o urso era um espírito animal e que tinha voltado para vingar algum mal, até então não detectado. Eles ficaram com tanto medo que quando Wynn decidiu sair atrás do “espírito urso”, não conseguiu encontrar alguém disposto a ir com ele.

Eu não sei se algumas das superstições dos locais me afetaram, ou qual era a verdadeira natureza do meu desespero, mas implorei para que Wynn não fosse. Tinha certeza que se ele fosse jamais o veria novamente.

Wynn tentou me garantir que ficaria bem e logo estaria em casa novamente, mas eu ainda temia por sua vida. No entanto, ele não deixou que isso abalasse sua decisão. Dois caçadores foram atacados pelo urso. Um havia perdido uma perna no ataque e o outro foi ferido na cabeça e no rosto.

O urso também atacou cães de trenó. Ele matou um rapidamente, outro teve que ser sacrificado por causa de um ferimento grave, e um terceiro parecia se curar lentamente. Eu sabia que Wynn estava certo; algo precisava ser feito. Mas como odiava vê-lo partir no rastro do urso assassino!

— Algo está errado — Wynn me disse. — Existem muitas histórias para eu duvidar, mas um urso por aí nesta época do ano é um

mistério.

Com o rosto coberto de lágrimas, vi Wynn encher sua mochila com um suprimento de emergência extra grande. Eu o tinha visto embalar muitas vezes durante o tempo que passamos no Norte, e percebi que ele estava se preparando para muito tempo na trilha, se necessário. Fiquei ainda mais apavorada.

Depois de assistir Wynn e a matilha desaparecerem de vista através da neve em espiral, voltei para o meu quarto e chorei um pouco mais. *Talvez neste Natal nem mesmo Wynn esteja comigo*, lamentei.

Quando acordei, depois de ter chorado até dormir, me senti pior, não melhor. Minha cabeça doía e meus olhos estavam inchados e doloridos. Minha garganta doía também, e pensei que poderia ter sido acometida de algo terrível. *E se Wynn voltar para uma cabana fria e uma esposa sem vida?* Mas, não, aquilo era tolice. Eu realmente estava deixando minha imaginação me controlar.

Se ao menos a cabana não parecesse tão vazia quando Wynn partisse. Pensei novamente no bebê que eu tanto queria. Estava casada por quase um ano e meio, e ainda não tinha perspectivas de me tornar mãe. Nimmie, que já tinha a pequenina, já esperava outro. Todos os dias quando ia ao assentamento, via jovens grávidas. Aquilo era um lembrete triste para mim de que meus braços ainda estavam vazios. Tremi na quietude e então, de repente, percebi que tinha um bom motivo para tremer: estava frio na cabana. Saí da cama e fui reacender o fogo.

Tinha me preparado emocionalmente para muitos longos dias sem Wynn. Mas na hora do almoço do dia seguinte, ele estava de volta. No trenó estava amarrada a carcaça do maior urso que eu já tinha visto. Apesar de grande, era magro e vazio, como se já tivesse sido esfolado e apenas a pele permaneceu. Uma de suas patas dianteiras estava bem ferida, o que, disse Wynn, era o motivo do nosso problema.

— Ele não podia caçar com aquela pata ferida e estava morrendo de fome aos poucos. Recusou-se a hibernar sem ter a gordura armazenada para enfrentar o inverno, então ficou para caçar. Mas ainda tinha dificuldade de encontrar o suficiente para comer. Normalmente, ele não teria atacado cães ou homens, mas este urso estava desesperado.

Fiquei tão feliz em ter Wynn de volta que não prestei muita atenção no urso. Mas o povo indígena prestou. Eles continuaram circulando o trenó, apontando para a carcaça e falando em tons de empolgação. Eles notaram o corpo magro, as costelas visíveis, a fraqueza da grande figura. Eles receberam aquilo como um presságio. Não era bom, eles disseram, que “irmão urso” tenha passado fome.

Talvez ele tenha sido enviado pelo Grande Espírito para alertar sobre a fome que virá também para o povo.

Não era um pensamento agradável, e devo admitir que causou arrepios em toda a minha espinha. Wynn parecia não prestar atenção ao estalar de línguas e ao balançar de cabeças, mas acho que começou a pensar que deveria ter deixado o urso onde o matou, em vez de trazê-lo para o vilarejo para provar ao povo que não era um fantasma.

Agora que Wynn estava de volta em segurança e o urso foi levado, voltei minha atenção para o Natal. Na verdade, tentava não pensar a respeito, mas não conseguia evitar. Tentava me manter ocupada para não ter tempo de pensar, mas também não funcionou.

Dois dias antes do Natal, Wynn voltou para casa pela manhã e encontrou os alunos (que começaram a vir para nossa casa) e eu debruçados sobre nossos livros. Ele pareceu bastante surpreso e pediu desculpas por nos interromper. Garanti que ele não nos incomodava e dispensei os alunos cedo.

— Vocês não vão mesmo tirar férias no Natal? — Wynn perguntou quando os alunos saíram quando a aula terminou.

— Claro — respondi, como se o Natal ainda estivesse num futuro distante. E então me lembrei que não disse aos alunos que não voltassem na manhã seguinte, dia vinte e quatro. *Bem, eu não posso evitar*, pensei. Eu simplesmente não suportava passar os dias sozinha.

Mesmo trabalhando, meus pensamentos se voltavam para casa. Lembrei-me dos Natais que passei com minha família em Toronto. Conseguia visualizar os preparativos que minha mãe faria. Eu podia vê-la curvando-se sobre o fogão, as bochechas coradas por conta do calor e seu cabelo ondulando suavemente sobre suas bochechas quando ela tirava assadeira após assadeira de biscoitos de cheiro delicioso. Eu podia ver papai entrando na sala com a bela árvore; trazendo a fragrância tão fresca como lá fora. Logo, Julie e eu, e talvez Matthew, entraríamos na sala carregando caixas de enfeites de Natal, e cortaríamos a árvore, penduraríamos as guirlandas e colocaríamos as coroas nas janelas e nas portas.

A essa altura, meus olhos se encheram de lágrimas e eu decidi manter meus pensamentos em terreno mais seguro. Eu honestamente tentava, mas logo começava a ver os embrulhos com laço vermelho dos presentes empilhados debaixo da árvore. Eu podia me ver sentada à mesa de nossa elegante sala de jantar com a cabeça curvada enquanto meu pai dava graças. Então ele cortaria o peru enquanto conversávamos e ríamos, apenas pela alegria de estarmos vivos e juntos.

Enxugando meus olhos na ponta do avental quando ninguém estava olhando, tentei colocar meus pensamentos em terreno mais

seguro. E então eu me pegava pensando em Jon e Mary e sua família em Calgary. Eles também estariam se preparando para o Natal.

Podia ver a casa. Eu sabia onde cada vela e coroa de azevinho seria colocada. Eu podia ver as crianças com o brilho em seus rostos enquanto se sentavam à lareira e ouviam a familiar, porém sempre nova história do Natal. Como desejava estar com eles!

Chorei. Orei. Lutei. Senti que não sobreviveria a este Natal. Nunca em toda a minha vida, eu sentira tanta saudade de casa.

Apenas aguenta firme, dizia para mim mesma; *apenas mantenha-se sob controle. Em breve tudo acabará e você ficará bem novamente.*

Mas eu estava começando a questionar; temia perder completamente o controle, ou pelo menos fazer uma cena. Eu não queria dar a Wynn razão para se preocupar comigo. Me esforcei ainda mais.

No dia 24 de dezembro tivemos aula como de costume. Ao meio-dia dispensei as crianças e tentei encontrar algo construtivo para preencher minha tarde. Eu não tinha os ingredientes para um jantar especial, nem presentes para embrulhar em um lindo lenço de papel natalino. Na maior parte, me mexia pela cozinha, sentindo-me sozinha e vazia.

Logo chegaria a hora de Wynn voltar para casa. Seria oficialmente véspera de Natal. Eu enrijei meu lábio superior, suspirei uma breve oração e esperava conseguir me manter no controle.

Um olho mirava o relógio, enquanto o outro observava o ensopado que estava preparando. Meus ouvidos esperavam pelo som de pés.

Foi então que ouvi alguém correndo. Eu sabia que não era Wynn.

Wynn não chegava em casa correndo. Kip também sabia. Ele se levantou e foi para a porta antes mesmo que eu pudesse me virar do fogão.

A porta se abriu e Susie, sem fôlego e sem roupas de inverno, atirou-se para dentro de casa.

— Professora — disse ofegante, — Professora, venha rápido! Mamãe precisa de você.

Não esperei para perguntar por que precisavam de mim. Peguei minha parca, joguei-a sobre mim e me dirigi para a porta. Parei apenas por tempo suficiente para amarrar rapidamente meus sapatos de neve, e então eu segui a apressada Susie. Eu pensei brevemente que nem tinha parado para empurrar o guisado para a parte de trás do fogão.

Quando chegamos à cabana, estávamos sem fôlego. Susie abriu a porta e depois de jogar de lado meus sapatos de neve, a segui. Uma lamparina fraca estava acesa e a fumaça espessado do fogo aberto

feriu meus olhos, então eu mal podia ver. Assim que meus olhos se ajustaram, pude ver que a mãe de Susie não estava sozinha. Uma parteira estava ali. Então notei o mesmo cheiro incomum que havia encontrado na casa de Nimmie depois que seu bebê nasceu.

A mãe de Susie gemeu e se contorceu na cama. A parteira indígena aproximou-se dela e falou palavras de conforto em uma voz cantada. Nenhuma das mulheres parecia ter me notado.

— Qual é o problema? — sussurrei para Susie.

— O bebê já está aqui, e ela ainda dói... muito — explicou Susie em tom de preocupação.

— O bebê?

— Sim. Lá.

Susie apontou para um canto da sala. Havia uma pilha de peles e, quando olhei de perto, senti ainda mais ao ver algo se mexer. Eu olhei para Susie. O medo era evidente em seus olhos. Estendi meu braço para ela e puxei-a para perto. Ela não resistiu. Enquanto segurava a menina, me perguntei qual de nós precisava de mais consolo ou proximidade. Minhas lágrimas quase rolaram de novo.

A velha parteira voltou-se para buscar mais um pouco do seu remédio. Foi a primeira que parece ter nos percebido. Ela não pareceu surpresa.

— Não é bom — disse ela em voz baixa. — Não é bom. Dor deve ir agora. Eu estava com medo. Sabia que Susie achava que eu deveria poder fazer algo.

O que eu poderia fazer? Eu não sabia nada a respeito de como cuidar de mulheres em trabalho de parto. Certamente não teríamos outra família de crianças órfãs? Susie perdera seu pai há seis meses em um acidente no rio. Orei para que ela não perdesse a mãe também.

Enquanto olhava para a criança frágil em meus braços e pensava no que o futuro reservava para ela, minha preocupação e saudade de repente me deixaram. Agora, todos os meus pensamentos estavam nessa família; nessa mãe que se contorcia e gemia diante de nós. O que poderíamos fazer? Comecei a orar pela mãe.

Um gemido fraco vindo do canto interrompeu minha conversa com Deus.

O bebê estava acordado. Com um braço ainda ao redor de Susie, fui em direção ao canto. O bebê era pequeno, com cabelos pretos e grossos emoldurando o rosto minúsculo. Abaixei-me para levantá-lo. Enquanto eu o acariciava de perto, a choradeira parou, mas Susie, que ainda estava perto de mim, não tinha parado de tremer.

— Precisamos encontrar o Sr. Delaney — eu disse a ela. — Ele pode ter ido para casa ou pode estar na loja. Você acha que pode encontrá-lo?

Ela acenou com a cabeça.

— Vista sua parca e suas luvas desta vez — eu disse. — Está frio e você não pode ficar resfriada. Eu ficarei aqui com sua mãe.

Ela seguiu minhas instruções, agasalhou-se e saiu. Eu tinha certeza que ela estava correndo novamente.

Não esperamos muito até que Susie voltasse com Wynn. Ele não parou para fazer perguntas, mas foi até a índia na cama do canto e começou a examiná-la. Eu ainda estava agarrada ao bebê.

O pequeno corpo quente em meus braços parecia me dar alguma medida de segurança.

— Maggie — ouvi Wynn falar com a senhora indígena —, Maggie, você me escuta?

A mulher apenas gemeu.

— Ela dorme agora — disse a parteira. — Descansa.

— Não descansa ainda — disse Wynn. — Ela ainda tem um grande trabalho pela frente. Ela tem um bebê para dar à luz.

— O bebê já veio — informou a parteira e apontou para o bebê que eu segurava em meus braços.

— Pode ser — disse Wynn —, mas agora é a hora do irmão.

Gêmeos! Eu não podia acreditar. Acho que Susie também não.

— O que ele quer dizer, professora? — ela perguntou em um sussurro.

— Sua mãe vai ter dois bebês; gêmeos — eu disse a ela.

— Como filhotes de urso? — ela sussurrou, com os olhos arregalados.

Eu ri suavemente.

— Como filhotes de urso — disse a ela.

Quando o segundo bebê nasceu, e os recém-nascidos e a mãe cansada estavam bem cuidados, não era mais véspera de Natal. Wynn e eu voltamos para casa de braços dados pela neve, e nossa respiração soltava fumaças diante de nós naquele gélido ar noturno. A lua brilhava acima e as luzes do Norte dançavam para frente e para trás nos céus. Eu pensei em voz alta sobre aquela noite, há muito tempo, quando outra criança nasceu na véspera do Natal. Era sempre como um milagre quando uma nova vida vinha ao mundo, e esta noite foram duas novas vidas e ambas pareciam estar bem e saudáveis.

No entanto, Wynn estava errado; não era um irmão. O segundo bebê, para a alegria de Susie, era uma menina.

Capítulo 16 – Visitante de Inverno

O dia de natal ainda foi um momento de solidão para mim, mas não me senti oprimida pela saudade. Wynn e eu passamos o dia diante da nossa lareira. Nosso jantar foi veado assado com legumes e uma torta de mirtilos de sobremesa. Tínhamos planejado dar um passeio ao longo do rio, mas o dia estava muito frio para isso.

Trocamos presentes. Não tínhamos muito, mas cada um de nós tinha escondido alguns itens para presentear no futuro quando chegássemos ao Norte. Depois de dois Natais, nosso aniversário e o aniversário de Wynn, meu pequeno estoque chegara ao fim. Perguntei-me o que faria para presentear-lo quando o aniversário de Wynn chegasse novamente. A pergunta mordiscou no fundo da minha mente enquanto eu o assistia desembulhar a nova faca que era o presente deste ano. Talvez pudesse encontrar algo para comprar de alguma das mulheres indígenas.

O presente que Wynn me deu trouxe um suspiro de alegria. Eram dois pares de meias novas. Eu havia remendado as que possuía inúmeras vezes, e odiava meias remendadas. Descobri mais tarde que Wynn as encomendou de Edmonton por Ian e vieram com o abastecimento novo da Sede.

O dia parecia bastante longo. Não havia muito o que fazer exceto conversar. Tínhamos poucos jogos para jogar, nenhuma música disponível e o tempo miserável não nos dava nenhuma chance de sair da cabana.

Enquanto preparava um lanche noturno de sanduíches de carnes frias e sobras de torta, Wynn se esticou no tapete diante do fogo. Quando voltei para me juntar a ele, já havia adormecido. Eu conhecia o sono do meu marido quando estava cansado. Seu trabalho tomava muito de seu tempo e energia. Depois do parto na noite passada, ele foi “tirado” do nosso ensopado cozido demais, para visitar uma criança doente.

Ele havia perdido peso também. Eu não havia percebido antes, mas ele definitivamente não pesava tanto quando viemos para o Norte.

Olhei para o meu próprio corpo. Eu tinha perdido alguns quilos também, o que era razoável. Éramos ativos, andávamos muito e comíamos poucos alimentos que acrescentariam gramas aos nossos pesos.

Eu olhei para minhas mãos. Eles não eram mais as mãos suaves de uma mulher mimada. O tempo nos mudou; o tempo e as terras do Norte.

Eu não sabia se deveria acordar Wynn ou deixá-lo dormir, então apenas fiquei sentada olhando para ele, indecisa.

De repente, Kip se levantou e olhou para a porta, inclinado sua cabeça para o lado enquanto ouvia. Alguém estaria vindo?

— Não, Deus, por favor — implorei. — Não deixe Wynn ser requisitado novamente esta noite.

No momento em que ouvi os passos, Kip já estava à porta.

Eu poderia dizer pelo seu latido que quem estava chegando não era alguém que ele conhecia. Kip recebia a maioria das pessoas do vilarejo apenas abanando o rabo.

O latido de Kip despertou Wynn e ele se sentou olhando para mim, se desculpando.

— Desculpe. Eu devo ter... — Mas ele não terminou.

Ouvimos passos à nossa porta da frente e então alguém começou a bater.

O latido de Kip aumentou, Wynn se levantou e acenou para que ele fosse para o seu canto em silêncio. *Kip obedeceu muito relutantemente*; pensei.

Wynn abriu a porta e um homem quase caiu na sala. A primeira coisa que notei foram suas roupas. Ele estava vestido com o uniforme da Real Polícia Montada do Noroeste. Então percebi que ele tinha um grande embrulho nos braços. Ele olhou ao redor, e seu rosto, vermelho com o frio do amargo vento, abriu uma espécie de sorriso congelado.

— Sargento Wynn Delaney? — perguntou ele.

— Certo — disse Wynn e se moveu para aliviá-lo de sua carga pesada e então ele teria a mão livre para cumprimentá-lo. Mas o homem riu baixinho e afastou o pacote da mão estendida de Wynn.

— Desculpe — disse ele —, mas tenho ordens estritas de entregar isto a Elizabeth Delaney e mais ninguém. — Ele se virou para mim. — Você é a senhora Elizabeth Delaney?

Minha boca deve ter aberto de espanto.

— Eu... eu sou — gaguejei.

Ele me entregou o pacote como se estivesse extremamente feliz por se livrar daquilo. Em seguida, ele limpou a neve de sua parca, tirou a luva e estendeu a mão para Wynn.

— Carl Havens da Real Polícia Montada do Noroeste — ele disse formalmente.

Eu estava com o pacote em minhas mãos, olhando com os olhos arregalados para o jovem oficial. Como ele chegou à nossa pequena cabana no Norte? O que ele estava fazendo aqui? E de onde veio essa caixa estranha?

Wynn estava falando:

— Bem-vindo ao Norte, Carl. Você não vai tirar o casaco e contar-nos do que se trata? Eu acredito que Elizabeth acabou de fazer um bule de café fresco.

Então foi com aquele bule de café fresco em frente à nossa lareira que Carl Havens nos informou o que estava fazendo em nossa área e como ele tornou-se nossa visita de Natal.

Seu posto era em Calgary e veio a conhecer nossa Julie na pequena igreja. Quando assumiu seu novo posto no Norte, Julie expressou o desejo de enviar um pacote de Natal para sua família. Havens verificou com o Comando e deram a permissão para ele agir como mensageiro. E então aqui estava o oficial Havens a caminho de seu posto, que era ao Norte e um pouco a Leste do nosso, parando para nos visitar com um pacote de guloseimas lá de casa!

Parecia bom demais para ser verdade.

Os presentinhos de Jon e Mary, de cada uma das crianças, e de Julie, em particular, deveriam ter alegrado meu Natal. E eu acho que alegraram. Mas também me deixou ainda mais solitária. Eu chorei ao abrir cada um dos embrulhos. Os homens pareciam entender, e não tentaram me convencer a não chorar.

Fiz mais sanduíches. Oficial Havens estava faminto, pois já estava sem comer há dias. Eu pensei no horror que era aquela trilha. Já era difícil viajar no calor do verão. Devia ser quase insuportável no frio do inverno. Eu me perguntei como o jovem montado conseguira chegar até nós na neve.

— Estou viajando com guias — disse ele em resposta às nossas perguntas.

— Eles estão acampados perto da Sede. Vamos passar a noite ali e partiremos pela manhã. O homem da Sede... McLain, não é? Ele me disse onde encontrar você, e é claro que eu não pude descansar enquanto o pacote não fosse entregue, e na hora certa, também.

Ele sorriu enquanto eu me perguntava o quão sério seria o relacionamento entre ele e Julie. Ele parecia ser um bom rapaz. Ele faria bem para Julie.

Enquanto tomávamos nosso café com sanduíches, enchi-o de perguntas sobre a família e a vida em Calgary. Como um sopro fresco de casa, era muito bom receber notícias do mundo exterior.

Já era tarde quando ele disse que precisava ir. Seus homens provavelmente perguntavam sobre ele. Eles teriam que partir bem cedo.

Wynn o convidou para o café na manhã, mas ele recusou. Ele comeria com seus homens, disse ele. Wynn prometeu vê-lo antes de partir, e então ele foi embora pela neve, do mesmo jeito que havia chegado.

Tive uma sensação estranha ao observar sua figura alta partir rumo à escuridão.

— Wynn — perguntei — ele estava realmente aqui ou eu estava sonhando?

Wynn apontou para os presentes agora espalhados em nossa pequena cabana.

— Parece que ele realmente estava aqui, Beth.

Já fazia muito tempo que Wynn não usava meu apelido. Pisquei para conter as lágrimas, sem ter certeza se eram lágrimas de alegria ou tristeza. Eu ainda sentia falta da minha família. Os presentes eram bonitos, mas não tomavam o lugar de quem os enviou. Eu também amava meu querido marido. Sim, minha escolha era a mesma. *Enquanto Wynn estiver no Norte, estarei aqui com ele.*

Ele me tomou suavemente em seus braços e beijou a lágrima que estava na minha bochecha.

— Foi difícil este Natal, não foi?

Eu concordei.

— Lamento que você esteja tão solitária — continuou.

— Você percebeu?

— Percebi.

— Achei que estava escondendo tão bem!

Ele me abraçou mais forte.

— Agradeço sua tentativa, Beth, embora eu tivesse ficado mais do que feliz em falar sobre isso. Poderia ter ajudado um pouco. Às vezes, também fico solitário. Penso na minha casa, na minha mãe; sobre o fato de eu não estar lá quando papai faleceu. Gostaria de ter estado presente. Preocupa-me um pouco que a mesma coisa possa acontecer com a mamãe. Todos os dias eu oro: *“Por favor, Deus, deixe-me estar presente desta vez”*. Isso soa idiota? Eu quero dizer, você pode entender?

— Eu entendo — eu disse enquanto meus braços o envolviam.

Eu realmente compreendia.

Wynn também tinha uma família que amava profundamente. Não era fácil para ele servir no Norte. Mas as pessoas aqui precisavam dele. Foi o seu compromisso com eles que o manteve na Força, que o manteve aqui no pequeno vilarejo. Eu tinha visto o mesmo brilho de compromisso nos olhos do outro jovem Montado, Carl Havens. Ele também sentia que ser um membro da Real Polícia Montada do Noroeste era mais que um trabalho. Era um chamado para servir às pessoas. O chamado ainda maior de Wynn em servir ao seu Senhor era cumprido em suas responsabilidades aqui entre caçadores e indígenas.

Inclinei-me para beijar meu marido, e com o beijo foi uma

promessa; uma promessa do meu amor e apoio aqui ao seu lado por tanto tempo quanto ele sentisse que o Norte precisasse dele.

Capítulo 17 – Volta às Aulas

Jim Cervo apareceu na minha porta na manhã seguinte. Não esperava começar as aulas novamente por mais um ou dois dias, mas ou Jim não entendeu ou fingiu não entender.

— Vim para a escola — disse ele em resposta ao meu olhar perplexo.

Eu não o rejeitei. Ele entrou e ocupou seu lugar, e eu trouxe alguns livros para ele olhar enquanto eu terminava minhas tarefas matinais.

Ele se enterrou nos livros e não prestou atenção em mim.

— E Susie? — perguntei a ele. — Se vamos ter aula de novo, ela não deveria estar aqui, e Wawasee?

— Eles vêm... talvez — disse Jim, com medo que eu mudasse de ideia.

— Mas eles não sabem — continuei.

— Você bate o sino — respondeu Jim, resolvendo esse dilema.

Eu sorri para mim mesma e fui buscar o tambor.

Depois de alguns momentos, Wawasee apareceu. Enfiado em sua parca estava seu amado caderno. Ele me mostrou com orgulho cada página preenchida com seus desenhos. Eles eram muito bem feitos, e fiquei maravilhada que uma criança de sua idade, sem treinamento ou orientação, pudesse fazer tão bela e habilidosa arte.

Eu o coloquei na mesa e o designei para desenhar as ilustrações em mais alguns cartões. Então eu ouvi a leitura de Jim. Ele estava indo bem.

A manhã passou e Susie não apareceu. Eu estava preocupada com ela, e depois que os dois meninos foram para casa e eu tinha almoçado e limpado a mesa, decidi ir até a cabana de Susie para ver como as coisas estavam indo.

A mãe de Susie, Maggie, ainda estava deitada na cama no canto com seus gêmeos. Ambos pareciam bem, embora um chorasse vigorosamente enquanto o outro dormia ao barulho do irmão.

Havia muita bagunça e confusão na cabana. Um casal de idosos estava se mudando. A mulher cuidaria de Maggie e dos bebês, e como o velho também precisava de seus cuidados, ela o trouxe consigo.

Susie foi enviada para recolher um pouco de lenha para manter o fogo aceso. Pensei no suprimento de madeira ao lado da cabana que usamos como nossa escola. Assim que paramos de ter aulas na escola improvisada, o povo do vilarejo se aproveitou do abastecimento e se serviram. Suponho que sobrara muito pouco.

Com mais duas pessoas se mudando para a cabana, me perguntei

onde eles dormiriam. Ela já estava lotada com a família que a ocupava. Além de Susie, Maggie tinha dois pequenos meninos e agora também tinha os gêmeos recém-nascidos.

Fui até a cabeceira da cama para falar com Maggie. Ela ainda parecia fraca. Ela sorriu para mim e acenou com a cabeça para cada bebê.

— Dois — disse ela para mim. Eu sorri de volta.

— Como você está, Maggie? — perguntei.

— Não é bom — disse ela, balançando a cabeça; então seu rosto se iluminou. — Mas logo.

— Vou mandar o sargento passar para te ver. Ele pode ter algum remédio para torná-la forte mais rápido — eu prometi, me perguntando até mesmo enquanto falava se Wynn teria algum tipo de tônico ou vitaminas.

— Que bom — disse ela. Ela ficou deitada por um minuto e então continuou: — Susie ouve um sino. Querer ir. Eu preciso hoje. Agora MUITÍSSIMA vem. Mas Susie pode ficar com outra família na grande vila. Sem lugar aqui.

O rosto de Maggie parecia triste com a ideia.

— O que você quer dizer? — perguntei, horrorizada com o que pensei ter entendido.

— Sem lugar — repetiu Maggie.

Eu olhei ao meu redor. Ela estava certa. Não havia espaço para colocar outra cama no chão, mas de alguma forma, outras duas precisariam ser espremidas.

Sem nem mesmo parar para pensar ou respirar, disse:

— Eu tenho espaço. Vou mantê-la em minha casa; então ela não precisará ir para a grande vila, e ela poderá vir, ver você e ajudar a apanhar sua madeira e...

— Isso é bom — concordou Maggie. — Você toma.

Eu mal podia esperar que Susie voltasse de sua coleta de madeira para que eu pudesse contar-lhe as boas notícias. *Ela ficaria comigo; poderia continuar com suas aulas*, eu fiquei feliz. Ela não precisaria deixar seu vilarejo ou seu povo.

Susie recebeu a notícia com uma alegria silenciosa. Se não fosse o brilho em seus olhos, eu não teria pensado que ela de fato me ouviu.

Ela não se despediu da mãe, mas notei que seus olhos trocaram um olhar, e eu sabia que mãe e filha sentiam a separação. Susie estaria por perto, então ela poderia voltar para casa todos os dias para ajudar nas tarefas domésticas e para visitar a mãe.

Partimos para nossa cabana. Susie carregou tudo o que possuía em uma pequena trouxa. Eu me perguntei como alguém, mesmo uma

menina pequena, poderia sobreviver com tão poucos pertences.

Enquanto caminhávamos silenciosamente pela clareira, o sol brilhou intensamente em um céu sem nuvens, o tipo de dia que causa cegueira por causa do brilho intenso da neve do inverno. Vi que Susie apertou os olhos e acho que apertei os olhos também.

Wynn ficará surpreso ao voltar para casa esta noite, pensei.

Não havia nenhuma dúvida em minha mente, sabia que Wynn sinceramente aprovaria minhas ações. Eu tinha certeza que ele levaria para casa todo o vilarejo se achasse que fosse para o bem deles.

Kip deu as boas-vindas a Susie com generosos meneios de rabo. Talvez ele tenha sentido falta dela na aula hoje. Ela colocou seu pequeno pacote no chão e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Eu vou morar com você, Prateado — disse ela, chamando-o por seu nome indígena.

Kip pareceu gostar do arranjo. Seu corpo todo acenava com entusiasmo.

Foi então que notei um pequeno salto no meu coração. Agora, a cabana não parecerá tão vazia quando Wynn estiver ausente. Ela será preenchida com a voz de uma criança.

Capítulo 18 – Susie

Fez diferença ter Susie em nossa casa. O que estivera quieto e vazio antes, agora ficou cheio de risos e brincadeiras infantis. Susie era uma coisinha brilhante que adorava tagarelar e rir. Kip era seu companheiro de brincadeiras. Eles brincavam juntos no tapete e nos móveis e, às vezes, eu ficava tentada a advertir para que ficassem quietos. Então, lembrava de como a casa costumava ser antes, e como seria novamente quando Susie nos deixasse, e me continha.

O domínio de Susie no inglês se ampliou rapidamente. Ela amava meus livros.

Quando eu estava ocupada, ela se debruçava sobre eles tentando pronunciar as palavras. Quando eu estava livre, ela me pedia para ler para ela e não demorava muito para me persuadir porque eu amava tanto quanto ela.

Tive o cuidado de mandá-la para casa em certa parte do dia. Quando ela saía, eu trabalhava rapidamente em tudo o que precisava fazer para que quando ela voltasse eu estivesse livre para passar meu tempo com ela.

Alguns dias eu me vestia com roupas mais quentes e ia com ela para a floresta para ajudar a reunir o suprimento de madeira para sua cabana. Nós sempre levamos Kip e ele amava brincar na neve. Aquilo era bom para todos nós, e voltávamos para casa com as bochechas rosadas e os olhos brilhando, encantados com as coisas que havíamos visto na floresta.

Não negligenciamos os trabalhos escolares de Susie. Na verdade, acho que avançamos. Nós amamos a emoção de aprender. Susie compartilhou comigo muitas coisas sobre seu povo, e eu compartilhei com ela muitas coisas sobre o meu. Ela me ajudou muito a entender os indígenas e tive a maravilhosa oportunidade de aprender mais a sua língua.

Embora Susie risse das minhas tentativas de pronunciar algumas das palavras estranhas, ela era uma boa professora e eu precisava repetir a palavra várias vezes até acertar. No meu coração, eu esperava pelo dia em que ela estaria à frente de uma sala de aula, ensinando seu próprio povo. Agora eu tinha certeza que Wynn e Nimmie estavam certos. Uma ou duas dessas adoráveis crianças poderiam abrir a porta de um novo mundo para toda a tribo. Talvez Susie, com sua mente rápida e amor pelo riso, seria a chave para essa porta.

Wynn também amava Susie. No início, ela ficava tímida perto dele. Ela respeitava o homem da lei, e talvez até gostasse dele, mas ela

se segurava, revelando um sorriso gentil em seus olhos escuros.

Kip certamente não era tímido. Sempre que Wynn voltava para casa, Kip o recebia na porta com latidos alegres e o rabo abanando. Dificilmente Wynn conseguia remover seus pesados casacos de inverno antes de travar a lutinha que Kip esperava. Wynn pegava a sua grande cabeça prateada e extremamente peluda entre as mãos e pressionava seu rosto contra o pelo fofo do cão. Em seguida, os dois se moviam para frente e para trás e muitas vezes acabavam rolando no chão.

A princípio, Susie observava tudo com os olhos arregalados de espanto.

Tenho certeza que ela nunca tinha visto coisas assim antes; não com um homem adulto. Ocasionalmente, Kip olhava em sua direção e choramingava, como se a convidasse para se juntar a eles. Então Susie saía e verificava se eu tinha alguma tarefa que gostaria que ela fizesse.

Depois que Kip estava satisfeito, Wynn vinha até mim. No início não sabíamos como deveríamos nos comportar na presença de Susie.

Sentimos que ela provavelmente não estava acostumada a ver um abraço e um beijo de boas-vindas entre adultos da maneira como estávamos acostumados.

Deveríamos, por causa de Susie, nos conter? Tentamos por um único dia. Mas sentimos falta e decidimos que Susie provavelmente poderia se ajustar à nossa maneira de demonstrar afeto. Então, quando Wynn foi ao fogão para ver o que eu estava cozinhando, nos abraçamos e nos cumprimentamos com um beijo, como sempre fizemos.

No início, notamos os olhos grandes e negros de Susie em nós, mas quando os dias se passaram ela pareceu aceitar aquilo como parte dos rituais estranhos de nossa casa.

Wynn nunca deixou de se voltar para a garotinha com uma pergunta sobre o dia dela. No começo, ela era tímida e hesitante, mas gradualmente se tornou mais aberta. Eles até compartilharam palavras indígenas que eu ainda não conhecia. Ele fazia uma pergunta em sua própria língua e ela respondia com brilho em seus olhos. Esta troca era frequentemente seguida de riso, e eu ficava feliz com suas piadinhas particulares.

Susie era rápida em observar. Quando Wynn entrou e removeu suas roupas de inverno, ele também tirou as botas pesadas e calçou algo mais leve e confortável. Ele se sentou em uma cadeira grande na frente do fogo para retirar as botas. Então ele caminhou, só de meias nos pés para nosso quarto para pegar seus chinelos. Toda noite seu pequeno ritual era o mesmo. Até a noite em que Susie mudou.

Wynn havia jogado seu corpo cansado em sua cadeira e estava

puxando as botas pesadas. Ele sentou por um momento relaxando os músculos tensos e depois se levantou para ir para o quarto, mas Susie estava parada na frente dele com seus chinelos em sua mão estendida.

Os olhos de Wynn primeiro demonstraram surpresa, e então, ele sorriu para ela.

Ele estendeu a mão, não para os chinelos, mas para a menina. Ele puxou-a para si e a abraçou forte. Susie não recuou.

Eu me perguntei enquanto observava se aquela seria a primeira vez que Susie estava sendo abraçada por um homem. Seu próprio pai teria sido um caçador muito ocupado, muitas vezes saía de casa e não era acostumado a mostrar seu amor daquela forma, embora ninguém pudesse duvidar que os pais indígenas amassem seus filhos. Frequentemente, eles eram vistos conversando e brincando com eles, e seus olhos brilhavam de orgulho e alegria. Muitas vezes observei que se houvesse necessidade, tenho certeza que teriam dado suas vidas por seus filhos sem qualquer hesitação.

Mas aqui estava a pequena Susie recebendo um abraço caloroso. Ela entenderia?

— Obrigado, minha garota — Wynn estava dizendo. E então ele disse algumas palavras no dialeto indígena e Susie deu uma risadinha. Wynn a soltou e calçou os chinelos. Os olhos de Susie nunca deixaram seu rosto.

— Como não tive que andar todo o caminho até o quarto para pegar meus chinelos, pode haver tempo para um conto antes de Elizabeth nos chamar para jantar — disse Wynn com um aceno de cabeça para a pequena pilha de livros.

O sorriso de Susie ficou mais amplo e ela correu para seu favorito. Eu, de forma não obstrutiva, adiei um pouco o jantar. Wynn ergueu Susie em seu joelho e logo os dois estavam completamente absorvidos na história.

Enquanto os observava, as lágrimas encheram meus olhos. Era como deveria ser. Isso era o que queria dar a Wynn: um filho; um filho seu para amar, cuidar e acariciar. Eu sabia instintivamente que Wynn seria um bom pai. Eu estava certa. Podia ver isso claramente pela maneira como segurava Susie.

Éramos uma família de verdade agora. Wynn, Susie e eu. Havia um sentimento de família em nossa pequena cabana. Éramos felizes juntos, Wynn e eu, mas uma criança era o que precisávamos para tornar nossa vida completa.

Olhei para Wynn e para a menina em seus joelhos. Seus olhos estavam presos às páginas do livro de histórias. Meu coração cantou uma pequena canção. Eu amava tanto a Susie e tinha certeza que era recíproco. Era tão divertido correr na neve, fazer biscoitos, ensiná-la a

bordar, ajudá-la a fazer uma boneca de pano... Havia tantas coisas que fizemos juntas no curto tempo desde que Susie chegou. Pensei no futuro e em todas as coisas que ainda queria compartilhar com ela.

E então um pensamento como um lampejo me trouxe de volta à realidade.

Enfrentei o fato de que Susie não ficaria muito tempo conosco. Eu amaria ficar com ela. Eu sabia que Wynn adoraria ficar com ela. Meu coração doía enquanto formava as palavras, mas *ela não era verdadeiramente nossa*, embora minha mente gritasse contra o fato. Ela pertencia à outra família. Eu sabia que isso não mudaria, nem eu mudaria se pudesse. Susie amava sua família. Sua família a amava. No final das contas, ela pertencia a eles.

Devo me lembrar disso diariamente e não fazer nada que possa tornar tudo mais difícil para Susie quando ela voltasse para sua própria casa.

Meu amor profundo deve protegê-la do meu amor. Parecia um enigma estranho, mas eu sabia que era verdade. Seria muito fácil fingir que Susie era minha. Assumir o controle da vida dela. Tentar fazê-la branca em vez de indígena.

Nós a amaríamos. Nós dois a amaríamos. Mas nós — e especialmente eu — deveríamos estar conscientes de quem ela era e preservar e guardar isso para ela, ao mesmo tempo em que expandia seu mundo. Não seria fácil, mas tentaria de todo o coração.

Susie voltará para casa, eu deveria sempre me lembrar disso. Possivelmente quando isso acontecesse, eu esperaria nosso próprio filho. Sentiríamos muito a falta de Susie, mas ajudaria saber que alguém, outra criança, estava a caminho para preencher o vazio.

Esperei que a história acabasse e chamei os dois para jantar. Inclínamos nossas cabeças para dar graças e Susie estendeu a mão para segurar a nossa, como era nosso costume ao orar juntos.

Segurei a mãozinha na minha e fiz minha própria oração silenciosa enquanto Wynn orava em voz alta. Orei por Susie, nossa querida garotinha. Eu gostaria de sempre pensar nela como nossa. Exclusivamente nossa. Talvez não. Pedi que Deus me desse sabedoria diária. Eu orei pela salvação dela. Orei pela salvação de sua mãe e de sua família. Sem isso, Susie não teria muita chance quando voltasse para casa.

Meu pensamento mudou quando me sentei e me curvei para a oração. Vi claramente que se eu queria tocar a vida de Susie para sempre, então eu precisaria trabalhar com toda a família. *Devo fazer mais! Devo estender a mão!* Eu precisava da ajuda e direção de Deus.

Wynn e eu tivemos uma longa conversa naquela noite, depois que Susie foi para a cama. Disse a ele como Deus tinha falado comigo, e

ele me segurou em seu abraço enquanto eu falava. Eu estava certa, ele me assegurou. O mundo de Susie não era nosso mundo. Tínhamos que prepará-la para um retorno ao seu próprio, quando quer que fosse.

Nossos dias mudaram, embora externamente nossa rotina doméstica permanecesse a mesma. Susie e eu passamos nosso tempo juntas. Eu sempre ia com ela juntar lenha e levar para sua casa. Enquanto nós conversávamos tentava aprender muito mais sobre o povo dela. Quando íamos para a casa dela, passava mais tempo conversando com a mãe dela e com os meninos. Ousei tentar as palavras que Susie estava me ensinando.

Às vezes, elas não davam certo, e Susie ria, mas ela me corrigia e eu continuava.

Até conversei com o casal de idosos, muitas vezes compartilhando um pouco da minha fé com eles. Eu queria que eles entendessem, viessem a conhecer a Deus. Eles ouviam educadamente, mas não me questionaram mais, como eu esperava e orava que fizessem.

No final do dia, quando Wynn voltava para casa, muitas vezes cansado das grandes demandas do dia, Kip sempre o encontrava na porta; mas agora Susie geralmente também estava lá. Às vezes, ela pulava e também rolava no chão. Então, quando Wynn tirava suas botas pesadas, ela corria para o quarto para pegar seus chinelos.

Certifiquei-me de que o jantar não fosse tão apressado que não houvesse tempo para a leitura de um livro, enquanto Wynn e Susie se aconchegavam na grande cadeira e ele lia para ela. Por mais que ela me amasse, eu sentia que essa provavelmente era sua hora favorita do dia.

Dávamos graças à mesa em sua língua indígena. Queríamos que Susie sentisse que não era ‘ao Deus do homem branco’ que orávamos. Ele poderia ser o Deus dela também. E quando nos ajoelhávamos ao lado da cama para a oração da hora de dormir no final do dia, novamente orávamos em palavras que Susie aprendera em seu berço.

Estávamos construindo juntos, embora Susie pudesse não ter consciência disso. Nós a abraçamos e amamos, aninhamos e guiamos, mas durante todo o tempo que fazíamos isso, era com a consciência de que estávamos preparando-a, e a nós mesmos, para aquele dia inevitável em que nossos caminhos se separariam e voltaríamos a caminhar por trilhas diferentes.

Capítulo 19 – A Primavera Retorna

Por causa de Susie, nossos dias eram mais do que preenchidos com coisas boas para fazer. Eu ainda dava aulas, os dois meninos do vilarejo se juntavam à Susie todas as manhãs.

Susie agora estava muito mais extrovertida e falante do que a maioria das crianças do vilarejo. Me perguntei se ela acharia difícil se integrar com as outras crianças novamente, e temia um pouco por ela. Por esta razão, sugeri que ela reservasse algum tempo todos os dias para participar das brincadeiras na aldeia.

Ela não hesitou. Ela foi de bom grado e pelo que observei parecia não ter nenhuma dificuldade em voltar aos seus amigos.

Um dia, mandei Susie brincar e decidi caminhar à Sede para buscar alguns itens que eu precisava. Isso me daria tempo para tomar chá com Nimmie. Ainda fazíamos nossos estudos bíblicos semanais e Susie sempre se juntava a nós com os olhos arregalados de admiração com as coisas que líamos e discutíamos. Ela já havia decidido dar seu coração a este Jesus que a amou o bastante para morrer por ela; e juntas, Nimmie e eu explicamos o evangelho e o que significava segui-lo. Ela era uma criança muito preciosa, com uma fé simples.

Mas agora eu estava ansiosa por falar apenas de coisas de mulher com Nimmie. Sua barriga já estava aparecendo. Os dois bebês não teriam idades muito diferentes. *Engraçado*, pensei, *aqui está Nimmie, casada por muitos anos sem filhos, e agora ela vai ser mãe duas vezes, em tão pouco tempo.* Sorri para mim mesma.

Talvez seja isso que Deus reservou para mim. Mas esperava não ter que esperar tanto quanto Nimmie.

Aproximei-me de um grupo de crianças profundamente absortas em suas brincadeiras.

Elas nem mesmo se viraram para olhar para mim quando passei. Eles estavam sentados na neve com os olhos voltados para o leste com rostos intensos.

E então eu avistei Susie. Ela estava na frente do grupo, segurando alguns velhos cartões que eu tinha dado a ela. Ela era a professora, e eles eram os alunos. Fiquei imóvel, espantada. Não pude acreditar no que via.

— Que é este? — Ouvi sua voz clara perguntar.

Muitas mãos se ergueram ansiosamente. Susie apontou para uma garotinha.

— Peixe — disse a criança.

— Certo — disse Susie, irradiando aprovação. — É peixe.

Eu balancei minha cabeça tentando entender. Como é que eles

não compareciam

à minha escola, mas estavam aqui? Então comecei a rir baixinho. Não era disso que Nimmie falava o tempo todo? Ensine um, eles ensinarão aos outros. Aqui estava Susie, brincando, fazendo algo que eu não conseguia fazer.

Devo me certificar de que ela tenha mais cartões, disse a mim mesma e me apressei para ver Nimmie. Eu mal podia esperar para compartilhar esta notícia emocionante com ela.

Eu não tinha feito meu costureiro alvoroço sobre a chegada da primavera, e por isso foi uma surpresa para mim quando Wynn comentou certa noite:

— Espero que o gelo quebre no rio em breve. Os indígenas esperam que seja um espetáculo e tanto este ano por causa do congelamento ter sido tão profundo. Eles dizem que você pode assistir tudo daquele penhasco alto a Leste do vilarejo. Você está interessada?

Eu olhei para Wynn com espanto, de repente, percebendo que havia realmente pouca neve deixada ao redor do vilarejo e que as mulheres indígenas estavam novamente procurando nos prados próximos por novos alimentos para suas panelas. *Eu realmente não sofri muito*, pensei, *meus dias e horas foram tão ocupados com outras coisas*.

Susie já estava saltando para cima e para baixo, batendo palmas.

— Claro — respondi. — Mas por que este ano? Por que é diferente desta vez? — perguntei.

— Tivemos um clima mais frio. O rio está mais congelado do que de costume. Alguns dos homens até temem pelos peixes em algumas áreas onde a água não é muito funda.

Eu nem tinha percebido que o tempo esteve mais frio do que de costume.

— O tempo quente veio mais rápido — continuou Wynn. — Você não percebeu a rapidez com que a neve desapareceu? Pode haver problemas de enchentes este ano.

Parei no caminho rumo ao fogão, com uma panela na mão. Meus olhos se arregalaram.

— Estamos correndo... — Eu me controlei e olhei para Susie. Ela estava atenta a cada palavra. Wynn captou meu pensamento.

— Não haverá perigo para o nosso vilarejo. Estamos alto o suficiente na crista deste penhasco, mas algumas das aldeias mais a abaixo podem ter dificuldade.

Eu ainda não tinha chegado ao fogão com a panela.

— O que pode ser feito? — perguntei a Wynn.

— Ian, eu e alguns outros homens vamos sair amanhã para examinar as coisas. Podemos pedir a alguns deles que movam seus pertences para um terreno mais alto. Espero que eles não resistam. Alguns dos mais velhos podem se lembrar de quando o rio inundou antes, cerca de vinte e seis anos atrás. Quase destruiu um vilarejo daquela vez. Aqueles que se lembram podem estar dispostos a saírem e influenciar os outros.

Então Wynn mudou abruptamente de tom e de assunto.

— Não vamos adiantar problemas — afirmou ele, filosoficamente.
— Susie, você gostaria de ver o gelo sair do rio?

Ela respondeu com uma palavra indígena que mostrava alegria e antecipação. Ele riu e despenteou seu cabelo preto.

— Então está tudo resolvido — disse ele. — Nós iremos.

— Quando? Quando? — Susie pulou com empolgação.

— Não tenho certeza ainda. Dois homens estão vigiando o rio. Eles nos avisarão quando estiver prestes a acontecer.

— Como eles podem saber? — Susie ecoou minha própria pergunta não pronunciada.

Wynn riu.

— Bem, eu não tenho certeza de como eles sabem. Mas parecem saber sobre todas as inundações quando estão prestes a acontecer. Eles observam cuidadosamente para ter certeza dos sinais. Eles ouvem o som do rio e do gelo. Eles sabem.

— E eles vão nos dizer? — Susie queria muita garantia.

Wynn acenou com a cabeça.

— Com tempo? — persistiu Susie. — A tempo de chegarmos à colina?

Wynn sorriu com sua impaciência.

— Com muito tempo — assegurou ele.

Continuei até o fogão com minha panela e coloquei no fogo, quase subconscientemente passando a mão sobre a grande fornalha de ferro para testar seu ponto mais quente. Em seguida, coloquei mais lenha e voltei-me para Wynn.

— Acho que eu só esperava mais tempestades de neve — confessei. Realmente não tinha me permitido esperar pela primavera ainda.

— Não estou dizendo que não teremos mais uma nevasca ou duas — ele advertiu — mas se acontecer, não deve durar muito. Eu acho que a primavera veio para ficar.

Eu me virei para arrumar a mesa e percebi que Susie já tinha colocado os pratos, as xícaras e os talheres. Coloquei a mão em seu

ombro para agradecê-la.

— Susie — eu disse, — você gostaria de aprender a plantar sua própria horta?

Ela voltou-se para mim com seus olhos brilhantes.

— Oh, sim! — exclamou ela. — Como o da Sra. Ian?

“Sra. Ian” era como as crianças chamavam Nimmie.

— Como o da Sra. Ian — respondi.

— Ela nos deixa provar suas coisas, às vezes — acrescentou Susie.
— Se nós prometermos não roubar quando ela não estiver olhando.

Sim, Nimmie chamaria o ato exatamente o que era. Sem atenuar dando-lhe algum nome menor.

— Índios não roubam — continuou Susie, séria — porque compartilhamos tudo. Mas, para ser educado, devemos pedir. E se eles não estão olhando e pegamos, e nos escondemos, isso significa roubar.

— Isso mesmo — concordei um tanto distraidamente.

— E os brancos não gostam de ladrões — continuou Susie. Ela lançou um olhar furtivo para Wynn. — Eles prendem as pessoas.

Eu sabia que ela estava identificando Wynn como aquele que faria a “prisão”. Wynn ergueu os olhos enquanto tirava as botas.

— Não prendemos crianças — disse ele com bastante firmeza.

— Não? — Seria alívio ou dúvida na voz de Susie?

— Não, não prendemos — disse Wynn defensivamente.

Eu sabia que ele costumava ficar irritado por ser usado como o bicho-papão de tantas crianças. Susie ficou em silêncio por um momento e então um brilho surgiu em seus olhos negros.

— Espere só *‘té* eu contar *pro* resto — disse ela. — Nós podemos fazer tudo que nós *quer...*

Mas Wynn não a deixou terminar. Percebendo, antes mesmo de mim, que Susie estava brincando com ele, ele jogou de lado sua bota pesada e com um dos pés descalços, saiu correndo atrás da garotinha. Susie correu gritando, enquanto as risadas tornavam mais difícil para ela escapar. De qualquer modo, não havia muito espaço para correr em nossa pequena cabana, então depois de uma volta ao redor da mesa, Wynn a pegou. Kip não resistiu e se envolveu na disputa. Eu fiquei no meu pequeno lugar na frente do fogão, assistindo a comoção toda e esperando que os uivos e latidos selvagens não chegassem até o vilarejo. Nossos vizinhos iriam se perguntar que diabos estava acontecendo.

— Já chega — eu finalmente disse, e gesticulei para Kip ir para o seu canto.

— É melhor parar — Wynn brincou com Susie — antes que Elizabeth nos coloque de castigo também.

Susie estava ofegando levemente com o esforço. Por alguns minutos ela ficou quieta enquanto Wynn a ajudava a se levantar e a colocava na cama.

Então ela se virou para ele, com seus olhos grandes e questionadores.

— Não é verdade, é? Você não prende as crianças para que elas nunca vejam suas famílias de novo?

— É verdade, Susie. Nunca prendemos crianças.

— Então o que você faz se eles são ruins?

— Conversamos com as mães e pais e tentamos fazer com que ajudem seus filhos a serem bons. Conversamos com as crianças e contamos todos os perigos de continuar a ser ruim. Não queremos que as crianças cresçam para serem pessoas más. Isso deixa todo mundo muito triste. Nós não gostamos de prender as pessoas; ninguém. Mas, às vezes, temos que prender adultos que insistem em ser maus para machucar outras pessoas.

Susie pensou a respeito. Ela acenou sua cabecinha escura, muito séria.

— Você é como Jesus — disse ela pensativamente.

Os olhos de Wynn se arregalaram.

— O quê?

— Você é como Jesus — disse Susie, mais positivamente agora que disse as palavras em voz alta. — Ele não gosta quando as pessoas são más e Ele não gosta de mandá-las embora do céu, mas estragaria o céu para todos os outros se Ele permitisse a entrada de pessoas más.

Wynn não disse nada, mas seus olhos pareciam enevoados quando ele estendeu a mão para despentear seus cabelos escuros em seu caminho para o quarto para pegar seus chinelos.

Era um dia claro e ensolarado e, tive que admitir, quando respirei profundamente, que a primavera realmente estava conosco novamente. Eu desejei ansiosamente pela promissora estação de colheita. Amava os meses de verão nesta bela terra; se ao menos houvesse alguma maneira de contornar as hordas de mosquitos e moscas pretas. Mas, mesmo com elas me atormentando, eu apreciaria os próximos meses de verão.

As crianças brincavam e os adultos conversavam na encosta a leste da aldeia enquanto esperávamos pela vista espetacular do rio descongelando. Ian e Wynn e os dois homens que eles levaram já haviam descoberto que dois vilarejos estariam em perigo caso

houvesse inundação. Eles conversaram com as pessoas e os incentivaram a deixar suas cabanas de madeira e mover seus pertences para um local mais alto. Algumas pessoas os ouviram. Outros insistiram que estavam alto o suficiente para escapar das águas turbulentas do rio. Wynn tinha argumentado e explicado o melhor que pôde, mas alguns permaneceram irredutíveis. Finalmente Wynn os deixou, após uma promessa de que eles manteriam um homem de guarda para vigiar o rio.

Então agora esperamos no topo da colina, observando para ver o que aconteceria quando o rio jogasse fora as pesadas vestes de inverno e se libertasse das retenções de gelo.

Sorri para mim mesma. Senti que todos nós estávamos apenas usando isso como desculpa para nos afastarmos do vilarejo e darmos uma festa na montanha.

Alguns até prepararam um piquenique para a ocasião.

Havia um zumbido alegre ao meu redor enquanto as pessoas se congratulavam. Os gritos das crianças ecoavam no silêncio do dia. Elas estavam gostando muito do passeio.

Isso mostra o quanto temos falta de entretenimento, disse a mim mesma, *quando todos caminhamos três quilômetros até uma colina para ver o gelo do rio quebrar.*

E então houve um silêncio estranho e assustador. Todas as cabeças se viraram em direção ao rio, deixando frases inacabadas, penduradas no esquecimento no ar da manhã.

Eu nunca teria acreditado que nosso rio calmo e plácido pudesse reagir com um frenesi selvagem e indomado, mas enquanto observávamos, ele levantou sua cabeça com um desafio que tanto me surpreendeu quanto me assustou.

Um gemido baixo rapidamente se transformou em um rugido ensurdecedor, e então houve um estalo que estilhaçou o ar com sua intensidade. Enquanto o som rompeu a quietude, enormes blocos de gelo foram lançados muitos metros no ar e lançado para frente. Houve um movimento e trituração, e a espuma e as águas turbulentas começaram a açoiar as costas onde o gelo estava. Eu encarei com espanto silencioso.

As águas e os blocos de gelo se contorceram e espumaram enquanto iam embora com a intenção de algum mal, rugindo mensagens vingativas.

As águas turbulentas correram para uma curva acentuada do rio. Ali pareciam parar, lutando e açoiar como um gigante moribundo. E então ouviu-se um grito e outro se seguiu, e logo as pessoas estavam ao meu redor, gritando umas com as outras em tons angustiantes. Eu não conseguia entender nada. Meus olhos se voltaram de volta ao rio.

Os blocos de gelo estavam empilhando cada vez mais alto, e atrás deles estava um mar barulhento e turbulento de águas bravias.

Procurei por Wynn ao meu lado. Depois, por Susie.

Avistei Susie com Kip em um grupo de crianças do vilarejo. Seus olhos também se voltaram para a curva do rio. Mesmo enquanto eu assistia, a água escorria lentamente pelas margens do rio e transbordou para ambos os lados, ainda cinza e com aparência de raiva. Então, eu vi Wynn. Ele ergueu a mão para chamar a atenção das pessoas. Lentamente, o grupo ficou em silêncio novamente, apenas o distante rugir do rio e a trituração e do gelo quebrando o silêncio.

— Mulheres e crianças fiquem aqui. — Wynn estava chamando acima daquele barulho.

Eu olhei desesperadamente em volta. Nimmie se movia silenciosamente em minha direção.

— O que ele quer dizer? — perguntei a ela, intrigada e assustada.

— O rio — disse ela. Pensei ter detectado medo em sua voz. — Ele bloqueou na curva.

Virei-me para o rio e rapidamente para Nimmie. Eu não tive que fazer minha pergunta.

— Aconteceu há mais de um ano — continuou Nimmie. — Tudo no vilarejo foi perdido.

— Não! — Quase gritei, colocando as mãos no rosto enquanto eu imaginava nossa casa aconchegante submersa sob aquela corrente de gelo.

Nimmie estendeu a mão para mim. Foi então que percebi que Susie estava pressionando seu corpinho contra mim. *A mãe de Susie ainda estava na cabana!* Eu pensei descontroladamente. Ela ainda não era forte o suficiente para subir o penhasco. Com ela, estavam seus bebês gêmeos, o menino e a menina, e o casal de idosos que morava com eles.

Minhas mãos desceram para puxar Susie para perto. Eu esqueci a nossa cabana, e as coisas nela que a tornavam um lar para nós. Minha preocupação era com a família de Susie e as outras pessoas que ainda podiam permanecer no vilarejo.

Os homens estavam correndo agora em direção à aldeia. Meus olhos ficaram enormes quando percebi que era uma corrida de três quilômetros. Quanto tempo eles tinham? E então percebi que também havia homens correndo para o outro lado, em direção ao rio bloqueado.

— O quê...? — comecei, e Nimmie respondeu:

— Eles vão tentar quebrar o bloqueio.

— Mas como? — gaguejei, e então vi que Wynn estava liderando os corredores em direção ao rio.

— Ó, Deus, não! Por favor, não!

Cobri meu rosto com as mãos e me abaixei no chão, puxando Susie comigo.

Comecei a tremer incontrolavelmente. O que um mero homem poderia fazer contra aqueles blocos de gelo gigantescos?

— Ó, Deus. Ó, Deus! — Foi tudo o que pude exclamar.

E então alguém deu um tapinha no meu ombro. Eu tentei me recompor o suficiente para responder. Era Susie. O rosto dela também estava branco e seus olhos arregalados de medo.

— Precisamos orar — sussurrou ela. — Precisamos orar rápido... antes de chegarem lá. Antes... — Seu queixo estava tremendo. — Eu não quero outro pai morto pelo gelo — ela continuou, e me lembrei de ouvir a história de como o pai de Susie fora arrastado sob o gelo do rio enquanto tentava salvar sua matilha de cães e suas peles capturadas no inverno para que pudesse alimentar sua família.

Puxei Susie para mim. Ela sacudia de tanto soluçar.

— Querido Deus — implorei desesperadamente — Por favor, por favor, traga-os de volta! — Então, mais calmamente: — Proteja-nos, Deus. Proteja cada um de nós. Proteja os homens que foram ao rio. Mantenha-os seguros, Senhor. Esteja com Wynn. E esteja com os homens que foram para o vilarejo. Que eles cheguem a tempo de salvar o povo. Amém.

Fui trazer Susie para perto de mim, mas ela resistiu. Em vez disso, começou a orar em sua própria língua. Ela implorou a Deus que enviou o Seu Filho Jesus, o mesmo Jesus que fez todas as coisas, para libertar as águas do rio para que pudessem continuar adiante e não fossem retidas pelo gelo. Ela lembrou a Deus que Wynn não prendia crianças, ele só queria ensiná-los a não serem maus quando crescessem, só isso. E então ela disse a Deus que amava Ele também e tentaria ao máximo, durante toda a vida, em não ser má, então que ela nunca precisaria ser trancada ou mandada embora do céu.

Ela disse “amém” em inglês para encerrar sua oração.

Quando Susie terminou de orar, detestei abrir os olhos. Eu ainda tinha que ver. Sim, ainda havia homens correndo pelo longo declive da colina em direção ao rio. A água estava muito mais alta e com mais raiva ainda. Ele girava, quebrava e balançava os blocos de gelo em movimento. Tive certeza, enquanto observava que eles nunca seriam capazes de fazer qualquer coisa para liberá-lo. Eu orei silenciosamente novamente para que eles não tentassem, mas se virassem e corressem em busca de segurança antes que o rio pudesse varrê-los em sua inundação furiosa.

Eles estavam longe o suficiente e eu não podia identificar Wynn nas figuras que recuavam. E então eu vi um braço se levantado e eu

sabia que era de Wynn. Ele reuniu os homens e lhes dava ordens. Foi a primeira vez que percebi que muitos dos homens estavam armados.

— Eles vão atirar com seus rifles nos blocos de gelo — Nimmie estava dizendo. E então ela acrescentou, me parecendo bastante desamparada — Nunca funcionou, mas é tudo o que se pode tentar.

Eles começaram a se mover novamente. Eles estavam na beira da água com as águas turbulentas ao redor deles. Como um, eles levantaram seus rifles em seus ombros. Houve um silêncio ensurdecedor e então eu ouvi Susie sussurrar:

— Agora, Jesus. — E houve uma explosão repentina.

O gelo voou centenas de metros no ar, espirrando em todas as direções.

Por alguns momentos, tudo ficou em silêncio, e então se ouviu uma forte celebração. O rio estava fluindo novamente. Ainda estava inundando morro abaixo, ainda estava furioso e rugindo, mas agora se movimentava para baixo. O rio estava livre para seguir em frente.

Puxei Susie para perto. Ela não pareceu nem um pouco surpresa.

Eu a segurei e sacudi, enquanto as lágrimas, ignoradas, corriam pelo meu rosto.

— Foi ele, Susie! — gritei. — Ele fez isso.

As pessoas estavam começando a voltar em direção ao vilarejo, e muitas vozes animadas gritavam para nós na brisa. Levantei-me com as pernas trêmulas, puxando Susie também.

— Vamos, Susie — eu disse, abraçando-a, — vamos para casa agora. Nosso vilarejo está seguro. Vamos encontrar Wynn e vamos todos para casa juntos.

Mas Susie se conteve.

— Qual é o problema? — perguntei a ela.

— Você disse — começou Susie lentamente —, você disse que devemos dizer obrigada a Ele.

Susie estava certa e foi o que fizemos.

Capítulo 20 – Mudanças

Como Wynn temia, os dois vilarejos rio abaixo foram inundadas pelas águas da nascente do rio. Mas, por causa das precauções tomadas em mover as pessoas para um terreno mais alto, nenhuma vida e poucas propriedades foram perdidas. Acho que todos respiramos aliviados quando as águas finalmente baixaram e o rio voltou ao seu fluxo normal, pacífico.

Quando a primavera se tornou verão, a mãe de Susie ganhou força.

Ela agora conseguia sair e se sentar ao sol.

Os gêmeos estavam crescendo e ficando rechonchudos e alegres. Susie adorava brincar com eles e, muitas vezes, pegava um ou outro nos braços ou nas costas dela. Ela continuou morando conosco, a cabana de sua família ainda estava lotada. A mulher idosa, Muitíssima, permaneceu para cuidar de Maggie e das crianças.

Susie e eu plantamos nossa horta e tivemos grande prazer em observar as tenras plantas apresentarem suas duas primeiras folhas verdes e depois se expandirem e crescerem enquanto desfrutavam do sol de verão. Nós tiramos as ervas daninhas e regamos quando sentimos que a natureza não havia enviado chuva suficiente. A horta cresceu e Susie perguntava quase todos os dias quando teríamos nossos primeiros vegetais.

O bebê de Nimmie era um menino saudável, e o orgulho paternal de Ian foi percebido em toda a aldeia. Nimmie também parecia satisfeita.

— Agora eu tenho uma coletora de ervas e um caçador — ela me disse, e a felicidade fazia seu rosto brilhar.

Suponho ter invejado Nimmie. Eu teria sentido ainda mais se não fosse por Susie e pela maneira como ela ajudava a preencher os meus dias.

Eu ainda visitava sua mãe, Maggie, sempre que queria, sem tornar-me um verdadeiro incômodo. Pegava suas coisinhas, conversava sobre sua família, compartilhava minhas experiências e de Susie, ajudava a carregar madeira e água, mas principalmente aproveitava todas as chances que tinha para contar a ela um pouco mais sobre Deus e Seu amor por ela. Pouco a pouco notei seu interesse crescer.

Nimmie prometeu me ajudar. Oramos juntas por Susie e por sua família; e Nimmie também fazia visitas frequentes, oferecendo ajuda e compartilhando pequenas experiências sobre como Deus era com ela a cada dia.

Nimmie procurava oportunidades para garantir a Maggie que Deus não estava apenas interessado nos assuntos do homem branco, mas que Ele amava os indígenas também.

Encerramos as aulas em meados de junho. As crianças ficavam muito ocupadas nos meses de verão para ter tempo para estudar.

Eu também estava muito ocupada. Wawasee ainda trazia seus desenhos para me mostrar e implorou, apenas com os olhos, por outro caderno quando preencheu aquele em que estava trabalhando.

Jim Cervo não apareceu. Ele estava sendo provocado e intimidado pelos meninos mais velhos no vilarejo por conta de interesse pela escola. Eu sentia muita pena de Jim. Ele tinha uma mente perspicaz que deveria ser treinada, mas o que aconteceria quando as aulas fossem retomadas? Ele seria capaz de relevar o insulto e provocação dos outros para aprender mais?

Wynn e eu comemoramos outro aniversário. Parecia difícil acreditar que já estávamos casados há dois anos. E ao mesmo tempo, senti que a Elizabeth que percorreu o corredor da pequena igreja de Calgary naquele dia, há dois anos, era tão jovem e ingênua. Aprendi muito sobre a vida desde então.

Susie voava como uma linda borboleta naqueles dias de verão.

Ela estava maior que seus poucos vestidos, então eu costurei mais alguns. Tive o cuidado de fazê-los iguais aos vestidos das outras crianças, sem frescuras ou fitas. Eu queria tanto ajustá-los e torná-los femininos, como minha sobrinha Kathleen usaria, mas pelo bem de Susie, era melhor não. Não que eu temesse Susie não gostar do novo traje. Na verdade, eu estava com medo que ela gostasse demais dos babados e achasse difícil voltar às roupas mais simples no futuro.

Mas e o futuro? O futuro parecia brilhante. Maggie estava muito melhor, pelo que eu era grata, mas certamente não o suficiente para cuidar de si e de sua família. Perguntei-me secretamente se eu também estava grata por isso, e esperava de todo o meu coração que eu não fosse tão egoísta.

Wynn fez algumas viagens mais longas para verificar quem habitava na área sob sua responsabilidade, mas eram difíceis de visitar por muito tempo durante os dias frios de inverno. Quando ele fazia viagens noturnas, eu ficava ainda mais agradecida por ter Susie comigo. Não passava as noites acordada preocupada com Wynn ou atenta a ruídos estranhos pela casa.

Mas justo quando estava me sentindo bastante confiante a respeito do futuro imediato, meu mundo desabou.

Susie tinha ido ao jardim para colher alface para nosso almoço. Eu ouvi um barulho na minha porta. No começo pensei que fosse Susie e Kip, e então percebi que não eram os movimentos rápidos e fáceis

que a menina ou o cachorro fariam. Eu tirei o chá que estava preparando e olhei para a porta.

Era a velha, Muitíssima, que entrou pesadamente. Ela não retribuiu meu sorriso de saudação nem sentou na cadeira onde ela costuma sentar. Em vez disso, ela disse devagar, entrecortada:

— Onde Susie?

Parei e coloquei o bule de chá na mesa, enquanto o medo enchia meu coração. Teria algo acontecido com Maggie?

Eu finalmente acalmei meu coração que batia muito forte e consegui perguntar:

— Algo errado com Maggie?

— Bom — respondeu Muitíssima.

— A família?

— Boa.

Fiquei aliviada. Portanto, não era uma tragédia como eu temia. Eles provavelmente queriam que Susie fizesse alguma coisa.

— Vou mandar Susie descer assim que ela chegar. Ela não vai demorar.

Eu não tinha certeza do quanto Muitíssima entendera. Ela sabia muito pouco inglês. Repeti a informação o melhor que pude na língua nativa e com gestos, e ela se levantou trêmula e arrastou os pés em direção à porta. Enquanto eu a observava, me perguntei como a velha senhora poderia cuidar de uma mulher doente, um par de gêmeos, dois meninos e um homem idoso senil.

Susie logo entrou pela porta e Kip vinha atrás dela, como sempre. Tinha o rosto vermelho, e seus olhos brilhavam.

— Quer saber? — Ela me chamou assim que entrou. — Em breve teremos cenouras. Eles estão quase grandes agora.

Eu olhei para ela, me perguntando se ela estava colhendo e replantando alguns dos vegetais. Ela simplesmente não resistia verificar o tamanho delas. Antes de eu perguntar, ela olhou para mim, sacudindo a cabeça.

— Não as puxei desta vez — disse ela. — Eu apenas mandei a sujeira longe delas, assim.

Ela me mostrou, movendo um dedo, como havia conseguido dar uma espiada no progresso da natureza.

— Então eu coloquei a terra de volta — ela se apressou em acrescentar.

Eu não pude deixar de sorrir. Entendi sua impaciência. Eu tinha sido tentada a fazer a mesma coisa.

— Lave-se rapidamente, querida — disse a Susie. — Sua mãe quer ver você logo.

— Agora? — Perguntou Susie.

— Sim. Eu disse a Muitíssima que a enviaria imediatamente. Acho que você deve comer primeiro. Eles podem ter um trabalho que levará um pouco de tempo, e você deve jantar antes de começar.

Susie correu para a bacia, enquanto eu lavei a alface e preparei nossos pratos. Seria uma refeição apressada, mas pelo menos Susie não iria fazer o serviço de sua mãe com o estômago vazio.

Oramos juntas, almoçamos e Susie foi dispensada para correr para casa. Kip foi até a porta com ela.

— Acho que você deveria deixar Kip desta vez — eu disse. — Ele pode acabar atrapalhando.

Kip e Susie olharam para mim com olhos suplicantes, mas me mantive firme.

— Você não vai demorar — eu a encorajei.

Susie deu um abraço de despedida em Kip e prometeu que voltaria logo. Então passou pela porta, com cuidado para fechá-la atrás de si como havia aprendido em nossa casa, e Kip foi choramingando para o tapete diante da lareira.

Susie voltou quando eu menos esperava. Ela entrou em casa, e seu rostinho estava branco. Sem uma palavra ela foi para a cama e começou a estender o pequeno cobertor que ela havia trazido consigo quando veio.

— Por que essa a cara? — Perguntei provocativamente. — Você tem medo de ter voltado tão cedo que vou pedir para você ajudar a secar a louça?

Susie não gostava especialmente de secar os pratos. Lavar a louça era divertido; era como brincar na água morna com sabão. Susie ficava feliz em lavar os mesmos poucos pratos durante toda tarde.

Eu me virei, esperando ver um sorriso cruzar o rosto de Susie à minha provocação, mas em vez disso, vi uma menina silenciosa dobrando cuidadosamente seus poucos vestidos e outras peças de vestuário. Ela estava organizando uma pequena pilha no meio de seu cobertor.

— O que você está fazendo? — perguntei. Quando não houve resposta, eu respondi por mim mesma. — Sua mãe já consegue cuidar da família? Muitíssima está indo embora?

Susie balançou a cabeça.

— Vamos — disse ela simplesmente, como teria dito antes de vir morar conosco e desenvolver um bom domínio da língua inglesa.

— Vai? — repeti. — Vai para aonde?

— Para a grande vila do outro lado do rio.

— O quê? — Eu só pude ficar parada olhando, esperando não ter

ouvido corretamente.

— Grande vila. Eles vêm na carruagem para pegar todos nós. Nos levar para a nova casa.

— Deve haver algum engano — eu disse, enxugando minhas mãos molhadas em meu avental quando o tirei.

— Não — respondeu Susie com uma vozinha resignada.

Eu não esperei para ouvir mais. Comecei pelo vilarejo e a cabana na pequena clareira, na esperança de descobrir que Susie estava enganada. Susie estava certa. Havia uma carroça parada na frente da casa dela. Dois homens estavam ocupados carregando as poucas panelas e cobertores que pertenciam à família.

Maggie sentada em sua cadeira, assistia com um sorriso no rosto.

— Veja — ela disse em sua própria língua quando me viu —, funcionou. Eu orei, eles *vêm*. Meus irmãos *vêm* para me pegar e pegar minha família, e levar para a casa do pai na grande vila.

Era fácil ver que Maggie estava alegre com o fato de se mudar. Mas, e quanto a Susie? E quanto a mim? Eu ainda não estava preparada para desistir dela. E Wynn? Wynn está ausente. Ele nem vai conseguir se despedir. Meus pensamentos frenéticos se atropelaram. Quem traria seus chinelos? Quem ouviria sua história? Queria discutir com Maggie, mas não havia nada para eu dizer. Em vez disso, disse:

— Estarei orando por você, Maggie. Por você e todos da sua família.

Seus olhos brilharam.

— Eles têm uma igreja na grande vila — ela me disse. — Ele disse isso.

Ela acenou com a cabeça para um dos homens que estava ocupado transportando a última das panelas. Eles estavam quase prontos para ir.

— Vou buscar Susie — eu disse entorpecida, e me afastei rapidamente.

Susie não chorou. Talvez tivesse sido melhor para nós duas se ela tivesse. Ela apenas olhou para mim com aqueles olhos escuros e emocionantes. A dor e confusão quase partiram meu coração. Eu a puxei para perto de mim.

— Vou sentir muito a sua falta, Susie. Eu te amo. Oh, eu...

Eu não pude continuar. Sabia que só estava tornando as coisas mais difíceis para nós duas.

— Eles estão esperando — finalmente consegui dizer.

Oh, por que Wynn não está aqui? Talvez ele pudesse impedi-los, pelo menos enquanto resolvemos tudo. Mas Wynn não estava conosco, e ele não poderia ter feito nada se estivesse, o bom senso me disse.

Kip choramingou. Eu sei que ele sentia que algo não estava certo. Susie estendeu a mão para ele e puxou-o para perto, um punho sobre sua pele profunda, a outra segurando firmemente o pequeno pacote com todas as suas coisas. Mesmo assim, ela não chorou. Ela segurou Kip por um momento e então se virou e colocou os braços em volta do meu pescoço. Ela não disse nada, apenas me segurou, e então se virou para a porta.

Ela estava prestes a fechá-la silenciosamente quando pensou em algo. Ela deu um passo para trás em minha direção com seus olhos grandes e questionadores.

— Eu peguei os vestidos... Isso foi roubo?

— Não, não, claro que não. Eu os fiz para você.

Ela se virou novamente para ir embora, e então pareceu sentir que eu precisava saber algo mais. Respirou fundo, olhou nos meus olhos e baixou o olhar.

— Eu quase roubei — confessou ela. — Quando você se foi, quase coloquei o livro na minha mochila. — Sua cabeça levantou e ela olhou para mim novamente. — Sr. Wynn não colocaria crianças na prisão. Ele não me colocaria na cadeia. Mas Jesus... Ele teria ficado triste. Ele não quer ladrões no céu, então deixei o livro.

Ela se virou para ir embora.

— Susie, espere! — gritei, correndo para minha pequena pilha de livros. Eu escolhi os três que Susie mais gostou.

— Quero que você pegue isso — eu disse enquanto me apressava para guardá-los em um canto aberto de sua pequena mochila. — Quero que continue lendo para pensar em nós enquanto você lê as histórias. Para você se lembrar de todos os bons momentos que tivemos aqui.

Seus olhos lacrimejaram. Eu pensei que as lágrimas transbordariam, mas isso não aconteceu.

— Eu me lembro — ela assentiu.

Ela então se foi, fechando suavemente a porta atrás de si. Então abriu novamente, apenas uma fresta e uma cabecinha escura se inclinou para dentro da sala.

— Esqueci agradecer — disse humildemente, e a porta se fechou novamente.

Eu fiquei olhando para a porta. Não se abriu novamente. Kip choramingou e roçou em mim. Ele queria ir com Susie e, por um momento, fiquei tentada a abrir a porta e enviá-lo; mandar nosso Prateado para cuidar dela, mas a razão me impediu de fazer isso. E então deixei as lágrimas quentes escorrerem pelo meu rosto. Ela se foi. Simples assim, nossa pequena Susie. Se foi com seu próprio povo, de volta ao seu próprio mundo. Ela teria a chance de ser todas as coisas

que sonhei para ela? Ela poderia se apresentar diante de uma sala de aula? Ela seria devidamente cuidada? Ela teria a chance de crescer em sua fé cristã? Todas essas questões e tantas outras soavam no meu cérebro, mas tudo que conseguia pensar enquanto chorava por Susie era: “Ela nem vai conseguir comer suas cenouras!”

Capítulo 21 – Lembranças

O silêncio rugia ao meu redor, ensurdecedor em sua finalidade. Dia após dia, tentava me ajustar à ausência de Susie. Wynn finalmente retornou. Ele entendeu como eu me sentia e me segurou enquanto eu chorei. Acredito que ele derramou algumas lágrimas também pela perda da menina.

— Nós sabíamos que teríamos que deixá-la partir — ele me lembrou, e a si também.

Eu funguei ruidosamente.

— Deixá-la ir, sim; mas desistir dela, não.

Wynn me olhou interrogativamente.

— Pensei que Susie voltaria para sua casa aqui — afirmei. — Nunca sonhei que Maggie a levaria embora para onde provavelmente nunca mais a víssemos. Eu pensei... eu pensei que ela apenas voltaria para casa e ainda poderia me visitar de vez em quando, e eu a veria na aldeia, e ela ainda viria para a escola, e nós trabalharíamos na horta juntas e...

Wynn me parou.

— Todos nós pensamos isso — afirmou ele. — Ninguém sabia que Maggie tinha familiares próximos no outro vilarejo. — Ele esperou por um momento e então continuou: — É o melhor para Maggie e sua família. Você sabe disso, Elizabeth. Eles podem ser bem cuidados agora. Talvez Maggie recupere suas forças. Muitas pessoas tentaram, mas ela já estava bem idosa. Ela tinha muita coisa para fazer e pouquíssima força. Nem acho que eles comiam bem. Eu...

Mas, desta vez, eu o interrompi:

— Sei de tudo isso. Não sinto por Maggie... ou... ou por sua família. É melhor para ela... e eu orei muitas vezes, pelo que fosse melhor. Para Susie também, eu... eu quero o que há de melhor. Eu não estou chorando por isso. Estou chorando por mim.

As lágrimas jorraram novamente. Por fim, Wynn me consolou a ponto de eu poder me controlar, mas sentia falta de Susie terrivelmente.

Quando a casa ficou em silêncio além da minha resistência, eu fugi para a horta. Estava crescendo bem. Susie teria ficado orgulhosa daquele pequeno pedaço de terra. Apesar dos ataques dos mosquitos e das moscas pretas, trabalhei tirando todas as ervas daninhas. Então, quando não conseguia mais suportar as moscas, voltei para o santuário de minha casa tranquila.

Kip sentia falta de Susie também. Ele parecia estar constantemente vigilante e com os ouvidos atentos, inclinando sua

cabeca para o lado, no esforço, projetava suas orelhas para frente. Mas Susie não vinha.

Agora, as folhas caíam ao vento, gansos selvagens faziam seus ruídos enquanto sobrevoavam. Colhi todos os produtos da nossa horta.

Juntei os produtos da horta de Susie também, compartilhando os vegetais dela com as pessoas que eu sabia serem suas amigas especiais. Os homens do vilarejo se preparavam para partir para as trilhas de caça quando as primeiras neves caíram. Bati no tambor e as aulas começaram novamente. Desta vez, cinco alunos vieram. O novo interesse era resultado da brincadeira de escolinha de Susie no verão, eu tinha certeza.

Caímos na rotina e fiquei grata por todas as atividades que preenchiam meus dias. Ainda assim, pensava em Susie e em Maggie. Será que eu tinha feito o suficiente? Será que disse o suficiente? Será que Susie sabia como um cristão deveria expressar sua fé? Será que Maggie realmente entendeu o plano de salvação de Deus? Será que deixei claro que era para ela também? Será que eu realmente fiz o que podia ou *deveria* ter feito? Pensamentos irritantes não me deixavam. Eu orava continuamente pela família.

E então um dia, enquanto eu estava orando, Deus falou ao meu coração.

— *Você acha que Eu não sei onde eles estão?* — Ele parecia dizer, gentilmente. — *Você acha que Eu os abandonei? Você não acha que Eu me importo, que meu amor não seja tão forte quanto o seu? E não sabe que Eu, através do meu Espírito Santo, posso continuar falando com eles, mesmo na sua ausência?*

Me senti humilhada. Claro que sabia de tudo isso. A salvação de Maggie não dependia de mim. A criação de Susie não dependia de mim. Tinha dependido de Deus o tempo todo. Onde eles moravam realmente não tinha nada a ver com isso. Então os entreguei totalmente a Deus e deixei a culpa e o medo saírem dos meus ombros.

Eu ainda me sentia solitária, mas a dor em meu coração diminuiu. Eu visitava Nimmie e algumas das outras mulheres com um pouco mais de frequência para ajudar a preencher as horas. Muitas delas começaram a aparecer para tomar chá novamente.

Mesmo que os dias de outono parecessem avançar lentamente, o calendário mostrou que nosso mundo estava realmente avançando.

No meio de uma de nossas primeiras rajadas de inverno, dois homens indígenas a cavalo aproximaram-se de nossa pequena cabana. Kip havia me alertado, e eu os observei enquanto vinham. Um dos homens desceu do cavalo, passou as rédeas para o outro e subiu em direção à nossa porta.

Ele empurrou a porta em vez de bater, o que deixou Kip em um

frenesi que tive que parar ordenando-lhe que fosse silenciosamente para seu canto. Quando abri a porta, o homem enfiou a mão em sua jaqueta de couro e retirou uma folha de papel dobrada. Ele não disse uma única palavra, apenas passou para mim, deu meia-volta e voltou para sacolejar no lombo do cavalo. Perplexa, eu os vi cavalgar para longe.

O vento frio jogava neve sobre a cabana enquanto eu fiquei ali, coma porta aberta. Kip choramingou e voltei-me para o papel que segurava em minha mão.

Fechei a porta e fui para a mesa, olhando para o desconhecido objeto que eu segurava. Eu finalmente voltei à razão e os espalhei na mesa. Era uma carta, apenas uma carta simples escrita em uma folha rasgada de caderno; trabalho de uma criança. Não havia saudação no topo. Começava com a mensagem. Virei e olhei para o verso. Estava assinado “Susie”.

Meu coração começou a bater mais rápido enquanto eu lia. A letra de Susie melhorara; ela não esqueceu o que aprendera. Faminta, eu lia cada palavra, cada linha.

“Como você está. Eu estou bem. Minha mãe boa *também*. Temos igreja aqui. Eu vou. Minha mãe vai. Nós gostamos. Temos escola aqui. Muitos meninos e meninas vão. O professor é bom, mas não bom como você. Minha mãe sente melhor e diz para agradecer. Ela não *sabe* dizer antes. Estou com saudade de você, Kip e Sr. Wynn. Minha horta cresceu bem. Susie.”

Li a carta três vezes antes de deixar as lágrimas rolares. Ela estava bem! Nossa Susie estava bem! Ela estava na escola e na igreja também.

Uma voz dentro de mim parecia dizer, “*Veja, Eu estou cuidando dela*” e baixei a cabeça em agradecimento por reconhecer esse cuidado.

Embora a tempestade de inverno parecesse se intensificar, sacudindo as janelas em sua fúria, não me incomodava. Eu me senti acolhida e satisfeita. Deus estava cuidando da nossa Susie.

Capítulo 22 –Doenças

O Natal chegou. Era um dia frio e tempestuoso e ficamos dentro de casa ao lado da lareira, esperando que ele não fosse chamado para alguma emergência. Ele não foi, e ficamos agradecidos.

O dia seguinte estava igualmente frio, mas desta vez Wynn foi chamado. Um homem idoso, tentando juntar lenha na tempestade, tinha caído e quebrado o quadril. Não havia nada que Wynn pudesse fazer, exceto lhe dar algo para a dor e tentar fazê-lo ficar o mais confortável possível.

Wynn conversou com a família sobre tentar levar o homem para o hospital de Edmonton, mas eles sequer levaram em consideração. Eu enfrentei a tempestade com um balde de sopa quente, que eles pareceram apreciar.

Como estava fora e já no vilarejo, resolvi visitar Nimmie. Ela estava ocupada com seus dois filhos pequenos. Nonita, uma alegre menina com rosto de anjo que facilmente se abria em um sorriso, estava caminhando e já tentava falar.

Ian Júnior, a quem chamavam de Sonny, não era tão alegre nem tão gorducho. Ele era um bebê agitado desde o início e não parecia ganhar peso como devia. Ele estava chorando quando fui recebida na casa. Nimmie fazia a maior parte de seu trabalho com o bebê amarrado às suas costas ou pendurado nos braços.

O rosto de Nimmie iluminou-se quando me viu.

— O que te fez sair com esse tempo, Elizabeth? — ela quis saber.

— Vim trazer um pouco de sopa para os LeMores, então decidi, já que tinha saído, passar por aqui.

— Estou muito feliz que você tenha vindo — disse Nimmie. — Eu precisava de alguém para conversar. — Ela sorriu um pouco triste e me passou o agitado Sonny. — Ele tem estado tão mal-humorado. Acho que os dentes devem estar para sair. Nonita não nos deu problemas, mesmo quando os primeiros dentes apontaram. Ela era um bebê tão contente, mas, às vezes, eu simplesmente não sei o que fazer com ele.

Eu andei pelo chão, dando tapinhas em suas costas e balançando-o para cima e para baixo. Ele parecia exausto, mas não conseguia se acalmar e dormir. Nonita queria sua parcela de atenção e correu para pegar seu livro favorito para me mostrar as gravuras. Ela tagarelava enquanto apontava e tentava responder enquanto caminhava para frente e para trás no chão de madeira.

Eu tinha acabado de fazer o bebê dormir quando Nimmie disse que o chá estava pronto. Não ousei tentar deitar o bebê com medo de

que ele acordasse; então eu o segurei no colo e tomei meu chá com ele em meus braços.

Nimmie parecia pálida. Eu perguntei se ela estava se sentindo mal, e ela apenas sorriu um sorriso fraco.

— De novo? — Eu disse em espanto.

Ela apenas acenou com a cabeça.

A pequena Nonita tentou rastejar para o colo da mãe e Nimmie deslizou a cadeira para trás para poder levantar a garota.

— Eu amo meus bebês — disse Nimmie — e estou feliz que outro esteja a caminho, só que desta vez estou me sentindo muito mal. Espero que passe logo. É difícil para eu cuidar dos dois quando me sinto assim. Especialmente com o bebê tão agitado.

Tive pena de Nimmie. Eu teria me oferecido para levar o bebê para ficar em casa comigo por alguns dias, caso Nimmie não estivesse cuidando dele.

— Eu poderia levar Nonita se isso ajudar — ofereci.

— Ela não é problema — Nimmie respondeu, abraçando a garotinha que segurava.

— Então virei e ajudarei você aqui — decidi.

E assim, durante os meses invernais de janeiro e fevereiro, eu ia para a casa de Nimmie quase todos os dias, e ajudava lavando roupas, a louça e cuidando do bebê.

Em muitos dias, Nimmie era forçada a ficar na cama. Ela geralmente levava o bebê Sonny consigo; aninhado nela, ele parecia descansar melhor. Enquanto eles dormiam, eu fazia o trabalho de Nimmie e brincava com Nonita. Ela era tão fofinha, e eu me via ansiosa para chegar à casa deles todos os dias, apenas para poder passar um tempo com a criança.

No jantar, compartilhei com Wynn todas as coisas engraçadas que ela dizia e fazia durante o dia e ríamos.

Ficar com os bebês de Nimmie não diminuía meu desejo de ter um filho nosso, mas aumentava. Todo dia eu pedia diante do trono de Deus o filho que eu ainda não tinha. Meu coração ficava cada vez mais entristecido. Parecia que eu já estava orando para ter um bebê por uma eternidade e Deus ainda não tinha ouvido minha oração.

O primeiro dia de março trouxe consigo uma terrível tempestade. A nevasca enfureceu-se ao nosso redor, e Wynn não saiu da cabana. Não se podia ver nem mesmo alguns metros à frente do rosto.

Fiquei preocupada com Nimmie. Wynn me lembrou que Ian não precisaria cuidar da loja em um dia como aquele e ele estaria em casa para ajudar Nimmie com as crianças. Embora eu soubesse que Wynn estava certo, eu senti falta de minha ida diária à casa de Nimmie.

Será que Nonita se perguntava onde estaria a tia Beth?

A tempestade continuou por quatro dias. Eu tinha certeza que seríamos enterrados vivos pela neve antes que terminasse. E quem precisava buscar madeira diariamente? O que eles estariam fazendo para se manter aquecidos? Wynn também estava preocupado e, apesar do clima, ele decidiu ver como as pessoas do vilarejo estavam se saindo.

Eu odiei vê-lo partir. Estava tão desagradável lá fora, e eu temi que ele se perdesse na tempestade. Ele pegou Kip e prendeu uma coleira em seu pescoço. Ele também pegou seu rifle; ele poderia ter que disparar alguns tiros ao ar, e eu precisaria responder com sua arma mais leve, caso ele perdesse o rumo de caso em meio à tempestade.

Pareceu uma eternidade até Wynn voltar. As notícias do povoado não eram boas. Muitas pessoas estavam amontoadas sob todas as peles e cobertores que possuíam. Duas mulheres idosas já tinham morrido de frio. Em algumas cabanas, não conseguiram manter o fogo, e sem fogo não havia comida, então, quem não estava bem estava ficando ainda mais fraco.

Wynn disse que iria reunir sua equipe canina para transportar lenha para as casas onde era necessário e me perguntou se eu poderia pegar minha maior panela e fazer um guisado ou sopa para levar aos famintos.

Obedeci prontamente, mas em minha mente eu temia principalmente pela segurança de Wynn. Era arriscado cortar lenha naquele tempo. Nós dois sabíamos, mas, dadas as circunstâncias, era a única coisa que poderia ser feita.

Não demorou muito até que ouvi Wynn e os cães latindo lá fora da nossa cabana. Eu sabia que Wynn estava tirando do nosso estoque de madeira para acender o fogo em algumas das outras casas. Se pudéssemos convencer os indígenas a trazer um suprimento de madeira no outono e empilhá-lo perto de suas portas... Para eles, isso era um trabalho desnecessário. A madeira estava sempre ali no matagal mais próximo, eles pensavam.

Acrescentei mais alguns gravetos ao meu próprio fogo para que o guisado cozinhasse mais rapidamente.

Arrumei-me e fui com Wynn. Levei um tempo para convencê-lo que eu deveria acompanhá-lo, mas ele finalmente cedeu. Carregamos o ensopado na panela.

Wynn estava certo. Algumas pessoas estavam desesperadas. Enquanto ele acendia o fogo na cabana, eu distribuía o ensopado em uma panela da casa e o colocava no fogo para mantê-lo quente. Assim que o frio diminuísse na cabana, as pessoas iriam rastejar sob seus

cobertores e sentar ao redor do fogo para comer.

À medida que íamos de cabana em cabana, ficávamos gratos por cada uma onde as pessoas conseguiam cuidar de si mesmas.

Quando nossas rondas acabaram, Wynn me levou de volta para casa e então ele partiu novamente. Ele ainda tinha os dois corpos para cuidar. Como de costume em nossos invernos no Norte, eles não poderiam ser enterrados adequadamente até a primavera.

A tempestade finalmente acabou e eu dei um suspiro aliviada, mas não seria por muito tempo. Com muitas pessoas debilitadas, a doença atingiu o vilarejo. Por muitos dias e noites, Wynn trabalhou quase o tempo todo. Ele distribuiu todos os remédios que tinha e enviou alguém emergencialmente para buscar mais.

Eu fiz sopa e guisado, panela por panela, e levamos para quem que não podia cuidar de si mesmo. Nós alimentamos com a colher aqueles que estavam muito fracos para comer sozinhos. As casas estavam um pesadelo por causa dos odores, pois não havia instalações sanitárias e estava muito frio, e as pessoas estavam muito fracas para ir ao ar livre.

Tive que parar, orar e me preparar antes de entrar em muitas cabanas. Era impossível limpá-las, embora tenhamos tentado, mas a doença logo as colocava nas mesmas condições novamente. Muitas vezes fiquei feliz pela máscara que Wynn insistia que eu usasse na boca e no nariz.

Embora não eliminasse todo o cheiro, ajudava o suficiente para que eu pudesse ajudar sem ficar doente.

Os poucos que permaneceram saudáveis nos ajudaram a cuidar dos enfermos. Eu não sei o que teríamos feito sem Ian, nosso fiel guardião. Ele estava sempre ali, carregando lenha, água e trazendo suprimentos e alimentos de sua loja. Então Nimmie e sua família também ficaram doentes e precisaram de Ian em casa.

Eu visitava Nimmie com frequência. Ela estava tão doente que temi que fôssemos perdê-la. Ela abortou o bebê que estava esperando, mas lutou tenazmente por sua própria vida. Ambas as crianças estavam doentes. Eu me preocupei com o pequeno e fraco Sonny. Certamente seu corpinho frágil não suportaria mais esta doença.

Mas, estranhamente, foi a querida pequena Nonita quem perdemos. Eu teria chorado por dias, se não tivesse sido necessária tão desesperadamente. Desta forma, eu só pude sentir. *A pequena colhedora de ervas da pobre Nimmie, seu pequeno raio de sol, se foi.*

Quando a doença foi finalmente vencida, o vilarejo perdera nove pessoas. Os demais estavam tão exaustos, tão vazios, que dificilmente conseguimos nos lamentar. Os corpos foram todos embrulhados e colocados em um galpão da Sede; todos, exceto a pequena Nonita. Ian

passou muitas horas fazendo um pequeno caixão para ela descansar. Novamente, precisaríamos esperar pela primavera para realizar o enterro.

Com o coração pesado, tentamos fortalecer uns aos outros. Nimmie bravamente enfrentou suas tarefas diárias, mas havia um vazio na cabana. Ela esperava ansiosamente por uma família com três filhos, mas agora tinha apenas um. A risada e tagarelice da pequena Nonita era apenas uma memória. Acho que Nimmie ficou feliz até mesmo com a agitação de Sonny. Era uma boa desculpa para segurá-lo constantemente. Nimmie precisava muito de seus braços cheios durante aqueles dias difíceis.

Quando a primavera chegou naquele ano, recebi a nova vida como se fosse uma velha amiga, pequenas folhas, o voo dos pássaros. Comecei a fazer planos para minha horta.

Nossas aulas do ano foram interrompidas pela tempestade e então pela doença. Perdemos quase três meses que deveriam ser gastos nos livros. Então, continuamos com as aulas por um pouco mais de tempo do que o normal. As pessoas do vilarejo concordaram, acredito que por gratidão a mim. Tentei não aproveitar de sua boa vontade e prometi que dispensaria as crianças assim que percebesse que precisassem delas em casa.

E então, em meados de julho, fechamos nossa escola para o verão.

Eu também estava pronta para as férias. Depois de dar aulas todas as manhãs, ajudar Nimmie e seus pequeninos todas as tardes de janeiro e fevereiro, cuidar dos aldeões doentes por muitas semanas, e, em seguida, tentar colocar em dia as aulas que perdemos, eu estava exausta. *Não é de se admirar que eu não esteja esperando um bebê*, disse a mim mesma. Meu corpo estava muito cansado. Apesar do meu raciocínio, ainda sentia o peso de não ter me tornado mãe. Tentei muito não deixar meus sentimentos transparecerem, mas não foi fácil, especialmente quando andava pela vila e via tantas mulheres grávidas. Por que eu parecia ser a única na vila que não poderia conceber?

Em um lindo dia quente de verão, decidi que faria um piquenique no almoço e levei Kip para uma longa caminhada na margem do rio. Wynn estava em patrulha e eu estava inquieta e sozinha. Eu tinha acabado de inventar meus sanduíches quando ouvi uma leve batida na minha porta. Nimmie entrou com seus olhos brilhando e com as bochechas coradas. Ela não parecia bem ou feliz assim por meses.

— Adivinha — disse ela animadamente, mas nem me deu tempo para adivinhar, — vamos ter outro bebê!

Eu estava feliz por Nimmie, realmente estava, mas ao mesmo tempo, meu próprio coração sentiu uma pontada de decepção. Aqui estamos outra vez! Eu era convidada a compartilhar da felicidade do outro quando recebia justamente aquilo que eu tão desesperadamente ansiava.

Consegui sorrir e dar um abraço em Nimmie. Eu coloquei de lado meus sanduíches e fui preparar um chá para nós.

— Não posso ficar — afirmou Nimmie. — Deixei Sonny com Ian. O malandrinho vai tirar as coisas das prateleiras. Ele está começando a andar e agora mexe em tudo. Mas eu mal podia esperar para te contar. Sei que você sofreu por Nonita quase tanto quanto eu. Foi

muito difícil perdê-la, Elizabeth. Na verdade, pensei que não suportaria. E agora Deus está me mandando outro filho! Mal posso esperar. Este bebê não vai tomar o lugar de Nonita, mas vai preencher um grande vazio no meu coração.

Foi a primeira vez que Nimmie realmente falou comigo sobre perder Nonita. Eu sabia que seu coração doía, que ela sofria. Mas ela foi tão corajosa! E agora, como ela disse, o vazio seria preenchido.

Meu vazio permanecia. Virei para que Nimmie não visse meus olhos marejados e lábios trêmulos.

— Tem certeza que não pode ficar para o chá? — Finalmente consegui dizer.

— Tenho que voltar.

Ela cruzou a sala para me dar outro abraço e eu sorri ao dizer o quanto estava feliz por ela, e então ela se foi.

No final das contas, eu não fui fazer piquenique e caminhar. Em vez disso, quando Nimmie saiu, fui para o meu quarto. Eu chorei muito tempo antes de conseguir organizar meus pensamentos e formar palavras em oração. Minha alma ainda estava pesada quando finalmente me levantei da cama e fui lavar meu rosto inchado.

Peguei Kip e então fui para a horta. Eu tinha acabado de tirar as poucas ervas daninhas restantes, mas me ajoelhei procurei por qualquer remanescente despercebida e as tirei com vingança.

Quando voltei para casa ainda não tinha me recuperado do sentimento de pesar em meu coração. Eu preparei o mesmo velho jantar que parecia fazia por uma eternidade. As mesmas velhas borboletas e mosquitos conseguiam encontrar um caminho através de qualquer fenda da cabana para me atormentar. O dia ensolarado ficou nublado e ameaçava chuva. Wynn estava atrasado para o jantar e a refeição estava na parte de trás do fogão ficando seca enojenta. Eu estava lutando muito para manter minhas emoções sob controle.

Quando Wynn chegou em casa, parou para brincar com Kip e, depois, veio me cumprimentar, eu estava bastante distante e indiferente.

— Algo errado? — ele me perguntou, e eu rebati com a primeira coisa que veio à minha mente.

— Como é que o cachorro vem primeiro?

Wynn parecia confuso.

— O que você quer dizer? — Ele me perguntou.— Quando o cachorro veio primeiro?

— Agora! Sempre! Você sempre o cumprimenta antes de me beijar.

Foi uma coisa muito boba de se dizer. Isso nunca me ocorreu antes, mas, no meu estado atual, parecia uma nuvem de tempestade.

Wynn levou um momento para responder. Então ele disse, muito suavemente e não de forma acusadora:

— É porque não posso passar por ele sem o fazer. Ele está sempre ali na porta.

Eu interrompi:

— E eu não... É isso que você está dizendo? O cachorro pensa mais em você do que eu?

Havia dor nos olhos de Wynn, mas ele não devia ser provocado.

— Lamento chegar atrasado, Elizabeth. Eu sei que torna as coisas difíceis para vocês.

Eu me virei.

— Você acha que por um momento eu me importo com o como é difícil secar essas batatas velhas e conseguir cenouras? Ou como fica frio o... — Eu me dissolvi em lágrimas, dei as costas para Wynn e corri para o quarto.

Ouvi Wynn servir seu próprio jantar. Ouvi Kip tentando convencê-lo a compartilhar da comida e Wynn dizendo a ele para não pedir à mesa. Ouvi Kip abaixar seu corpo sobre o tapete em frente à lareira.

Então ouvi Wynn limpar a mesa e lavar os pratos em silêncio.

Mesmo assim, ele não veio até mim. Em vez disso, levou Kip para um passeio.

Eles voltaram e eu ouvi o barulho do estofado da cadeira enquanto Wynn se sentava nela. Eu ouvi as botas dele caindo suavemente no chão; um, dois, e eu sabia que Wynn esperava ficar em casa esta noite.

Agora, ele vem buscar seus chinelos, pensei, e virei meu rosto para a parede e enterrei minha cabeça em meus braços.

Wynn foi ao quarto, mas não se preocupou com seus chinelos. Em vez disso, ele me pegou em seus braços e me abraçou. Ele não fez nenhum comentário e não fez perguntas; ele apenas me segurou e me deixou chorar.

Por fim, gritei. Wynn beijou meu rosto manchado de lágrimas.

— Quer falar sobre isso?

— É tolice — murmurei em seu ombro. — Eu realmente não me importo se Kip...

— Não... não isso. Sobre o que realmente está incomodando você.

Eu ganhei tempo.

— O jantar? — questionei.

— Elizabeth — disse Wynn, — Lamento pelo cão; desculpe meu atraso para o jantar. Mas não acho que esse seja o verdadeiro problema aqui. Algo está incomodando você há dias. Eu estava esperando você compartilhar comigo, mas você não o fez. Podemos

conversar a respeito?

Fui desmascarada.

— Acho que o inverno foi bastante difícil...

Wynn esperou que eu continuasse, mas eu não o fiz. Finalmente ele perguntou:

— Você está dizendo que precisa de uma pausa?

— Tipo de... eu...

O silêncio entre nós parecia interminável. Então Wynn falou lentamente, deliberadamente:

— Eu posso entender, Elizabeth. Vou ver o que eu posso fazer.

Soltei-me de Wynn.

— A respeito de quê? — interoguei.

— Sobre levar você de volta a Calgary por um...

— Não quero voltar para Calgary! O que quer que te tenha feito pensar...?

— Bem, Toronto então.

— Wynn, eu não quero sair para lugar nenhum. Esse não é o problema.

— Não é?

Pobre Wynn. Eu o deixei totalmente confuso. Olhei para o rosto ansioso dele, balançando minha cabeça lentamente para frente e para trás.

— Então qual é o problema? — perguntou ele.

— Um bebê.

— Um bebê? Quer dizer que você vai ter um bebê?

— Não! — gritei e comecei a chorar novamente. — Esse é o problema. Eu quero um bebê, muito, estamos casados há três anos, e ainda... — interrompi a frase e me joguei em seus braços, chorando incontrolavelmente.

Passamos muito tempo conversando e orando juntos naquela noite.

Wynn também queria uma família. Ele tinha orado sobre isso muitas vezes. Ele tinha certeza que eu seria uma ótima mãe, e toda vez que ele me observava com uma criança, ele ficava triste por não ser nosso filho que estava segurando.

— Ainda acho que você deveria sair um pouco — ele me disse. — Você precisa ir a um médico na cidade. Quem sabe... vou ver o que posso fazer.

— Wynn — eu disse —, não quero viajar para lugar nenhum, não se você não puder ir comigo.

— Eu não te mandaria com qualquer um — disse Wynn. — Pode demorar um pouco para fazer os arranjos, mas vou trabalhar nisso. De

tempos em tempos o pessoal da Polícia Montada passa pela área ou nas proximidades. Verei o que posso descobrir.

Meu coração não estava muito mais leve, mas compartilhar minha dor com Wynn, ajudou. Ele iria trabalhar nisso. Possivelmente a resposta estava próxima.

Capítulo 24 –Esperando

Pareceu-me que o outono chegou muito cedo naquele ano, mas talvez porque eu ainda não sabia que não iria para Calgary. O inverno podia chegar rapidamente na terra e durar muito tempo, e Wynn e eu já tínhamos decidido que uma vez que havia uma chance de sermos surpreendidos por uma tempestade de inverno ao tentar voltar para o vilarejo, eu não iria. Agora eu esperaria pela primavera e por mais um ano.

Havia um peso sobre mim enquanto eu colhia meus vegetais na horta e reiniciava as aulas na escola.

Eu tinha sete alunos que eram bastante fiéis. Wawasee ainda comparecia para poder desenhar, mas agora trazia os membros mais jovens da família. Jim Cervo, meu aluno estrela, raramente faltava. Mesmo as provocações dos outros meninos não o afastaram. Duas meninas e um menino se juntaram a eles. Realmente parecia uma escola. Eles estavam aprendendo bem e eu estava orgulhosa. Quando entramos na rotina novamente, meu desânimo começou a diminuir. Minha preocupação agora era a falta de material para levar as crianças adiante. Eu tive que ser criativa e fazer acontecer. As habilidades de desenho de Wawasee foram de grande ajuda para mim.

Pensei em Susie. Eu ainda sentia falta dela. As notícias de seu vilarejo diziam que ela e sua família estavam bem. A mãe dela estava se sentindo muito melhor e conseguia cuidar de sua própria família. Eu estava feliz por eles.

A chegada do trem com os suprimentos de Ian para o outono criou grande empolgação e expectativa, especialmente para Wynn e eu. Significava cartas e notícias do mundo exterior.

As notícias deste ano não foram todas boas. O mundo estava em guerra.

Era difícil para nós acreditarmos, escondidos como estávamos em nosso isolamento. Analisamos todos os documentos desatualizados que foram enviados para nós e tentamos montar o quebra-cabeça das questões mundiais.

A guerra atravessava o grande oceano e não deveria ter nos envolvido, mas em certo sentido, porque a humanidade não pode sofrer em um lugar sem trazer tristeza para outros corações. Mas a guerra era nossa em outro sentido também. A Grã-Bretanha aderiu à luta, e o Canadá também o faria se suas tropas fossem necessárias.

Pensei em meu irmão mais novo, Matthew, e orei para a guerra acabar rapidamente. Ele já estava quase com idade suficiente para se alistar, e eu temia que ele considerasse se a luta continuasse.

A maioria das notícias pessoais eram boas. Julie estava para se casar; não, não com o jovem oficial da Polícia Montada; ele fora apenas um amigo. Um jovem ministro de Calgary conquistou sua mão e coração. Página após página foi preenchida com sua descrição detalhada e seu amor e admiração por ele. Fiquei decepcionada por perder a ocasião especial de Julie, mas estava muito feliz por ela.

A família de Jon e Mary estava bem, feliz e crescendo constantemente. Kathleen escreveu uma carta sozinha, contando-me sobre os interesses dela na escola e seu novo gato, Bubbles. William, agora adolescente, era um desportista, sendo o futebol o seu favorito. Sarah também havia crescido, revelando-se uma pequena costureira sob a tutela qualificada de Mary. Ela também estava estudando violino. A bebê Elizabeth tinha quase idade para iniciar os estudos e estava constantemente lembrando à família que ela não era mais um bebê.

A mãe de Wynn não estava bem. Eu vi a preocupação espelhada nos olhos dele enquanto lia o parágrafo. No entanto, Mary foi rápida em acrescentar que ela parecia estar muito melhor do que antes.

As carroças com os suprimentos de inverno e o correio mal tinham sido descarregados quando o inverno chegou do Noroeste.

Todos nos acomodamos, sabendo que a vida não seria fácil nos próximos meses. Os homens partiram para as trilhas de caça, as mulheres assumiram suas costuras, e as crianças brincavam como podiam entre seus deveres de transportar madeira e água. Meus alunos não estavam isentos. Eles também tinham responsabilidades que deveriam ser cumpridas assim que a aula da manhã acabasse. Portanto, eu nunca atribuí qualquer lição de casa. Nossas poucas horas juntos pela manhã seria todo o estudo que eles teriam.

O Natal, para variar, foi um dia lindo. A temperatura estava baixa, mas o vento não soprava e o céu estava claro. Decidimos dar um passeio na neve. Kip bloqueou a porta, abanando sua cauda furiosamente assim que sentiu que algo fora do normal estava acontecendo. Ele queria ter certeza de que não seria deixado para trás.

Eu não embalei um almoço. Não tínhamos como evitar que congelasse e, em um dia tão frio, um sanduíche congelado não seria muito agradável.

Nos agasalhamos contra o frio e calçamos nossos sapatos de neve.

Tenho certeza que todos os membros do nosso pequeno vilarejo pensariam que éramos extremamente tolos em sair pela neve profunda quando nem mesmo precisávamos de madeira ou água.

Foi uma bela caminhada. Vimos veados e admiramos sua graciosidade. Não precisávamos da carne, então eles não corriam perigo. O lago de castores estava quase totalmente congelado, exceto por um pequeno buraco que de alguma forma mantinham aberto. Nós não vimos os castores, mas era óbvio que eles tinham estado ali recentemente. Alguns álamos novos foram cortados recentemente e as marcas estranhas, de caudas que se arrastavam, eram nítidas na neve fresca.

Podíamos dizer que estava ficando mais frio quando voltamos para a cabana. O calor da lareira era agradável quando tiramos nossas roupas pesadas. Preparei um chocolate quente e sanduíches para nós.

Então nos enrolamos no tapete diante do fogo e lemos um para o outro.

Foi um dia de Natal agradável. Então pensei no prazer que seria ter um pequenino sentado entre nós, mas logo deixei o pensamento de lado. Não permitiria que isso estragasse nosso tempo juntos. Tentaria ser paciente enquanto esperava. Não demoraria muito até a primavera, e então, Wynn poderia começar arranjar para que eu fosse ao médico na cidade.

Numa tarde tempestuosa de março, recebi Pequena Corça para o chá. Ela já não vinha há algum tempo, e quando a vi, entendi o porquê. Ela estava grávida. Embora ela não tenha dito, a inquietação e o tédio com da espera a afastaram de sua cabana. Conversamos em seu dialeto nativo; felizmente para mim, bastante simples na estrutura. De vez em quando, eu ainda precisava pesquisar uma palavra, mas eu podia conversar livremente com as mulheres.

— Para quando é seu bebê? — perguntei a ela.

— Está perto agora; já faz tempo — foi sua resposta.

Ela tomou um gole de chá.

— Quantos agora? — eu quis saber.

Ela ergueu os dedos, como uma criança.

— Isso faz cinco; dois se *foi*, dois ficam, e isso.

Eu entendi. Ela havia perdido dois filhos, tinha dois em casa e com este seriam três.

— Estou feliz por você — eu disse, sorrindo.

Ela parecia um pouco duvidosa.

— Você gosta de bebês? — ela perguntou.

— Eu amo bebês — fui rápida em responder.

— Então por que você não tem? — A pergunta foi abrupta, direta, e os olhos negros de Pequena Corça inspecionava meu rosto.

Em pânico, gaguejei e procurei as palavras. Como eu poderia responder? Quais seriam as palavras indígenas para dizer a ela que

Deus não achou por bem me abençoar com um filho ainda? Que eu precisava ir ao médico da cidade para descobrir o que estava errado? O que devo fazer? Eu ainda estava tentando resolver tudo quando Pequena Corça falou novamente.

— Quando não temos bebê, vamos à Mulher Grande para bom remédio. Faz bebê vir.

Meus olhos devem ter se arregalado e meu queixo caiu. O povo indígena realmente tinha remédios para ajudar na gravidez?

— Isso... isso realmente funciona? — eu perguntei, esquecendo-me de mim mesma e mudando para o inglês e, em seguida, repeti na língua de Pequena Corça.

— Bom — disse ela com ênfase. — Funciona bem. Você pega remédio, paga Mulher Grande, você tem um bebê. Assim. — Ela deu um pequeno aceno de mão para mostrar o quão fácil realmente era.

Minha cabeça estava girando. Com certeza não haveria mal algum em pagar a Mulher Grande por um pouco de remédio. Se não funcionasse, eu não ficaria pior do que agora. Provavelmente era alguma erva especial. O povo indígena conhecia muitas ervas boas para ajudar em todos os tipos de coisa. Eu perguntaria a Nimmie.

Agora estava ansiosa para Pequena Corça terminar seu chá e partir para casa. Eu queria correr até Nimmie para saber mais do medicamento especial da Mulher Grande. Quando finalmente consegui chegar à Sede, tentei não parecer muito ansiosa. Muito casualmente, eu pensei, conduzi a conversa para as ervas indígenas, das quais Nimmie era muito conhecedora. Então eu disse, como se não tivesse nenhuma importância especial:

— Pequena Corça foi tomar chá hoje à tarde e disse que Mulher Grande tem até remédio para ajudar as mulheres a conceber. — Eu esperei enquanto meu coração batia forte. Nimmie não respondeu. — É verdade? — eu a incitei.

— Em parte — disse Nimmie.

— O que você quer dizer com “em parte”?

— Há uma pequena cerimônia junto.

— Que tipo de cerimônia?

— É uma pequena música ou canto.

— Você conhece as palavras?

— Acho que ninguém além da Mulher Grande conhece as palavras.

Eu queria perguntar mais, mas então Sonny jogou o prato de biscoitos no chão antes que qualquer uma de nós pudesse agarrá-los.

Nimmie o sentou no canto e estava limpando a bagunça quando uma expressão estranha surgiu em seu rosto.

— O que foi? — Eu perguntei, preocupada que ela pudesse ter se machucado de algum modo.

Ela se endireitou lentamente.

— Elas vêm e vão desde o meio-dia. Eu acho que está na hora, Elizabeth.

Eu não parei para fazer mais perguntas, corri pela porta lateral rumo à loja. Ian foi buscar a parteira, e eu corri de volta para ajudar Nimmie a ir para a cama.

— Vou levar Sonny para casa comigo — assegurei a ela. — Assim que Ian e a parteira chegarem.

Ela era uma das duas no vilarejo. Quando chegou com Ian, eu a reconheci imediatamente como Mulher Grande. Ela assumiu com muita autoridade e segurança. Eu a observei enquanto ela começou deixando Nimmie confortável. Enquanto ela trabalhava, conversava com Nimmie com uma voz suave e cantante. Era isso que Nimmie queria dizer por um canto? Seu rosto envelhecido, marcado por rugas, parecia não demonstrar nenhuma expressão.

Enrolei o pequeno Sonny e dei adeus a Nimmie. Esperava que não demorasse muito até ouvirmos boas notícias. Pensei que Nimmie provavelmente estava esperando por outra pequena coletora de ervas, embora ela não tivesse dito.

Tínhamos terminado nosso jantar quando Ian veio buscar Sonny, seu rosto trazia um sorriso.

— Outro garoto — ele sorriu. — Alexander.

E me perguntei se Nimmie compartilhava de sua grande alegria. Então decidi acreditar que ela certamente o fazia. Ela daria as boas-vindas a quem Deus escolheu enviar.

Como invejei Nimmie com seu recém-nascido. Não tive chance de perguntar se ela já tinha experimentado algum remédio da Mulher Grande em seus longos anos de espera por um filho. Eu queria perguntar, mas estava hesitante.

Alguma coisa nessa ideia me perturbava. Mas que mal poderia fazer?

Capítulo 25 – Tentação

Nos dias seguintes, continuei pensando em Mulher Grande e seu remédio. Não seria maravilhoso se eu pudesse encontrar ajuda aqui mesmo no vilarejo e não precisar viajar para Calgary, deixando Wynn para trás? Eu queria falar com Wynn a respeito disso, mas algo que eu não conseguia identificar sempre me impedia. Parecia que seria razoável ir ver Mulher Grande. No entanto, algo me deixava inquieta sempre que decidia ir.

Visitava Nimmie e seu novo bebê com frequência. Ele era um menino adorável e saudável e parecia crescer mais cada vez que eu ia vê-lo.

Alexander era um bebê satisfeito com um rostinho rechonchudo e com covinhas.

Com seus olhos escuros, ele observava meu rosto e mantinha seus pequenos punhos cerrados à frente de sua roupa. Eu o amava quase como se fosse meu.

Eu o segurei e pensei na pequena e doce Nonita e meu coração doeu. *Seria possível que nos próximos dias a febre novamente pudesse atacar a aldeia e este também fosse levado? Será que Nimmie já teve esses pensamentos?* Eu me perguntei. Talvez devesse ficar feliz por nunca ter tido um filho. Eu não acho que suportaria ter um e, em seguida, perdê-lo. Eu não conseguia imaginar nada mais difícil de suportar.

Mas Nimmie não fazia referência ao medo. Diariamente ela agradecia a Deus por seu novo bebê e pelo fato de Sonny estar mais saudável que antes. Ele ainda era pequeno para sua idade e aparentemente frágil, mas ele era ativo e não era o bebê irritado de antes.

Nunca tive coragem de perguntar a Nimmie se ela esteve com Mulher Grande. Parecia uma coisa muito particular para eu perguntar.

Perguntei a Nimmie o que ela achava da Mulher Grande como parteira.

— Eu disse a Ian que preferia Kantook, mas se ela estivesse ocupada, poderia ser Mulher Grande.

Mais tarde descobri que quando Ian foi procurar Kantook, ela já estava ocupada ajudando no nascimento do bebê de Pequena Corça, um menino também. Assim, dois novos bravos meninos foram acrescentados ao vilarejo naquela noite.

A resposta de Nimmie não me disse o que eu realmente queria saber, então investiguei um pouco mais.

— De que maneira Kantook é melhor?

— Eu não disse que ela era melhor — disse Nimmie.

— Então o que você quis dizer?

— Eu realmente não sei como explicar para você — disse Nimmie.
— Acho que poderia dizer que Mulher Grande é a “velha”, Kantook é a “nova”.

Parecia razoável, mas eu ainda não sabia o que Nimmie queria dizer.

Com a chegada da primavera, eu sabia que Wynn estaria procurando uma maneira de me levar para Calgary. Se eu estivesse realmente falando sério sobre ver Mulher Grande, eu precisaria fazer algo rapidamente.

Pensei em criar coragem e seguir por conta própria, sem nem mesmo mencionar o fato para Wynn. Então, se o remédio de Mulher Grande não funcionasse, eu seria a única decepcionada.

Uma vizinha irritante dentro de mim me disse que isso não era certo. Wynn deveria saber o que eu estava planejando. Eu abordei o assunto uma noite depois de nos recolhermos. Achei mais fácil me expressar no escuro, quando Wynn não conseguia estudar meu rosto.

— Pequena Corça veio para o chá um dia atrás — comecei — e aconteceu de mencionar que há uma mulher no vilarejo que tem ervas especiais para ajudar a... a... — Eu hesitei um pouco. Não tinha certeza de como continuar. — Para quem não têm filhos — finalmente disse.

Wynn não respondeu, embora eu soubesse que ele estava ouvindo atentamente cada palavra que eu disse.

— Ela disse que ajudou as mulheres aqui na vila.

— Quem é a mulher? — perguntou.

— Ela é uma das parteiras.

Antes que eu pudesse até mesmo nomeá-la, Wynn disse:

— Mulher Grande?

— Sim. Você sabia disso?

— Não, mas não estou surpreso.

— O que você quer dizer?

— Mulher Grande promete qualquer coisa por um pouco de dinheiro.

Fiquei um pouco chateada com Wynn. Ele não achava que um bebê valia um pouco de dinheiro?

— Os médicos da cidade também querem dinheiro — eu o lembrei.

— Mas eles não são feiticeiros — afirmou Wynn simplesmente.

— Mulher Grande é uma feiticeira? — Fiquei pasma.

— Você não ouviu falar? Ela pratica todo tipo de bruxaria quando tem oportunidade. Tentamos desencorajá-la, mas não podemos

controlá-la completamente.

Afundi de volta no meu travesseiro. Em meu desespero, quase tinha consultado uma feiticeira. Eu havia concluído que um pouco de canto não poderia fazer nenhum mal. No entanto, eu sabia de todo o coração que qualquer tipo de bruxaria ou feitiçaria estava errada. Não admira que tenha me sentido desconfortável! E depois, para minha consternação, percebi que nos dias e semanas que tinha considerado ver Mulher Grande, nunca orei consultando a Deus sobre o que Ele me orientaria a fazer.

Se eu tivesse orado, se tivesse apenas orado, eu saberia. Mesmo em minha ignorância e minha própria obstinação, Deus me protegeu de ir.

Fechei humildemente os olhos e fiz uma prece arrependida. Eu não tentaria resolver o problema por conta própria de agora em diante. Deixaria isso para Deus. E se eu fosse ver um médico adequado, confiaria em Wynn para fazer os arranjos.

E então contei toda a história para Wynn, compartilhando com ele todo o meu desespero, minha tentação, minha contenção e agora minha profunda gratidão por ser impedida de talvez, trazer para nossa casa uma criança concebida por meio de bruxaria.

Capítulo 26 – Cumprindo o Dever

A primavera demorou a chegar. Bem quando eu estava começando a ter esperança, outra tempestade caía. O sol não fez nenhum progresso visível nos montes de neve que dava na altura do quadril e os pingentes de gelo nas calhas do beiral só cresciam.

Acho que estava mais ansiosa para a primavera do que nunca, uma vez que a ideia de “sair” tinha criado raízes. Eu também estava ansiosa para ver a família e os amigos novamente. Então, eu me irritava com cada nova enxurrada que se colocava em nosso caminho.

Uma tarde, quando outro redemoinho de neve começou a cobrir nosso pequeno vilarejo, Wynn voltou para nossa cabana e expressava tensão em seu rosto. Eu sabia que algo sério havia acontecido. Ele sequer parou para brincar com Kip, mas o deixou de lado e veio até mim.

Ele me beijou primeiro e depois falou com a voz grave.

— Eu soube, Elizabeth, que alguém andou vendendo bebidas alcoólicas para nossos índios. Eu não sei quem é ou onde está trabalhando, ou se é mais de uma pessoa. Mas eu tenho que ir dar uma olhada.

Ele me beijou novamente e me soltou para ir preparar seu equipamento. Eu o segui, sem saber o que dizer ou fazer. Ele estava se preparando mais cuidadosamente que o normal.

— Quanto tempo você vai ficar fora? — Finalmente perguntei quando encontrei minha voz.

— Eu não faço ideia. Gostaria de poder dizer que levará apenas um dia ou dois, mas a verdade é que não tenho ideia de quanto tempo pode demorar.

— Você está levando alguns homens com você?

— Não, vou sozinho.

— Mas por quê? Você pode precisar de ajuda. O homem, ou homens, podem ser perigosos.

— Isso é verdade. É por isso que vou sozinho. Este não é o tipo de coisa que você pode pedir a outras pessoas para participar. É a lei que se faz necessária aqui.

Suas palavras me assustaram e trouxeram um calafrio ao meu coração. Seu equipamento de trilha me causou mais medo. Nunca tinha visto Wynn tomar tais dores. Ele fez sua lista e verificou duas ou três vezes, se certificando de que tinha tudo. A quantidade de munição também me assustou. Será que ele pensava que precisaria de tudo aquilo? Os contrabandistas de uísque seriam realmente tão perigosos? Sim, eu tinha ouvido histórias suficientes de outras pessoas para saber

que de fato eles poderiam ser.

— O que posso fazer? — perguntei-lhe, impotente. — Você vai querer comer antes de partir?

Wynn me deu um sorriso bastante distraído.

— Ótima ideia — ele disse. — Algo quente seria bom.

Eu o deixei e voltei para minha cozinha. O fogo estava queimando bem e não demorei muito para fazer uma refeição quente para Wynn e um bule de chá forte.

Quando ele saiu do escritório, eu estava pronta. Ele percebeu apenas um prato na mesa.

— Você não vai se juntar a mim? — perguntou.

— Não, eu... eu realmente não estou com fome. São apenas três horas.

— Que tal uma xícara de chá, então?

— É mais forte do que eu gosto.

— Você poderia aguar um pouco.

Eu balancei minha cabeça. Eu simplesmente não queria colocar algo em meu estômago revoltado. Wynn analisou o meu rosto, mas não disse mais nada.

— Há algo que eu deva fazer enquanto você está fora? — perguntei, já me sentindo indefesa e solitária.

— Cuide bem de si mesma! Eu avisei Ian para ficar de olho em você. Se você precisar de alguma coisa, certifique-se de informá-lo.

Wynn terminou sua refeição muito rapidamente e já estava se afastando da mesa.

— Estou indo verificar os cães — ele me disse. — Vou carregar aqui. Você pode olhar Kip. Eu não quero que ele saia pela porta e entre em confusão com os cães da matilha.

Eu balancei a cabeça e mecanicamente comecei a limpar a mesa.

Wynn não demorou muito. Eu podia ouvir os latidos e reclamações da matilha enquanto caminhavam rumo à nossa cabana. Eu me perguntei se eles estavam pensando a mesma coisa que eu, que esta era uma hora estranha do dia para pegar a trilha. Pensei em pedir a Wynn para esperar até de manhã, mas me segurei. Se Wynn não sentisse que era importante partir imediatamente, ele teria decidido dormir em casa e pegar a trilha cedo no dia seguinte.

Wynn não demorou muito para fazer as malas. Eu ajudei apenas carregando parte do equipamento para a porta da cabana. O próprio Wynn teve que organizar e carregar o trenó. Ele gostava de saber exatamente onde tudo ficaria.

Decidi não chorar ao me despedir, mas foi difícil. Eu me lembrava repetidamente que Wynn já havia cumprido perigosas missões antes e

sempre voltara.

Oramos juntos antes de ele partir como sempre fizemos e cada um de nós implorou a Deus para proteger o outro. Então nossa porta se fechou e ouvi a voz de Wynn comandando seus cães para partirem.

Não fui até a porta ou janela. Eu não queria ver a nevasca o apagar de minha visão. Em vez disso, fui para o quarto para passar mais algum tempo em oração.

Confesso que derramei algumas lágrimas enquanto orava, mas quando saí do meu quarto com renovada paz de espírito e a determinação de usar, em vez de desperdiçar, os dias que Wynn estaria fora.

A primeira coisa que fiz foi pegar a panela de ensopado. Tinha ouvido que um dos casais idosos do vilarejo não estava bem. Eu levaria para eles algo nutritivo.

Quando voltei da minha viagem aos necessitados, estava escuro. Fiquei feliz com o calor da cabana quando entrei e por Kip, que me encontrou na porta. Eu tentei brincar com ele da mesma maneira que Wynn sempre fazia, mas simplesmente não dava certo, e Kip se afastou de mim com um olhar perplexo.

Fiz um prato de ensopado para mim e levei junto com meu chá para a cadeira diante do fogo. Eu não estava com fome. Acabei descartando meu ensopado no prato de Kip para ele terminar. Se ao menos houvesse alguma maneira de saber quanto tempo levaria para Wynn localizar e prender o criminoso. Eu esperava e orava que não fosse mais de uma pessoa.

Consertei um par de meias de Wynn e um rasgo em uma das cuecas e então me voltei para um livro. Eu o tinha lido tantas vezes que certamente poderia ter recitado de memória, mas não conseguia me concentrar. Decidi ir para a cama cedo. Talvez a noite passasse rápido.

Não funcionou. Fiquei acordada ouvindo a tempestade. O vento estava mais forte agora. Imaginei Wynn em algum lugar aberto, tentando dormir um pouco na noite fria e invernal.

Kip também estava inquieto. Ele ia do tapete da lareira para a minha cama, e depois voltava. Eu estava quase pronta para levantar e fechar a porta do quarto para mantê-lo em um lugar, e então percebi que ele sentaria do lado de fora do quarto e só reclamaria e isso seria pior.

A noite finalmente chegou ao fim, mas o novo dia não foi muito melhor. Depois de dispensar minha aula da manhã, fui visitar Nimmie para ajudá-la com seus filhos. Ela realmente não precisava muito de ajuda. Ela tinha tudo sob controle, mas eu me divertia encontrando pequenos trabalhos para fazer.

Voltei para casa em outra caminhada difícil sobre os flocos de neve. Nunca pararia de nevar?

Kip me encontrou na porta, animado com meu retorno ao lar. Eu preparei um jantar e dei a Kip sua refeição noturna, me perguntando como no mundo eu preencheria a longa noite pela frente. Parecia uma eternidade, mesmo eu tendo uma rotina diária semelhante, mas o calendário na parede me dizia que foram apenas seis dias.

Foi Ian quem trouxe a notícia. Quando eu o vi andando em direção à cabana com suas passadas largas que devoravam a cobertura de neve no chão, meu coração se encheu de medo. Ele teria más notícias? Ele andava tão propositalmente.

Mas quando abri a porta, Ian estava sorrindo.

— Um caçador índio parou na Sede e disse que Wynn já vem. Pensei que *cê queria* de saber.

Agradei a Ian, com meu coração cheio de alegria. Ele estava finalmente voltando para casa!

— Ele disse quanto tempo vai demorar? — perguntei.

— Deve *tá* aqui em algumas horas. Ele *tá* trazendo prisioneiro, então ele mandou que eu preparasse a cela.

Um prisioneiro! Então Wynn encontrou o homem.

Ian se virou para ir embora e eu fui preparar uma refeição. De repente percebi que estava com muita fome e tinha certeza de que Wynn também estaria.

Passaram-se pouco mais de duas horas e então ouvi um cão da matilha entrar no vilarejo. Poderia dizer pelo estranho latido de Flash, o cão líder, que era o trenó de Wynn. Eu olhei pela janela. Tive que riscar um ponto no vidro fosco para ver.

Eu podia apenas ver a forma alta de Wynn na frente da Sede.

Depois de comandar a equipe a se deitar, ele estava conduzindo um homem para dentro do prédio. Eu sabia que ele cuidaria dos cães antes de vir para a casa, então ainda haveria uma espera.

Mal podia me conter. Foi uma longa espera e eu estava muito feliz por vê-lo em segurança em casa novamente. Queria vestir minha parca e correr até o vilarejo para me juntar a ele. Mas eu conhecia Wynn: ele teria coisas para fazer antes de estar livre para vir para o seu jantar e um merecido descanso.

Não acho que Wynn demorou muito para fazer o que precisava ser feito, mas parecia uma vida inteira para mim. Então, finalmente vi Kip deixar seu lugar perto do fogo e pressionar o nariz com força contra a porta e soube que Wynn estava a caminho.

Desta vez, não esperei perto do fogão, deixando Kip receber a primeira saudação. Corri para a porta e abri-a e antes mesmo que Wynn pudesse entrar, eu estava em seus braços.

Ele parecia muito cansado e seu rosto demonstrava exaustão. Não o segurei na porta por muito tempo, mas o puxei para dentro. O ajudei a tirar suas luvas e parcas pesadas, dizendo a ele repetidamente como estava aliviada por tê-lo em casa novamente. Kip também estava dizendo isso para ele, com latidinhos alegres e muitos abanos de rabo.

Não foi até Wynn se dirigir para sua cadeira para tirar as pesadas botas que o notei mancar.

— O que aconteceu? — Perguntei alarmada.

— Estou bem — respondeu ele. — Nada com que se preocupar.

— Mas você está mancando.

— Um pouco.

— É seu pé ou sua perna?

— Perna.

— Wynn — disse eu, exasperada —, o que aconteceu?

— Que tal jantarmos e depois eu te conto tudo? — disse Wynn. — Estou morrendo de fome.

Corri para o fogão para preparar nossa refeição. Eu não perguntaria mais nada até que ele tivesse jantado.

Nunca ouvi tudo sobre as experiências de Wynn. O que ouvia era o suficiente para me dar arrepios.

Wynn começou sua caça indo à cabana de um caçador que disseram ter comprado bebida alcoólica do traficante. Ele encontrou um índio muito sóbrio, com a cabeça entre as mãos. Garrafas vazias estavam espalhadas pela sua cabana. Havia sinais de que ele estivera embriagado.

— Embora — ele gemeu para Wynn. — Tudo se foi. Todas as minhas peles de inverno, tudo se foi. — Ele trocou algumas das peles pelo uísque, e então quando ele já estava muito embriagado para se defender, o comerciante sem lei escapou com o resto delas.

Wynn continuou seguindo a nova pista. Ele encontrou outro caçador na mesma condição. Wynn continuou. Logo encontrou um terceiro. Este homem ainda estava alcoolizado, e Wynn sabia que a pista estava ficando quente. No entanto, ele não poderia deixar o indígena até ter certeza de que estava sóbrio o suficiente para cuidar de si mesmo.

Ainda estava frio o bastante para que alguém congelar até morrer se fosse deixado desacompanhado.

Isso atrasou Wynn e ele teve que forçar a matilha quando retomou a trilha.

A cabana seguinte fez Wynn perceber que tipo de homem ele estava perseguindo. O caçador aparentemente se recusou a trocar suas peles pelo uísque. Wynn o encontrou morto por um ferimento à bala

no coração, e todas as peles da cabana foram levadas.

Agora Wynn sabia que estava enfrentando não apenas um ladrão, mas assassino também. Sabia também que o homem não pararia por nada. Era urgente que Wynn o alcançasse antes que mais vidas fossem perdidas.

Wynn forçou a matilha durante a maior parte da noite para diminuir a distância entre ele e o homem. A tempestade finalmente cedeu, e a lua deu luz suficiente para Wynn ver seu caminho.

Perto da manhã, ele parou para descansar um pouco, mais pelos cães do que por si mesmo, e então retomou o caminho novamente.

Ele alcançou o homem por volta do meio-dia do dia seguinte. Ele tinha parado para uma refeição e acendeu um pequeno fogo para uma xícara de chá quente.

Wynn se aproximou com cautela, deixando sua equipe espalhada na neve sobre a colina, longe do homem.

Quando Wynn chegou perto do acampamento do homem, ele o chamou. Ele disse quem era e que veio prendê-lo.

O fora-da-lei gritou de volta:

— Você me pegou, sargento. Eu sei quando estou vencido. Mas, pelo menos, deixe-me tomar uma xícara de chá para me descongelar um pouco antes de você me prender.

Wynn saiu para o campo aberto e se aproximou do homem lentamente. Ele estava quase no acampamento quando o homem se virou com uma arma de mão e atirou, errando quando Wynn mergulhou na neve.

De sua posição, escondido atrás de um banco de neve, Wynn observou o bandido. Wynn temia tirar a atenção dele por medo de que ele fugisse. Mas o homem preferiu ficar perto de sua fogueira, confiante de que um Montado não atiraria para matar se houvesse outro jeito.

O sol se pôs e a lua apareceu grande e brilhante. O homem atirou contra Wynn com frequência o suficiente para mantê-lo afastado. Durante a longa noite eles ficaram deitados na neve, desafiando um ao outro, mas o comerciante tinha a vantagem de uma pequena fogueira.

Pela manhã, antes que o sol voltasse ao céu, Wynn percebeu que o comerciante planejava algum novo artifício. Decidiu que deveria se antecipar e assim o fez. Ele se moveu lentamente sobre a cobertura dos bancos de neve e abetos até não estar mais na frente do homem, mas à esquerda dele.

Wynn percebeu que o homem estava se preparando para partir. Sabendo que o tempo estava contra ele, correu para o acampamento, esperando pegá-lo desprevenido.

O plano funcionou. O ataque surpresa deu a Wynn apenas o

tempo suficiente para chutar a arma da mão do homem enquanto ele se virava para vê-lo. No entanto, havia um preço a pagar; a arma do comerciante disparou e a bala atingiu Wynn na perna direita, causando uma dor extrema pela ferida na carne.

Wynn não disse muito sobre o que aconteceu depois disso, mas de alguma forma, ele conseguiu algemar o contrabandista e extrair dele as localizações dos caçadores com quem ele havia lidado.

Havia dois outros além dos que Wynn já tinha visto, e com o comerciante ilegal mostrando o caminho, Wynn foi até as cabanas para verificar os homens. Na primeira cabana, eles descobriram um índio muito zangado que vagava pela floresta à procura do comerciante. Wynn assegurou-lhe que a justiça seria feita, e o enviou para recrutar a ajuda de outro caçador próximo para transportar todas as peles roubadas de volta para o vilarejo onde elas seriam devidamente devolvidas aos seus legítimos proprietários.

Então Wynn e o preso foram para a última vítima. Era o que Wynn temia. O caçador, de tão bêbado, foi incapaz de manter o fogo aceso e morreu congelado no clima abaixo de zero.

Wynn também amarrou seu corpo ao trenó e, com os dois mortos e o bandido algemado, voltou para a aldeia.

Agora o prisioneiro estava trancado na prisão da Sede. Wynn disse que passaria a noite em casa e, depois, sairia para levar o homem para Edmonton.

Eu protestei. Ele não estava em condições de viajar novamente tão cedo, eu disse a ele, mas Wynn descartou minha preocupação.

— Elizabeth — disse ele —, aquele homem é mortal. Nunca em meus anos de policial conheci um homem tão frio e calculista. Ele não pararia por nada.

Eu tinha certeza de que Wynn estava certo e isso só aumentou meu medo.

Wynn me permitiu cuidar do ferimento vermelho e feio em sua perna. Estava com medo de que infeccionasse, mas Wynn derramou um remédio que o fez estremecer de dor e me garantiu que ficaria bem. Ele, no entanto, levou mais do medicamento consigo quando saiu na manhã seguinte. Eu não sabia se era bom ou mau sinal.

Meu maior medo era pela segurança de Wynn. O bandido já tinha provado que não tinha consideração pela vida humana. O que o impediria, em seu desespero, de tentar matar o homem que o estava prendendo? Certamente ele faria tudo ao seu alcance para evitar ser julgado pelos crimes que cometeu. Wynn, com pouco sono e uma perna ferida, estava em desvantagem.

Passei um dia agitado e uma noite sem dormir, orando pela proteção de Wynn. Fiquei feliz quando a manhã finalmente chegou e

eu pude rastejar da minha cama e tentar encontrar algo para ocupar minhas mãos e minha mente. Eu estava mais do que ansiosa para tocar a campainha da escola naquela manhã e chamar as crianças um pouco mais cedo para a aula. A presença delas ajudaria a preencher o vazio da cabine.

Eu estava mentalmente preparada para muitas noites sem dormir e dias cheios de preocupação, mas, para meu alívio, Wynn voltou na noite seguinte.

Ele encontrou dois membros da Polícia que foram enviados de Edmonton para ajudar na caça ao homem.

Fiquei grata por tê-lo de volta em casa novamente e feliz que ele não teve que percorrer todo o caminho até Edmonton com a perna ferida. Ele foi instruído pelo encarregado da missão a descansar por vários dias, e ele seguiu seu conselho; pelo menos por alguns dias. Então ele ficou ansioso por ter mais o que fazer do que colocar sua papelada em dia. Logo ele estava novamente de volta entre os aldeões, e mancava quase imperceptivelmente.

Capítulo 27 –Em Viagem

Os dois caçadores que pegaram as peles roubadas e as trouxeram para a Sede juntamente com Wynn supervisionaram a identificação para saber a quem pertenciam. Eu não conseguia ver como os homens sabiam diferenciar uma pele da outra e perguntei a Wynn a respeito.

— Oh, eles conhecem bem as suas próprias peles, não há problema — disse Wynn. — Seja por pequenas marcas, cortes ou coloração. Eles podem identificar.

As peles dos caçadores mortos foram negociadas na Sede pelas famílias dos homens. Wynn me disse que Ian havia dado a eles mais do que o preço justo.

Todos os homens do vilarejo voltavam de suas trilhas de caça, e então eu sabia que a primavera realmente havia retornado.

Terminamos nossas aulas e comecei a trabalhar na minha horta. Fiquei feliz por colocar minhas mãos de volta no solo e observar as coisas começarem a crescer. Algumas das outras mulheres da aldeia tinham visto as vantagens de uma horta, e tanto Nimmie, quanto eu, ficamos felizes em ajudá-las a dar os primeiros passos. Eu estava me ajustando em outro dia tranquilo de verão quando Wynn voltou para a casa.

— Vocês estão prontos? — Ele sorriu, e olhei para ele interrogativamente.

Eu sabia que Wynn ainda estava tentando encontrar uma maneira de eu viajar até Edmonton e depois para Calgary. Por vários motivos, eu estava ansiosa e irritada para ir, e agora com as palavras dele, uma relutância um pouco estranha me passou pela cabeça.

— O que você quer dizer? — perguntei a ele.

— Ouvi falar de um grupo saindo em viagem, então enviei um mensageiro para perguntar se eles podem passar por aqui.

Eu não disse nada.

— Se eles vierem, devem estar aqui amanhã. Eu espero que eles passem a noite aqui e então partam cedo na quinta-feira de manhã — continuou Wynn.

Quinta-feira de manhã. Excitação e dúvida me dominaram ao mesmo tempo. Será que eu realmente poderia deixar Wynn por várias semanas sem meios de comunicação entre nós?

Wynn me puxou para perto.

— Vou sentir sua falta, Elizabeth — ele disse, dando por certo que eu iria.

Eu funguei.

— Quem é? — perguntei, quase esperando que fosse alguém com

quem eu pudesse me recusar a viajar.

— Uma dupla da Polícia. Ainda não sei seus nomes.

Membros da Polícia! Eu dificilmente poderia me recusar a ir com eles.

— Você tem certeza que eles estarão dispostos a levar uma mulher?

— Acho que sim. A maioria de nós se esforça para acomodar alguém. Precisamos ajudar uns aos outros da maneira que pudermos. Mandarei junto uma pequena tenda para seu uso. Eles não se importam em montá-la para você.

Suspirei.

— Então acho melhor me preparar — disse com relutância.

— Acho que sim — respondeu Wynn, e ele me beijou no nariz e depois voltou ao trabalho.

De repente eu estava em frenesi. Puxei meu roupeiro e percebi que não tinha nada decente para vestir. O que poderia fazer? Não tinha tempo para fazer nada e nenhum material, mesmo se tivesse tempo.

Espero que ninguém me veja antes que eu tenha a chance de chegar a uma loja e fazer algumas compras, pensei freneticamente.

No entanto, eu não estava tão preocupada com meus próprios preparativos o quanto estava preocupada a respeito de Wynn. Eu lavei sua roupa, embora tivesse lavado tudo apenas alguns dias antes. Assei pão fresco, biscoitos e assei um bolo.

Fiz um ensopado e selei em potes para que ele pudesse aquecê-lo de acordo com sua necessidade.

Na empolgação, trabalhei a tarde toda e, na tarde do dia seguinte, ouvi o som de muitos cães latindo no vilarejo. Corri para a janela e olhei para o vilarejo e descobri que os visitantes chegaram. Os homens viajavam em uma carroça com um par de cavalos de aparência cansada, magros e mal cuidados devido ao longo inverno.

Eu podia ver mesmo de onde estava que eles usavam as listras dos Montados. Eu vi Ian erguer a mão e apontar nossa cabana, e então a carroça avançou em minha direção. Eu não tinha feno para oferecer para seus cavalos, mas disse-lhes que poderiam deixá-los pastar na grama alta atrás de nossa cabana, desde que os mantivessem bem longe do meu jardim.

O mais baixo sorriu com o meu comentário e foi cuidar dos cavalos.

Eu os convidei para tomar uma xícara de café com um pouco de pão fresco e eles pareceram gostar da ideia. Eles ainda estavam na mesa quando Wynn entrou. Ele soube que eles haviam chegado e correria para casa para ter a chance de conhecê-los e colocar em dia

qualquer assunto pertinente ou notícia.

— Então, o que os leva a viajar? — ele lhes perguntou. — Novos pedidos?

— Não — disse o mais alto, conhecido como Hank Lovess. — A guerra.

— Eles ainda não resolveram? — Foi a resposta de Wynn. — Estava esperando que já tivesse acabado.

— Acho que isso é o que todos esperávamos, mas não é assim — disse o mais baixo, Ted James. — Pelos relatórios que temos recebido pode ser que ainda dure um pouco.

— Então vocês estão se juntando?

— Vamos fazer o que pudermos — disse James.

Mais uma vez pensei em Matthew. Se esta guerra horrível continuasse, ele iria? Um arrepio tomou meu coração. Os homens continuaram conversando, mas eu fui até o varal para pegar as roupas de Wynn para que eu pudesse passá-las. Na verdade, eu não queria ouvir sobre a guerra.

Wynn levou os dois homens para um passeio pelo vilarejo enquanto eu preparava o jantar. Fiquei aliviada por terem saído, e então me lembrei que estaria “aos seus cuidados” nos próximos dias. Eu me perguntava como eles se sentiam a respeito disso.

Exatamente como Wynn havia suposto, os homens passaram a noite. Eles recusaram nossa oferta de dormir no chão da cabana e espalharam suas camas sob os pinheiros altos. Talvez eles soubessem que Wynn e eu precisávamos desse tempo sozinhos. Havia tanto a dizer um para outro e ainda as palavras eram tão inadequadas. Nós conversamos até tarde noite adentro, mas não consigo me lembrar de nada importante do que foi dito.

A manhã chegou muito rápido. Os homens estavam ansiosos para partir, e eu estava determinada a não ser um incômodo maior do que o necessário. Wynn me abraçou por um longo tempo antes de nos juntarmos aos homens, mas não foi nem de longe o suficiente. *Quando o veria de novo?* Meu coração lamentou enquanto meus olhos procuraram seu rosto uma última vez. Ele estava enviando uma carta para o quartel general pedindo que quando os membros da Força voltassem, eu fosse contatada para ter a oportunidade de viajar com eles. O que podia levar alguns dias ou vários meses; eu não sabia.

A viagem não foi muito difícil, provavelmente porque eu estava mais bem preparada e sabia o que esperar. Eu estava ocupada contando os dias até chegarmos a Edmonton.

Os homens não falavam muito. Nem mesmo conversavam um com o outro. Acho que os dois estavam acostumados ao silêncio.

Tentei ajudar onde podia, mas até na cozinha eles eram melhores

que eu, estando mais acostumados com a trilha e fogeiras.

Quanto mais perto estávamos de Edmonton, mais meu sangue começava a correr. Eu estava “saindo”. Quão diferente estaria o mundo daquele que eu havia deixado para trás? Quantas mudanças haveria em minha família? *Quanta mudança eles veriam em mim?* Eu me perguntei ao olhar para meu vestido remendado e desbotado e para minhas mãos ásperas.

Quando chegamos a Edmonton, os homens providenciaram minha estadia em um hotel, compraram minha passagem de trem para Calgary e me disseram como e quando embarcar no trem na manhã seguinte. Eu lhes agradei por sua gentileza, e então com um nó na garganta, desejei-lhes boa sorte na guerra que eles lutariam por mim e pelo resto do Canadá. Os jovens cavalheiros foram bons comigo. Eles não me incomodaram nem me mimaram, mas foram gentis e pacientes. Assegurei-lhes que minhas orações os seguiriam.

A partir de então, eu estava sozinha. *Por conta própria em uma cidade grande; me perguntava se eu ainda saberia como agir...*

Pedi ajuda ao homem atrás da mesa e parti, envergonhada pelo meu traje, para procurar a loja de vestidos mais próxima.

Depois de fazer compras o suficiente para, pelo menos, me levar a Calgary em estado apresentável, voltei para o meu quarto.

Que acomodações luxuosas! Eu estava exultante. Um tapete macio cobria o chão e cortinas rendadas, penduradas com cortinas grossas, adornavam a janela. A sala era tão grande quanto a nossa cozinha, talvez maior. Eu mal sabia o que fazer com todo aquele espaço para mim.

Entrei no banheiro e engasguei espantada com o que uma vez eu considerava natural. Fazia anos desde que tinha visto tanto luxo. Eu cruzei para a banheira, e meus dedos acariciaram a superfície branca e lisa. As toalhas eram tão macias que pareciam o pelo grosso de Kip, e a sala tinha o frescor como de uma floresta de pinheiros.

Abri a água, despejando uma generosa quantidade de sabão espumante e depois mergulhei na água quente com sabão. Estava ótima! Me estiquei preguiçosamente. *Que maravilha ter todo o meu corpo na banheira ao mesmo tempo!*

Não sei quanto tempo passei na banheira. Só sei que quando relutantemente saí dela, meus dedos estavam todos enrugados e a água estava bem fria.

Eu me envolvi em meu velho e gasto roupão, pensando no macio e fofo que eu tinha deixado na casa de Mary. Seria bom ver minhas roupas da moda novamente. As coisas suaves e delicadas, as cores bonitas, os babados e os pontos. Eu mal podia esperar. Sentia falta deles.

Coloquei meu vestido novo e simples. Realmente havia caído bem.

Eu cuidadosamente preendi meu cabelo de uma forma que não penteava há anos. Quando terminei, me examinei no espelho e fiquei agradavelmente surpresa com minha boa aparência.

Então eu olhei para as minhas mãos e vi as manchas e calos de trabalhar na horta, arrancar plantas, lavar roupas na prancha, e coloquei minhas mãos para trás. Eu não era mais a garota delicada e bem cuidada que trocou Calgary pelo deserto alguns anos antes. Eu esperava que ninguém olhasse para minhas mãos... E então notei meus braços. Eles tinham uma série de pequenos vergões reveladores, cada um indicando o local onde um mosquito ou mosca negra tinha me visitado. Eu sabia que meu rosto e pescoço tinham as mesmas manchas, e minha confiança começou a diminuir rapidamente.

Então me endireitei com ousadia, me lembrando que não estava “fora” para voltar ao mundo da moda. Eu estava aqui para ver meu médico, para obter algumas respostas, para obter alguma ajuda. E assim, o mais rápido possível, eu voltaria para o meu marido no Norte, onde era meu lugar.

Com esses pensamentos reforçando minha coragem, saí do meu quarto e desci até a recepção para perguntar ao atendente onde ficava a sala de jantar.

Capítulo 28 – Calgary

Na manhã seguinte, quando o trem deixou a estação de Edmonton com destino a Calgary, eu estava quase tonta de empolgação. Logo veria minha família de novo! Eu estaria de volta à vida na cidade que um dia conheci. E, o mais importante, esperava obter a ajuda do meu médico.

O trem não mudou. Ainda era muito lento e parava em cada pequeno desvio para desperdiçar mais um pouco do tempo mais que precioso. Eu dificilmente podia suportar toda aquela agonia.

Finalmente chegamos a Lacombe, e me esforcei para ver se poderia vislumbrar rostos que talvez conhecesse. Embora as ruas da pequena cidade estivessem movimentadas, não vi ninguém que conhecera enquanto fui professora ali.

Por fim, estávamos a caminho de novo, rumo ao sul, ao estalar dos trilhos enquanto fazíamos nosso lento progresso.

Novamente era aquele para e segue, para e segue. O sol girou em direção ao oeste, quente quando entrou pela janela. Queria um assento do outro lado do corredor, mas o trem estava cheio de passageiros.

Afastei-me mais da janela e tentei evitar ficar olhando para fora para determinar o quanto já tínhamos avançado. Não adiantou; logo estava à janela novamente, esforçando-me para adivinhar a distância que falta para Calgary.

Finalmente chegamos à cidade e mantive minha empolgação sob controle enquanto o trem diminuía a velocidade na estação e com um suspiro gigante, estremeceu até finalmente parar. Lembro-me bem da primeira vez que entrei em Calgary.

A cidade mudou muito desde então, mas eu mudei ainda mais. A jovem e elegante professora do Leste já não existia. Em seu lugar estava uma mulher mais velha, mais sábia e — eu esperava — mais sensível.

Toda a família de Jon estava ali para me receber. Eu tinha ligado para eles do hotel em Edmonton na noite anterior, dizendo a eles que chegaria de trem. Eles estavam quase tão animados quanto eu. Como as crianças cresceram! Eu não conseguia acreditar na altura de William — e que aparência madura para um mero menino. Ele já era um adolescente e queria que todos percebessem.

Sarah também havia esticado e parecia mais uma mocinha do que uma criança. Ela estava com onze anos e se portava com um ar de graça.

Mas suponho que foi Kathleen quem mais mudou. Da querida

criança de quatro anos que me encontrou na estação, e se tornou minha constante companheira, ela era agora uma garota de nove anos crescida, equilibrada e recatada. Eu me apaixonei por ela de novo, embora achasse difícil não desejar a menina de volta.

Elizabeth, o bebê que tinha apenas alguns meses de idade quando cheguei a Calgary no verão de 1910, agora estava pronta para começar a estudar no outono.

Mary tinha o mesmo sorriso brilhante, a mesma bela cor avermelhada nos cabelos, os mesmos olhos brilhantes de que me lembrava tão bem. Jon não tinha mudado muito, embora eu tenha notado alguns fios de cabelo brancos em suas costeletas cuidadosamente aparadas.

Procurei por Julie. Acho que Mary pôde ler minha mente.

— Julie está fora da cidade. O marido dela pegou alguns serviços em Lethbridge e Julie foi com ele. Nós ligamos para ela ontem à noite e ela estava tão animada que mal conseguiu aguentar. Ela ia pular no trem e vir imediatamente, mas ele terminará amanhã e então eles estarão em casa.

Entendi, mas seria difícil esperar.

Eu não lembrava como a bela casa de Jon e Mary era tão grande. E tão adorável. Eu vaguei, passando minha mão afetuosamente sobre móveis e enfeites. Eu quase tinha me esquecido que essas coisas constituíam uma casa — pelo menos algumas delas.

O jantar estava delicioso. Alguns pratos eu não provava há anos. A maravilhosa Stacy preparou todos os meus favoritos, peito de frango recheado, purê de batatas, brócolis com creme, milho no sabugo e, de sobremesa, sua famosa mousse de chocolate. Eu comi até sentir vergonha de mim mesma.

Durante todo o tempo em que desfrutava da casa de Mary e do jantar de Stacy, pensava em Wynn. Se ele apenas estivesse comigo, seria puro céu! Mas Wynn estava longe, em suas terras do Norte. Senti uma leve pontada no meu coração.

De volta ao meu antigo quarto, e depois de mergulhar em um luxuoso banho, recuperei uma de minhas camisolas rendadas de seda. Sentindo-me muito como uma senhora muito mimada, subi na cama, sorrindo para mim mesma na escuridão.

A cama era tão macia e cheirosa que eu tive visões do melhor sono que teria em anos. Mas não foi bem assim. Eu tinha me habituado a um colchão mais duro. Eu me revirava, mas o sono não vinha. Por volta das três horas, em desespero, joguei meu travesseiro no chão acarpetado, levei um cobertor comigo e me deitei para dormir.

Senti-me tola enrolada no tapete e torci fervorosamente para

acordar de manhã antes de ser descoberta. Logo adormeci.

O dia seguinte foi agitado. Peguei todos os meus vestidos armazenados e admirei sua beleza enquanto os preparava para uso. Esqueci que tinha tantas coisas bonitas. Eu precisava fazer algumas compras e, à tarde, peguei o bonde para o centro.

Me sentia sofisticada e recatada quando saí da casa de Mary, mas não tinha estado nas ruas por muito tempo e então percebi que meus lindos vestidos agora estavam terrivelmente fora de moda. Quanto mais eu andava, mais evidente isso ficava. Eu certamente não tinha dinheiro para um guarda-roupa totalmente novo, mas era claro que os vestidos de hoje eram muito diferentes dos meus; me destaquei nas ruas como aquela que se vestia das doações missionárias resultantes dos descartes dos ricos.

Envergonhada, fui para casa.

Mal cheguei à porta e disse a Mary:

— Meus vestidos estão terrivelmente desatualizados. O que vou fazer? Eu não tinha ideia de que os estilos mudaram tanto.

Então, olhei com mais atenção para Mary. Se tivesse observado, teria notado ontem que ela também se vestia com a nova moda.

— Oh, que coisa — disse Mary percebendo meu desconforto — eu deveria ter pensado em te dizer, Elizabeth, mas você sempre teve tantas coisas lindas.

— Bem, eles podem ser bonitos, mas definitivamente não estão na moda. Eu não quero comprar um novo guarda-roupa para os poucos dias que estarei na cidade, e não tenho dinheiro para isso, mesmo se eu quisesse. Mas vou precisar de algo a mais. A maioria dos vestidos nas ruas eram muito mais curtos, e não tão cheios de babados, mas pareciam mais personalizados. E meu chapéu estava todo errado também.

— Por que não vemos o que podemos fazer? — ofereceu Mary. — Se você não se importar com eles sendo cortados, tenho certeza que podemos encontrar maneiras de alterar seus vestidos e torná-los mais apropriados.

— Eles não estão bons para mim desse jeito. Se você puder consertá-los, pelo menos dois ou três, eu sobrevivo.

Escolhemos três vestidos que pareciam ajustáveis e então a querida Mary começou a alterá-los. Eles ficaram muito bons, e senti que agora poderia andar pelas ruas da cidade sem muito constrangimento. Jon e Mary acrescentaram uma pequena surpresa.

Eles perguntaram se poderiam me levar para comprar um terno novo e um chapéu, com sapatos e bolsa que combinavam. Hesitei no começo, mas quando Mary expressou seu amor e profundo desejo de fazê-lo, consenti e dei nos dois um grande abraço.

Julie finalmente chegou, correndo rapidamente pela calçada da frente. Ela estava fervilhante. Ela era bonita. Ela estava apaixonada. E estava visivelmente grávida. Minha respiração ficou presa diante daquela surpresa.

— Eu não deixaria Mary te contar — ela disse com entusiasmo. — Tinha que contar eu mesma! Oh, Beth, eu não sabia que alguém poderia ser tão feliz.

Eu a abracei forte. Estava feliz por ela, e ninguém ali sabia que as lágrimas em meu rosto eram mais do que apenas alegria compartilhada com Julie.

Tínhamos muita conversa para pôr em dia. Seus olhos brilhavam de amor e ela orgulhosamente apresentou seu jovem marido. Eu me lembrei que Julie uma vez suspirou por Wynn e me perguntou se a Polícia teria mais homens como ele. Bem, o reverendo Thomas Conway não era outro Wynn. Ele era muito mais baixo e esguio. Ele tinha cabelos cor de ferrugem, e um bigodinho cuidadosamente aparado para combinar.

Ele tinha olhos azuis profundos e sorridentes e um sorriso amável. Ele parecia ser exatamente o que Julie precisava, e gostei dele imediatamente.

Julie insistiu em compartilhar seu guarda-roupa durante o tempo que eu ficaria em Calgary e trouxe três vestidos que me caíram muito bem. Na realidade, em sua condição, ela não poderia usar esses em particular, ela me assegurou. Com seis vestidos, um terno e sapatos adequados, chapéu e bolsa, me senti bastante confiante para enfrentar o mundo.

Eu sorri para mim mesma enquanto pendurava as roupas. Imagine a Beth antiga usando roupas de segunda mão, maquiagem e roupas de caridade!

Ligamos para Toronto do telefone de Jon e eu tive uma longa conversa com mamãe e papai e suas vozes trouxeram de volta muitas memórias.

Eles agora estavam sozinhos. Com as meninas mais velhas casadas e dispersas, eu no Norte, Julie no Oeste e, como eu temia, Matthew foi para a guerra, ficaram apenas os dois.

Minha mãe estava preocupada com Matthew e temo não ter fornecido conforto para ela. Eu também estava preocupada com ele. Eu pensei em meu irmão mais novo, agora um homem, que desejava servir ao seu país e elevei uma pequena oração mesmo quando meu coração apertou. Por que ele tinha que ir? Me perguntei, mas eu sabia. Ele foi pelo mesmo motivo que muitos outros jovens estavam indo. Seu país precisava deles.

Depois que os primeiros dias de novidade e agitação passaram,

decidi que estava pronta para ligar para o médico e marcar minha consulta.

Mary imediatamente ficou preocupada quando disse a ela que o verdadeiro motivo da viagem foi consultar um médico. Mas quando me apressei a explicar que, não, eu não tinha estado doente, não tive mais do que um resfriado ou gripe ocasional durante todo o tempo que estive no Norte, ela relaxou. Informei que eu estava fazendo um *checkup* a pedido do meu marido, e ela concordou que era uma boa ideia e Wynn estava certo em pedi-lo.

Os dias de consultas e exames logo ficaram para trás e chegou o dia da minha consulta final. Com ansiedade e medo, fui ver o médico.

Ele era um homem idoso e careca com olhos compreensivos quase escondidos atrás de sobranceiras espessas e óculos de aro escuro. Ele fez um sinal para que eu me sentasse e pigarreou.

Nervosamente torci o lenço que carregava enquanto meus olhos estudavam seu rosto procurando alguma pista. Eu queria muito ouvir boas notícias.

— Bem, Sra. Delaney — disse ele, limpando a garganta novamente —, todos os testes estão disponíveis e — ele hesitou pelo que pareceu uma eternidade e então continuou: — não encontro razão para você não conceber.

Eu exalei e deixei meu corpo relaxar.

— Essa é uma boa notícia — eu disse quase em um sussurro.

O médico olhou por sobre os óculos.

— Depende de como você vê — disse ele. — Se não encontrarmos um problema, então não podemos fazer qualquer coisa para corrigi-lo. — Ele limpou a garganta novamente.

Ele esperou pela minha reação, perguntando-se se eu tinha entendido o que ele tinha acabado de dizer.

Eu entendi o que ele estava dizendo. *Não havia nada que ele pudesse fazer por mim. Eu poderia muito bem não ter vindo.* Realmente não fazia diferença. Diferença nenhuma.

O bom doutor continuou falando, explicando coisas que eu não entendia, mas eu realmente não estava ouvindo. Já tinha ouvido tudo que precisava saber. Agora eu só queria sair de seu consultório.

Dei uma longa caminhada antes de pegar o bonde para casa. Não sei bem para onde fui, apenas caminhei, não prestando muita atenção para onde eu estava indo ou o que estava ao meu redor.

Eu fui para o rio, e enquanto eu estava olhando para ele, minha mente começou a desanuviar. Talvez o rio me lembre da floresta.

Era a única coisa na cidade que parecia um lar.

Eu me abaixei na margem gramada à sombra do álamo e deixei as

lágrimas rolarem. Eu queria Wynn. De todo o meu coração o queria. Ninguém mais entenderia como eu realmente me sentia. Eu chorei por um bom tempo antes de me controlar. Então eu assoei meu nariz, molhei o rosto com água fria e fui em busca de um bonde.

Mary e eu tivemos uma longa conversa naquela noite. Eu disse a ela tudo sobre o meu problema, minhas dores, minha saudade. Ela entendeu tão bem quanto qualquer um poderia entender. Ela prometeu que também oraria para que meu desejo fosse concedido. Eu apreciei seu amor, compreensão e encorajamento, mas ainda me sentia vazia.

Além disso, me senti ameaçada por este mundo estranho para o qual tinha voltado. Toda a conversa da guerra, as notícias diárias de mais conflitos, as listas dos mortos ou desaparecidos em ação enchiam os jornais e causavam uma atmosfera de medo constante. Eu não me sentia confortável com este novo mundo. Meu isolamento no Norte me protegeu de tudo isso.

Entrei em contato com a Sede para obter informações sobre quando poderia voltar para o Norte. O homem de voz grave me disse que não sabia de nada para um futuro imediato, mas que tinha meu número e ordens estritas para entrar em contato comigo assim que algo surgisse.

Agradei e desliguei o telefone.

Eu orei, de todo o meu coração que fosse logo.

Capítulo 29 –Em Casa Outra Vez

Três semanas se passaram e ainda não tive notícias do Quartel General da Polícia.

À noite, eu pensava que não suportaria ficar mais um dia. Os dias eram um pouco melhores. Encontrei muitas maneiras de preenchê-los. Eu fazia caminhada com Kathleen, inspecionava a costura de Sarah, fazia compras com Julie, e tinha longas conversas com Mary.

Minha maior alegria era aos domingos. Eu gostei mais do que posso dizer de estar de volta a um culto na igreja. Acho que foi quando mais senti falta de Wynn. Fiquei pensando no quanto ele também apreciaria os cultos.

Apesar da saudade de Wynn, estava feliz por estar em casa novamente. Eu até fiz uma viagem para Lacombe e passei um tempo com a Mãe Delaney e Phillip e sua família. Fiquei aliviada ao encontrar a mãe de Wynn e ver que estava muito melhor. Wynn ficaria feliz com a notícia.

Enquanto eu estava na área, visitei Anna, tomei café e desfrutei de seu delicioso cozido sueco. Passamos pela escola e eu vi que eles acrescentaram outra sala ao pequeno colégio. Fiquei feliz demais ao ver que a escola continuou.

Quando visitei, muitas vezes me lembravam do motivo de eu estar “fora”. Repetidas perguntas eram feitas a respeito da minha “família” e embora perguntassem com interesse, achei os comentários profundamente dolorosos.

Apesar das delícias da cidade, eu me irritei por dentro. Eu estava sozinha, sem Wynn. Até senti um pouco de saudade do Norte. Fui começando a entender como Nimmie se sentia. Parecia que eu estava fora por muito tempo. Certamente deve haver alguém da Força indo para o Norte. E se eles tivessem me esquecido?

E se alguém já tivesse partido e eu tivesse que esperar por muitas semanas? Devo telefonar para eles novamente ou eles pensarão que estou incomodando?

Eu ansiava por Wynn. Eu ansiava por Nimmie e seus bebês, pelas mulheres indígenas que vinham para o chá, o som do vento nos pinheiros e o cheiro de fumaça de lenha no ar.

Eu ansiava por Kip, pressionando seu nariz frio em minha mão, me convencendo a acariciar seu pelo macio.

Estava com saudades de casa. Estava muito infeliz. E não importa o quanto tentava ser agradável e entusiasmada com tudo o que as pessoas estavam fazendo para mim, a dor não me deixava.

Por fim, dois homens estavam sendo enviados para um posto

perto de nossa região e me acomodariam em sua viagem. Eu tive três dias para me preparar. Não poderia levar mais do que quarenta e cinco quilos de bagagem, e deveria estar pronta para partir no trem de quarta-feira.

Fiquei fora de mim. *Eu estou indo para casa!*

O tempo foi gasto organizando, embalando, pesando e reembalando. Queria levar suprimentos para minha escola, mas os livros eram tão pesados! Avaliei, ponderei, analisei e embalei quase meia dúzia de vezes.

Quando chegou a hora de me vestir para a viagem de trem para Edmonton, novamente tive problemas para decidir: o que devo vestir? O novo terno seria ideal para viagens de trem, mas não seria útil para mim no Norte. Ainda assim, usar um dos vestidos simples que comprei e levar ao Norte comigo pareceria absurdo.

Mary resolveu meu dilema.

— Por que você não usa terno, chapéu e sapatos e quando chegar ao hotel em Edmonton envia de volta para nós nesta pequena mala?

Foi o que fiz.

Eu temia todas as despedidas, mas estava tão ansiosa para iniciar a viagem que não me demorei nelas. Acho que segurei minha pequena Kathleen por mais tempo que as outras crianças. Foi difícil deixá-la novamente, sabendo que da próxima vez que a visse, ela poderia ser uma jovem. Então tudo acabou e estávamos no trem, avançando como sempre lentamente em direção a Edmonton e ao rio que nos levaria na primeira etapa de nossa jornada para o Norte. Tentei relaxar, mas todos os nervos pareciam se antecipar. O tempo não passava.

Os dias na trilha não foram melhores. Eu cumprimentei com alegria cada marco familiar. A espessa nuvem de mosquitos foi a primeira a me acolher de volta às terras do Norte. Eu dei um tapa neles e ri de mim mesma. Logo estaria em casa.

Os homens foram gentis. Um deles foi um pouco gentil demais, eu pensei, e aproveitava todas as oportunidades para oferecer sua mão estendida, ou ajudar-me a subir ou descer de qualquer lugar. Eu o evitei tanto quanto possível.

Por fim, também deixamos o rio, carregamos a carroça que nos esperava e começamos a subir a trilha que levaria à Sede.

Acampamos pela última vez e os homens montaram minha barraca antes de acender o fogo da noite. Eu estava andando, estudando o céu claro da noite e me perguntando como neste mundo eu suportaria mais um dia na trilha antes de ver Wynn, quando uma figura se moveu em minha direção na penumbra. Eu teria reconhecido

o passo em qualquer lugar e com um grito de alegria corri para encontrá-lo.

Wynn soube que estávamos chegando e veio ao nosso encontro. Nós nos abraçamos com força enquanto as lágrimas corriam pelo meu rosto. Oh, como eu senti falta dele! Jamais poderia dizer a ele o quanto. Por enquanto, estava contente por estar em seus braços. Pela primeira vez em semanas a pequena dor torturante havia desaparecido do meu coração.

Os bons modos exigiam que Wynn cumprimentasse os outros soldados e passasse algum tempo sendo atualizado acerca das notícias externas. Eu o queria só para mim, mas me segurei. Teríamos muitos dias pela frente para que pudéssemos colocar tudo em dia.

No dia seguinte, enquanto caminhávamos atrás da carroça, falamos sobre tudo o que aconteceu conosco enquanto estávamos separados, mas eu não disse nada sobre o relatório do médico.

Estava com medo que trouxesse lágrimas, então quis estar na privacidade de nossa própria casa antes de falar com Wynn. Ele, sabiamente, não perguntou. Em vez disso, falamos sobre a família, os aldeões, a guerra, e o que vimos e fizemos durante as semanas em que estivemos separados.

Muitas pessoas do vilarejo vieram ao nosso encontro. Eu fiquei profundamente tocada com o quanto se importavam. Os cumprimentei por nome e tive o prazer de descobrir que não tinha esquecido a difícil língua indígena que aprendi nesses anos.

Caminhamos o último trecho juntos. Um sentimento de carinho e aconchego parecia pairar no ar à minha volta. Conforme nos aproximamos do vilarejo, o cheiro de lenha queimada pairava no ar. Eu respirei profundamente. Eu sentia falta daquilo. À distância, eu podia ouvir o barulho suave do rio e, mais perto, o sussurro suave do vento nos pinheiros. Eu coloquei minha mão na de Wynn.

— Você não acreditaria — murmurei — como é maravilhoso estar em casa.

Wynn apertou minha mão e me puxou para mais perto dele. Eu pude ver pelo brilho em seus olhos que ele estava tão feliz quanto eu.

Capítulo 30 –Me Acomodando

A pequena cabana que chamávamos de lar parecia pequena e simples depois de estar na linda casa de Mary. Mas eu olhei ao redor para o tapete de pele de urso diante do fogo, as prateleiras que guardavam meus pratos e suprimentos, a mesa onde nos sentamos para comer ensopado de veado e biscoitos, os travesseiros feitos à mão na cama, e me senti em casa novamente.

O primeiro dia foi muito agitado. Embora estivesse cansada da viagem, não pude descansar até ter certeza de que tudo estava impecável e organizado.

Assim que o sol nasceu, desci correndo pelo pequeno caminho que levava à minha horta. Wynn o manteve sem ervas daninhas enquanto eu estive fora. Não podia acreditar o quanto tinha crescido. Os coelhos estavam atacando novamente. Eu pude ver onde eles morderam muitas das plantas.

Minha próxima missão era chamar Kip. Wynn o havia deixado sob os cuidados de Jim Cervo. Ele pareceu tão satisfeito em me ver quanto eu em vê-lo. Eu agradei a Jim e Kip e eu corremos juntos a curta distância até nossa casa.

Pela manhã, Wawasee veio trazendo seus mais recentes desenhos para eu ver. Aprovei com um sorriso e falei bem devagar em sua língua nativa para que ele pudesse entender lendo meus lábios:

— Gosto das suas fotos, Wawasee. Eu trouxe um livro de imagens para você da cidade. Você deve voltar para ver assim que eu conseguir desempacotar. De manhã, de manhã eu já devo ter tirado para você.

Ele sorriu e eu soube por seus olhos brilhantes que ele voltaria de manhã.

À tarde, várias senhoras vieram tomar chá. Elas não vieram todas juntas, mas em pares e trios. Eu mal havia lavado as xícaras de um grupo e outro já estava à minha porta. Fui logo me inteirando de todas as notícias do vilarejo.

Eu tinha visto Nimmie brevemente na noite anterior, mas estava com saudades de um bom papo com ela. Meu primeiro dia foi muito ocupado para colocar o papo em dia. Eu ainda precisava desempacotar minhas coisas e tirar o livro prometido para quando Wawasee chegasse na manhã seguinte.

Preparei um jantar especial para Wynn naquela noite. Não foi peito de frango recheado e brócolis com creme, mas preparei algo especial com o que tinha em mãos.

Voltei para a rotina do vilarejo vivendo com o coração leve, exceto pelas notícias do médico que compartilhei com Wynn.

Continuei a discutir com Deus. Ana não teve o filho que pediu em oração? Não havia muitas mulheres no mundo que tiveram filhos, mas que realmente não os queriam nem cuidavam deles? Será que tudo isso fazia sentido? Por que as que realmente vão amar e cuidar de um filho não pode dar à luz? Por que eu não podia? Por que eu teria ‘não’ como resposta?

Tentei mandar aqueles pensamentos embora, mas diariamente eles me incomodavam, e acabavam me deixando nervosa e indiferente. Eu perdi peso. Não dormia bem. Não encontrei respostas.

Estava em casa há duas semanas. Eu senti novamente a paz do pequeno vilarejo, mas eu estava errada sobre uma coisa. Pensei que ao deixar para trás os jornais, o rádio e a conversa de guerra, eu poderia ignorá-los. Com Matthew lutando em algum lugar, era impossível. Meus pensamentos e orações muitas vezes estavam nele e em outros filhos que foram lutar. Eu pensava nos pais, nas esposas, nas namoradas que esses homens tinham deixado para trás e orei por eles também. Orei especialmente por minha própria mãe e meu pai enquanto esperavam por longos, longos dias pelo retorno seguro de Matthew.

Estava começando a parecer outono novamente. O sol passava menos horas no céu, as folhas ficaram amarelo-ouro nos álamos, os pássaros se reuniram nas árvores, chamando uns pelos outros. Nossa horta estava madura e apetitosa. Logo precisaria ser guardada em nosso depósito. Abrimos nossa escola novamente. Um dia, Wynn chegou à cabana no início da tarde. Eu tirei os olhos do pão que estava amassando. Ele não tinha planejado estar de volta até a hora do jantar, então eu soube que algo tinha acontecido para mudar seus planos.

— Você se lembra da jovem que teve um filho há uns dez dias? — ele perguntou.

Eu assenti. O casal era novo no vilarejo e eu não os conhecia bem.

— Ela não está bem. Eu acabei de dar um medicamento para ela novamente. Você acha que poderia ver como ela está daqui a pouco? Talvez levar algo para ela comer? Seu marido está fora e ela está sozinha.

Eu prometi a Wynn que iria assim que preparasse a comida.

O jovem casal construiu uma nova cabana na orla do vilarejo, e corri para lá com minha sopa e pão. Não tive nenhuma resposta à minha batida à porta, e então me lembrei que ela provavelmente não sabia o que significava uma batida. Abri a porta e entrei.

Na cama do canto, encontrei a mulher, debilitada e com febre. A testa dela estava muito quente. Um pequeno bebê estava deitado sobre ela, dormindo contente. Eu verifiquei o balde de água e descobri que

tinha acabado de ser recarregado. Provavelmente Wynn fez isso. Não sabia se deveria tentar baixar a febre primeiro ou alimentá-la. Decidi dar banho de esponja nela.

Falei com ela em sua própria língua e pude ver uma resposta em seus olhos.

— Há quanto tempo você está doente? — perguntei.

— Não *saber*... Muitos dias passaram.

— Onde está seu marido?

— Na grande vila.

— Você sabe quando ele volta?

— Não *saber*.

Ela não pareceu esfriar muito com o banho, então desisti e comecei a colocar um pouco da sopa em sua boca. Ela conseguia engolir a comida, graças a Deus. Então dei a ela um pedaço de pão que ela comeu sozinha.

Foi então que o bebê se mexeu e começou a choramingar. Abaixei-me e o peguei para que eu pudesse confortá-lo e verificar como ele estava.

Não havia nada de errado com ele, exceto que estava desesperado para ser trocado. Cuidei disso e o embalei por um momento antes de colocá-lo de volta ao lado de sua mãe para que ela pudesse cuidar dele.

Ele não parecia estar sofrendo, embora sua mãe estivesse. Ele parecia satisfeito e saudável.

— Eu vou agora — eu disse para a jovem, e a deixei para ver onde encontraria Wynn.

Não foi difícil de encontrá-lo. Ele estava verificando uma lista de suprimentos de inverno com Ian. Os remédios ocupavam o primeiro lugar de sua lista.

— Como ela está? — Ele perguntou assim que entrei.

Eu fiz uma careta, preocupada.

— Não está bem, Wynn. Ela está muito quente. Tenho medo de que ela esteja muito doente. Você acha que deveria mandar buscar o marido dela? Ela disse que ele está na grande vila.

— Eu mandei chamá-lo. Levará pelo menos três dias, no máximo, para ele estar aqui; mas se for difícil localizá-lo, talvez muitos mais.

— Não acho que ela deva ser deixada lá sozinha, Wynn. Tem algum jeito de trazê-la para nossa casa para que eu possa cuidar dela devidamente?

Wynn pensou a respeito.

— Vai dar um trabalhão, Elizabeth... E quanto à escola?

— Teríamos que cancelar as aulas por alguns dias, mas isso não é

difícil. É mais importante que ela fique bem.

— Acho que podemos encontrar um jeito de levá-la até lá.

— Vou preparar a cama.

Não demorou muito para que a mulher e seu bebê estivessem na cama em nossos aposentos. Na maior parte do tempo ela dormia inquieta e agitando-se por causa da febre. Eu dei banho nela muitas vezes, tentando fazer a febre baixar. Estava temia que em seus movimentos ela ferisse o bebê, então pedi a Wynn que trouxesse uma caixa e fizemos para ele uma cama.

Pelos quatro dias seguintes, todo o meu tempo foi gasto cuidando da mãe e do bebê. Quando eu começava a pensar que havia alguma melhora, então ela piorava novamente. Às vezes, ela sequer conseguia amamentar ao seu filho. Eu pedi que Wynn trouxesse alguns enlatados de leite de loja e preparamos uma garrafa improvisada para complementar sua alimentação. No quinto dia, o marido preocupado bateu à nossa porta. Ele atravessou rapidamente para o lado da cama de sua esposa sem sequer trocar cumprimentos comigo. Ela estava um pouco melhor, e eu fiquei feliz por ela o ter reconhecido. Ele foi até a caixa e pegou seu filho. Ele parecia satisfeito porque a criança estava bem. Foi só então ele se virou para mim e falou:

— Eu levo para casa agora — ele disse.

Eu quis protestar. A mulher não estava preparada para ser levada, mas eu sabia que seria melhor não discutir. Eu apenas balancei a cabeça em concordância.

Ele saiu em busca de ajuda e logo estava de volta com dois outros homens para carregar a mulher em um cobertor para sua própria cabana. O bebê estava chorando quando eles saíram. Ele estava com fome e a mulher já não tinha muito leite.

Eu me preocupei com eles. Nos primeiros dias, eu passava por lá para vê-los. O marido sempre me cumprimentava na porta e dizia que a mãe e o bebê estavam “bons”. Ele estava cuidando deles.

Pelos cheiros que vinham da cabana, eu sabia que ele estava fazendo um pouco de comida e a estava alimentando. Ele parecia ser responsável. Eu teria que deixar o assunto com ele.

Um dia, enquanto caminhava para a Sede, encontrei Mulher Grande chegando da nova cabana. Ela carregava uma bolsa de couro de aparência estranha. Eu não a tinha visto com aquilo antes.

Ela me deu um sorriso desdentado em seu rosto tomado pelas rugas.

— Ela melhor agora — disse ela. — Eu faço remédio forte.

Eu não sabia o que ela tinha feito. Provavelmente um dos encantamentos que Nimmie havia falado, e provavelmente custou ao jovem corajoso muito de seu dinheiro suado. Tive pena da família.

Quando os dias se passaram e não tive notícias da família, ousei acreditar que as coisas tivessem melhorado. Wynn ainda visitava a cabana. Ele continuou a dar o remédio que tinha em mãos, mas isso também não parecia conter a febre.

Uma noite escura, enquanto estávamos sentados diante da nossa lareira, esperando a noite trazer a primeira nevasca do inverno, ouvimos um barulho em nossa porta.

Kip correu para dar as boas-vindas a quem quer que fosse, e Wynn seguiu logo atrás dele.

Era o rapaz. Em seus braços, ele carregava o bebê. Ele acenou com a cabeça solenemente para Wynn e cruzou a sala até estar de pé diante do sofá onde eu estava sentada.

— Você toma. Fica — disse ele, estendendo o bebê para mim. — Ela foi agora. Eu vou armadilha.

Ele colocou o bebê em meus braços, que se estenderam automaticamente para recebê-lo, e então girou nos calcanhares e partiu. Fiquei olhando para ele, sem saber o que ele queria dizer ou o que fazer.

A porta se fechou suavemente e Wynn ficou ao meu lado.

— O que ele quis dizer? — eu perguntei, com perplexidade na voz.

— Ele perdeu a esposa — disse Wynn.

— Mas e o bebê?

— Ele tem que ir para sua trilha de caça. Ele quer que você fique com o bebê.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Eu chorei pelos jovens pais. Seus olhos estavam cheios de dor ao me entregar seu filho. Eu chorei pela mãe que lutou tanto, mas morreu tão jovem. Eu chorei pelo bebê que ficou órfão de mãe tão precocemente. E eu chorei por mim; lágrimas de alegria, porque agora eu segurava um bebê em meus braços, um bebê para amar e cuidar. Eu o apertei e agradei a Deus por responder minhas orações.

Chamamos o bebê de Samuel. Parecia adequado. Ama chamou seu bebê de Samuel, depois que Deus respondeu a sua oração. O nome significava “do Senhor o pedi”^[2] e toda vez que eu dizia o nome eu me lembrava novamente do milagre da vinda de Samuel para nós.

Ele perdeu peso desde a última vez que o vi. Eu sabia que sua pobre mãe doente não podia alimentá-lo adequadamente. Não estava preocupada. Ele parecia saudável, e eu tinha certeza que ele ganharia peso rapidamente quando recebe alimentação adequada.

Meus dias estavam tão cheios que mal tinha tempo de dar minhas aulas matinais. Nos primeiros dias, muitas vezes me sentava e costurava enquanto as crianças estudavam, pois Samuel tinha poucas roupas. Meus tecidos leves estavam finalmente sendo úteis.

Inicialmente, Kip parecia um pouco ciumento, tamanha a atenção que o pequeno estava recebendo; mas então pareceu entender que o pacotinho devia ser muito especial. Ele passou a guardar o berço, feito com amor por Wynn com caixas de embalagem. Kip sequer permitia que as senhoras que vinham para o chá se aproximassem do bebê, enquanto eu não desse um comando.

A princípio Samuel tinha muito que recuperar. Ele dormia e comia, para compensar o tempo que não foi devidamente alimentado. Ele logo se recuperou e, conforme recuperava as forças, também se tornou mais consciente de seu entorno.

Não demorou muito para que estivesse sorrindo e arrulhando como qualquer bebê normal. Ele era tão fácil de amar! Ele tornou nossa pequena cabana um lugar vivo e caloroso.

Quando o inverno chegou, quase não notei as tempestades. Eu estava envolvida demais com meu bebê. Kip não se exercitava tão fielmente. Eu estava muito ocupada e Samuel não podia sair no frio.

Nimmie me forneceu uma tábua de suporte para manter Samuel bem seguro, à moda indígena, nas minhas costas, então quando eu o levava para tomar ar fresco, não era difícil carregá-lo.

O Natal foi o melhor que já tivemos. Wynn e eu passamos muitas noites fazendo brinquedos para Samuel. Mal podíamos esperar pela manhã de Natal chegar. Samuel recompensou nossos esforços com gritos e risos, e sentimos que tínhamos descoberto o real significado do Natal.

No Natal, nosso tempo de oração foi reflexivo e cheio de devoção. Agora, ler que Deus deu Seu Filho — *Seu Filho* — para trazer vida eterna ao mundo significava ainda mais para nós. Estávamos tão ocupados curtindo Samuel que eu não pensei na idade dele. Um dia, de repente me dei conta: eu não sabia o aniversário dele.

Eu estava ansiosa para perguntar a Wynn. O povo indígena em nosso vilarejo prestava pouca atenção ao dia de seu nascimento. Saber a época do ano parecia ser o suficiente.

“Eu nasci na época da chegada dos gansos” ou “eu nasci na época da neve pesada” mas não “nasci em 15 de maio” ou “em 21 de novembro”.

Quando Wynn chegou naquela noite e foi direto para o berço e um Samuel guinchando e acenando com o braço, expressei minha preocupação.

— Não sabemos o aniversário de Samuel — eu disse. — Pode ser

importante um dia, quando ele se matricular na escola ou...

— Isso é fácil descobrir — disse Wynn. — Eu mantenho um registro de todos os nascimentos e mortes do vilarejo.

Juntos, fomos para o escritório de Wynn com Kip nos seguindo.

Wynn passou Samuel com certa relutância para mim enquanto pegava um livro de registro grosso. Ele passou o dedo por uma coluna e chegou a “Menino nascido de Pequena Corça e Joe Henry Veado Corredor, 15 de agosto de 1915”.

— É um nome estranho — eu disse.

— De quem?

— Dos pais.

— Eles costumam combinar nomes ingleses e indígenas.

— Sim, mas não dois assim. Um nome do meio. Henry. Joe Henry.

— Ian disse que um caçador branco chamado Joe Henry vivia perto do grande vilarejo. Ele disse que os índios têm o homem em alta consideração e em homenagem muitos meninos receberam seu nome.

Ao olhar novamente para a página onde Wynn registrara o nascimento do nosso pequeno Samuel, senti outra pontada. Mais uma vez senti pena do jovem casal cujo lar fora atingido por tamanha tragédia.

Eu carreguei o bebê de volta para os aposentos enquanto Wynn colocava o livro de registro em segurança.

— Vamos tentar te recompensar, Samuel — sussurrei. — Vamos cuidar bem de você e te amar, e quando você for mais velho, vamos contar-lhe tudo sobre sua mãe e seu pai. Eles também te amavam muito.

Eu beijei sua bochecha macia e escura e o coloquei de volta em seu berço para poder preparar o jantar. Ele não ficou ali por muito tempo. Wynn logo estava de volta fazendo-lhe cavalgar em seus pés descalços.

Capítulo 31 – Mais Uma Primavera

Nunca as árvores pareceram tão verdes ou a brisa cantou tão suavemente. Com a primavera, os pássaros voltaram e eu segurei Samuel na janela para que ele pudesse ver suas penas brilhantes e ouvir seu lindo gorjeio.

Ele já engatinhava e se levantava para ficar sobre as duas pernas um tanto trêmulas. Ele não cabia mais em seu berço, então Wynn foi novamente para as caixas de embalagem de madeira para fazer uma cama maior. Mal cabia na pequena sala, e ficamos tentados a mover a cama. Em vez disso, esprememos as coisas da melhor forma que podíamos, havia pouquíssimo espaço para caminhar.

Os homens voltaram com suas peles de inverno, a maioria deles teve um bom ano. As peles eram abundantes, grossas e valeriam bons preços. Eu fechei meus olhos para os animais pequenos e indefesos apanhados nas armadilhas cruéis e tentei pensar nos alimentos e roupas que a caça do inverno traria para as famílias no vilarejo.

Eu receava, sem realmente admitir, por Joe Henry Veado Corredor. Pensei que ele viria ver seu filho, mas ele não veio. Nem o vi no vilarejo. Wynn deve ter pensado nisso também, eu acho, pois ele comentou uma noite que parecia que Joe retornou para a grande vila e que a cabana agora seria usada por outro jovem e sua noiva. Era uma lei não escrita no vilarejo que, quando uma cabana não estivesse ocupada, poderia ser usada por alguém que precisasse dela.

Eu levava Samuel para passear cada vez mais conforme o tempo esquentava. Ele amava o ar livre. Fizemos longas caminhadas com ele em seu transporte especial nas minhas costas. Fomos até o rio, descemos caminhos na floresta, fomos ao vilarejo, em toda a área da nossa residência. E enquanto ia, eu conversava com Samuel em inglês e em seu idioma. Wynn e eu o encorajávamos a tentar novas palavras em ambas as línguas.

À noite, eu lia para ele ou mostrava livros ilustrados. Cantava pequenas canções para ele. Primeiro, cantei as músicas que minha mãe cantava para mim quando eu era criança, e então pedi a Nimmie para me ensinar as canções que ela cantava para os pequeninos para que Samuel as conhecesse também.

Visitávamos Nimmie e seus filhos com frequência. Samuel amava outras crianças. Ele ficava muito feliz e sorria sempre que via os meninos de Nimmie. Eles também o amavam e se divertiram muito compartilhando brinquedos no chão enquanto Nimmie e eu tomávamos nosso chá e os assistíamos com olhos cheios de amor e orgulho.

Enviamos notícias para nossa família e amigos, contando-lhes sobre nosso filho. Acho que me gabava um pouco, mas provavelmente não mais do que a maioria das novas mães. Junto com nossa correspondência esporádica, vinham pacotes e mimos.

Agora, Samuel não somente tinha brinquedos artesanais, como também alguns comerciais.

Quando chegou a hora do plantio da primavera, coloquei Samuel em um tapete de pele enquanto eu trabalhava na minha horta. Ele brincava na terra, deixando-a escoar por entre seus dedos. Eu o observei cuidadosamente por um tempo, para ver se ele levaria à boca. Ele não o fez, então eu o deixei brincando feliz e continuei meu trabalho.

Quando verifiquei depois de alguns minutos, ele não tinha só provado da terra, como pareceu ter gostado. Seu queixo estava coberto de lama da mistura da terra com baba. Ele sorriu para mim feliz, como se dissesse: “Não se assuste. Ainda não há nenhum bebê que morreu por comer terra.”

Eu o peguei, o limpei, repreendi com firmeza e coloquei seu tapete na grama.

Fechamos a escolinha para o verão e eu tive mais tempo para passar com Samuel. Ele estava começando a dar alguns passos vacilantes.

Wynn e eu passamos nossas noites juntos encorajando-o a andar entre nós. Ele parecia sentir que estava fazendo algo bonito e especial, e gritava para ter certeza de ter toda a nossa atenção sempre que dava um passo.

Grande parte do meu tempo era gasto costurando roupas novas. Samuel perdia suas roupas muito rapidamente. Eu me perguntei como Ana conseguiu manter seu filho com um casquinho novo por ano^[3]. Eu sorri ao pensar do amor maternal que devia ir junto àquele casaco novo.

Uma coisa me atormentava. Samuel estava crescendo muito rápido e eu não teria fotos dele enquanto bebê. Sabia que nos anos futuros as fotos seriam muito especiais, não apenas para Wynn e para mim, mas para o próprio Samuel. Tentei pensar em maneiras de conseguir uma câmera, mas não consegui encontrar uma boa solução. E então pensei em Wawasee. Samuel e eu fomos vê-lo e expliquei para o menino o que eu queria e prometi a ele todos os cadernos que ele precisava se desenhasse várias poses do bebê para mim.

Wawasee parecia pensar que este era um pedido estranho. Ele estava acostumado a desenhar animais selvagens e pássaros, ou matilhas de cães, ou homens pescando.

Mas ele não discutiu. Começou a trabalhar desenhando Samuel.

No início, ele parecia um pouco estranho e as imagens não ficaram boas, mas, à medida que trabalhava, começava a pegar o jeito. Logo ele começou a produzir desenhos muito semelhantes ao bebê.

Ele veio muitas vezes depois disso e passava horas desenhando o menino, dormindo em sua cama, brincando com seus brinquedos, enterrando o rosto no pelo espesso de Kip, alimentando-se de seu purê de vegetais. Todas as imagens capturaram o espírito do bebê Samuel. Enquanto eu olhava para elas, sabia que tinha um tesouro muito além do que uma mera câmera poderia ter me dado.

Capítulo 32 –A Festa de Aniversário

O primeiro aniversário de Samuel estava se aproximando. Eu estava ocupada com ideias que tornariam a data uma ocasião especial, mas não tinha feito muito progresso. Decidi discutir isso com Wynn. Esperei Samuel estar bem acomodado e cair em sono profundo.

— Samuel fará um ano no sábado — disse a Wynn.

— Eu me lembro — disse ele. — Já escolhi o presente dele.

Meus olhos se arregalaram.

— Escolheu? O que é?

— Não vou dizer — disse Wynn com um sorriso. — Você vai ter que esperar para ver.

— Wynn — implorei —, isso é maldade!

Mas Wynn apenas riu.

— Bem, você já tem seu presente. Eu vi você costurando esse cavalo de pelúcia por dias — disse ele.

— *Shhhh!* — adverti, lançando um olhar apreensivo para a cama no canto, e Wynn riu ainda mais.

— Eu gostaria de tornar o aniversário dele realmente especial — continuei.

— Para Samuel... ou para você? — disse Wynn, com brilho em seus olhos.

— Para todos nós — afirmei, um pouco irritada com a provocação de Wynn.

— Tenho certeza que o dia será especial, só porque estamos juntos. Mas o que você gostaria de fazer? — Perguntou Wynn, ficando mais sério.

— Esse é o problema. Ainda não pensei em nada.

— Então posso te dar minha sugestão? Acho que pode ser divertido preparar um almoço e levar nosso filho em sua primeira viagem à mata. Poderíamos passar o dia inteiro, levar Kip, nossa refeição de aniversário e levar o dia inteiro assim.

Adorei a ideia e comecei imediatamente a pensar nas coisas que precisaria preparar para o jantar de aniversário na mochila.

O sábado amanheceu límpido e claro. Fui cedo para a cozinha e comecei meus preparativos para o que levaríamos conosco.

Wynn deixara a cabana, mas estaria de volta em breve para o café da manhã.

Samuel acordou e se levantou na cama com seu rosto enrugado e choroso até que me viu por perto. Então começou a tagarelar para me dizer que estava com fome e pronto para outro dia.

Fui até ele e o levantei, beijando-o na bochecha.

— Hoje é seu primeiro aniversário — informei, mas ele não parecia muito animado com isso. — Vamos dar uma longa caminhada na floresta; papai, Kip, você e eu. Veremos todo o tipo de coisa que você deve conhecer. Barragens de castores, pegadas de animais, diferentes árvores e pássaros, e papai vai lhe contar tudo sobre eles.

Samuel estava interessado apenas no que havia para o café da manhã.

Eu vesti o bebê e voltei para a cozinha assim que Wynn chegou. Ele tinha a mão enfiada dentro da túnica e um sorriso engraçado no rosto.

— Já é hora dos presentes de aniversário? — perguntou, e eu ri dele. Wynn era ainda pior que eu.

— Ok — concordei, com meus olhos em Samuel —, mas você tem que esperar até eu pegar o meu.

Eu fui para o quarto e trouxe o pequeno cavalo de tecido que eu tinha feito, entrei na sala com ele escondido nas minhas costas, e então, enquanto Samuel se sentava com um olhar perplexo no rosto, Wynn e eu cantamos “Parabéns pra você!”.

— Você primeiro — disse Wynn, e puxei o cavalo de brinquedo das minhas costas e beijei Samuel quando o apresentei a ele. Ele estendeu a mão com um sorriso no rosto e enfiou um pequeno casco na boca.

— Não — disse a ele. — Não é para comer. Você não está com tanta fome, está?

— Espero que ele não faça isso com meu presente — disse Wynn e eu fiquei ainda mais curiosa.

— Bem, entregue a ele e veremos — falei.

Wynn puxou a mão de sua túnica e lá estava o filhote de husky mais fofo, pequenino, de olhos mais brilhantes que eu já vi.

— Wynn! — gritei —, como você o manteve tão quieto?

— Não foi fácil.

Peguei o cachorrinho, mas Samuel chegou antes de mim. Acho que ele teria colocado o cachorro na boca também se tivesse a oportunidade, mas depois de segurar o cachorro perto para que Samuel sentisse como era fofo, Wynn o tomou de volta e o colocou no chão.

Ele ficou ali, piscando seus grandes olhos azuis e olhando para o novo lugar estranho. Então Kip se uniu a nós. Ele ficou assistindo todo o procedimento com a cabeça inclinada para o lado, mas agora ele parou em frente para cheirar o filhote e ver se era realmente um cachorro.

O filhote imediatamente se virou para Kip, alegrando-se ao ver um da sua própria espécie, o cumprimentou com tal exuberância que Kip recuou e, certamente, o cachorrinho saltou atrás dele.

Rimos da cena.

Eu me virei para Wynn.

— Como vamos colocar mais um corpo nesta casa? Já temos três pessoas e um cachorro.

— Ele pode perfeitamente morar lá fora — disse Wynn. — Ele não precisa ficar em casa. Todo menino precisa ter seu próprio cachorro.

Balancei minha cabeça. Tinha certeza que Wynn já sabia que eu nunca conseguiria deixar o cachorrinho lá fora, sozinho. Ele compartilharia o tapete de lareira com Kip.

Tomamos nosso café da manhã e nos preparamos para a viagem.

Não sei quando aproveitei tanto um dia. Samuel parecia entender que este ar livre, este deserto, fazia parte dele. Ele estudava tudo com olhos grandes, negros e sérios, apontando o dedo e tagarelando sobre as coisas que chamavam sua atenção.

Tanto Wynn quanto eu ficamos satisfeitos com a resposta do garotinho.

— Ele é um sujeitinho esperto, não é, Wynn? — Não hesitei em perguntar.

Wynn concordou.

Comemos nossa refeição de aniversário em um cobertor estendido no macio chão da floresta, acolchoado por anos de agulhas de pinheiro. Wynn deu a Samuel uma grande pinha para brincar enquanto eu arrumava o piquenique do almoço. Como sempre, foi para a sua boca.

Nós fomos à represa do castor e deixamos Samuel assistir os castores trabalharem, falando para ele a palavra nativa para o pequeno e dinâmico animal. Nós até fingimos que ele tentou dizer a palavra depois que nós falamos, mas, para ser honesta, acho que foi apenas mais um balbúcio infantil.

Levamos Samuel à beira do lago e Wynn o segurou para que ele pudesse bater a mão na água fria. Seus olhos brilharam e ele bateu tanto que até Wynn estava ficando molhado.

Quando o tiramos do lago, ele queria a voltar, apontando e reclamando enquanto era levado.

O sol estava no Oeste e começando sua descida quando voltamos para casa. Não tínhamos ido muito longe quando percebi que Samuel, nas costas de seu pai, estava dormindo, e sua cabecinha escura saltava a cada passo que Wynn dava.

— Nós cansamos o pobrezinho — eu disse com simpatia.

Wynn deu uma risadinha.

— Acho que ele aproveitou cada minuto.

— Eu também acho. Estou tão feliz que você pensou nisso, Wynn. Foi divertido, não foi?

Wynn pegou minha mão e voltamos para casa juntos. Kip correu à frente, procurando tocas de coelhos ou esconderijos de esquilos.

Samuel continuou dormindo. Talvez estivesse sonhando com coisas selvagens. Ele parecia contente e saudável.

— Precisamos voltar para casa para alimentar seu cachorrinho — eu disse, e Wynn apertou minha mão.

Duas noites depois, estávamos sentados perto da lareira, Wynn trabalhava em alguns registros, eu costurava a mão e Samuel dormia em sua cama próxima, quando ouvimos um som à nossa porta. Kip reagiu rapidamente com um latido agudo, perturbando o cachorro que dormia ao lado dele.

— *Shhhh*, Kip — ordenei, com medo de que o latido pudesse acordar o bebê.

Wynn se levantou e foi até a porta, esperando, como eu, alguém com um problema.

Era o jovem Joe Henry Veado Corredor que estava de pé ali na porta.

Levei um tempo para reconhecê-lo, mas quando o fiz um sorriso lento cruzou meu rosto. Ele tinha vindo para ver seu filho. Eu tinha certeza que ele ficaria satisfeito em ver que cuidamos bem dele.

Wynn o cumprimentou e fez sinal para que ele entrasse. Ele entrou um tanto hesitante, incentivando uma mulher à sua frente. Ela parecia jovem, não muito mais que uma menina, e muito tímida. Eu me perguntei se era sua irmã.

Ele não avançou mais na sala, não pediu para ver sua criança, mas, em vez disso, empurrou a garota um pouco mais para frente e falou em inglês precário:

— Nova mulher agora. Eu vim por causa do filho.

O sangue foi sumindo do meu rosto. Esperava ter entendido mal. Eu olhei para Wynn. Seu rosto também estava branco e eu olhei para trás, para o jovem novamente, prestes a lhe perguntar o que diabos ele estava falando. Wynn disse algo a ele e o homem respondeu, mas eu não ouvi ou entendi o que qualquer um deles estava dizendo.

— O que ele está dizendo? — eu perguntei a Wynn. — Por que ele está aqui?

— Fique calma, Elizabeth — Wynn me disse. Mas eu não

conseguia ficar calma.

— Wynn — eu exigi —, o que ele disse?

Wynn se virou para mim com os olhos cheios de angústia.

— Ele veio buscar seu filho. Ele o quer de volta, Elizabeth.

Eu queria gritar, protestar, mas minha garganta não deixava as palavras saírem. Eu olhei suplicante para Wynn, implorando a ele com meus olhos para tirar os dois de nossa cabana.

Wynn ainda estava falando baixinho com o jovem. Não consegui ouvir suas palavras, mas certamente ele estava explicando a situação. *Samuel é nosso bebê agora! Não vamos desistir dele.* Joe Henry e sua noiva jovem poderiam ter muito mais filhos.

Eu olhei para o berço. Samuel estava se mexendo. O barulho na cabana deve tê-lo perturbado. Levantei-me depressa e corri para o seu berço, pronta para tomá-lo em meus braços e protegê-lo. Ele ainda estava dormindo. Eu olhei para cima novamente. Wynn estava levando nossos visitantes para fora da cabana. *Em breve todo esse pesadelo acabará, tem que acabar!* Wynn fechou a porta, ficando alguns momentos com a cabeça inclinada contra ela. Havia uma queda em seus ombros que eu nunca tinha visto antes. Eu queria correr para ele, dizer que agora estava tudo bem, mas minhas pernas não funcionavam. Sentei-me lentamente na cama e Wynn endireitou os ombros e se virou para mim.

— Devíamos estar preparados para isso, Elizabeth — disse ele com tristeza. — Devíamos saber disso.

— Está tudo bem agora — eu disse a ele. — Tenho certeza que ele entende. Depois de tudo, já faz quase um ano desde que ele o entregou a nós. Ele não pode simplesmente entrar e...

— Elizabeth — cortou Wynn —, é o filho dele.

— Ele o deu para nós!

— Não... não da maneira que pensávamos. — Wynn parecia muito cansado.

— Mas ele se foi agora.

— Ele voltará.

Eu estava de pé, o terror trouxe a força de volta às minhas pernas.

— O que você quer dizer? O que você está dizendo? — exigi. — Você o mandou embora, não foi?

Havia uma expressão de derrota no rosto de Wynn.

— Eu o mandei embora, sim, para que tivéssemos um pouco de tempo, um pouco de tempo para pensar, um pouco de tempo para nos preparar.

— O que você disse para ele?

— Eu não sei. Algo, algo sobre o bebê estar dormindo e não

queríamos que ele perdesse seu sonho ou algo assim. Eu realmente não tenho certeza. Acabei dizendo a primeira coisa que me veio à mente.

Wynn encolheu os ombros.

— E ele vai voltar? — eu disse em uma voz vazia.

— De manhã — disse Wynn.

— Bem, não vamos deixá-lo ir.

— Não há como impedir, Elizabeth. Ele quer o filho.

— Iremos ao tribunal; nós vamos lutar por isso.

— E apenas adiar a agonia. Não teríamos a menor chance.

Então comecei a chorar, soluços profundos e agonizantes que sacudiram todo o meu corpo. Wynn se aproximou para me confortar, para me segurar em seus braços e então percebi que Wynn estava chorando também. Eu não suponho que qualquer coisa teria me trazido de volta aos meus sentidos tão rapidamente. Conhecer a dor profunda de Wynn me tirou de mim mesma. Wynn precisava de mim. Precisávamos um do outro. Estávamos perdendo nosso bebê. Ao amanhecer, Samuel teria partido e não havia nada que pudéssemos fazer a respeito disso.

Por um momento, odiei o rapaz. Como ele poderia fazer isso? E então, ousei dar um passo adiante. Eu fiquei com muita raiva de Deus. Por que Ele estava deixando isso acontecer? Eu tentei me livrar da raiva, sabendo que não era certo, mas ela não ia embora. Agarrei-me a Wynn e chorei um pouco mais.

Não dormimos muito naquela noite. Conversamos, oramos, choramos, mas não nos livramos da dor profunda dentro de nós. Levantei-me silenciosamente por volta das três horas para sair e verificar Samuel.

Eu me arrastei silenciosamente para não acordar Wynn, mas quando entrei na sala, Wynn já estava lá, curvado sobre o pequeno menino, observando-o dormir na penumbra, enquanto o fogo enviava pequenas sombras trêmulas sobre seu rosto.

Fui para o lado de Wynn e, sem palavras, peguei sua mão. De novo as lágrimas caíram. Como nós o amávamos! Nós o tínhamos como nosso. Tínhamos planejado seu futuro.

Fui fazer um café. Bebemos juntos em silêncio, com nossos olhos no bebê. Kip parecia entender que algo estava errado. Ele veio até mim e pressionou o focinho na minha mão, choramingando no fundo de sua garganta.

— Precisamos conversar — disse Wynn.

Eu concordei.

— Eles estarão aqui em algumas horas.

Ainda assim, não disse nada.

— O que você quer enviar com ele?

Eu não conseguia nomear as coisas uma por uma, tudo o que Wynn e eu tínhamos feito para Samuel. Eu sabia que enviaria tudo. Queria que ele tivesse coisas familiares. Além disso, eles só seriam lembretes dolorosos deixados com a gente.

— Vou arrumar as coisas dele — consegui dizer com os lábios dormentes e me levantei para fazê-lo.

Acho que chorei sobre tudo o que empacotava. As roupinhas, os cobertores, os brinquedos de Natal, os presentes que tinham vindo. Eu esvaziei a gaveta onde eu guardava suas coisas, e então peguei o cavalinho de tecido e chorei mais um pouco.

— Por que Deus? Por quê? — Meu coração não parava de chorar, mas não havia resposta.

Quando tudo já estava embalado e minhas lágrimas sob controle, me juntei a Wynn perto da lareira.

— E o cachorrinho? — perguntei a Wynn. — Nós nem mesmo escolhemos um nome para ele ainda.

— Samuel deveria nomeá-lo. Se Joe o quiser, ele pode ir.

— E se ele não quiser?

— Jim Cervo sempre quis um cachorro. Ele poderá levá-lo se seus pais concordarem.

O céu estava começando a clarear. Eu sabia que Joe e sua nova esposa chegariam em breve. Eles estavam viajando para a grande vila e gostariam de sair mais cedo. Pensei que deveria convidá-los para o café da manhã, mas não consegui fazê-lo. Eu fui para o quarto e me vesti. Wynn já estava em seu uniforme.

Saí e caminhei até o berço novamente, olhando para o adormecido Samuel.

— Wynn — eu disse — Não acho que quero estar aqui quando eles vierem.

Wynn acenou com a cabeça em compreensão.

— Eu estava me perguntando — ele disse lentamente — se você gostaria que eu levasse Samuel para eles, então eles não precisam vir aqui?

Hesitei, pensando na sugestão de Wynn.

— Eu ... eu acho que sim — concordei.

— Então é melhor levá-lo, alimentá-lo e deixá-lo pronto.

Wynn levantou o bebê e o vestiu enquanto eu preparava seu mingau matinal, e então lhe demos o café da manhã. Nós oramos juntos, pedindo a Deus para ir com nosso Samuel, onde quer que seu caminho o levasse, que o guardasse, o protegesse e, acima de tudo, lhe

desse a oportunidade de conhecê-lo como havíamos planejado.

Samuel parecia pensar que era apenas mais uma manhã. Ele gritou com seu cachorro, mastigou seu pequeno cavalo e agarrou punhados do pelo de Kip.

Reunimos todas as suas coisas e Wynn levou o pequeno bebê em seus braços e o pacote em suas costas, o cachorrinho enfiado dentro de sua túnica como ele o trouxe para casa há tão pouco tempo, e partiu para o vilarejo depois de dar a Samuel um último aperto.

Com as lágrimas escorrendo em minhas bochechas, eu me perguntava enquanto os observava partir se a vida voltaria a ter algum significado para mim.

Capítulo 33 – Tristeza e Alegria

As semanas seguintes foram os piores dias da minha vida. Eu vaguei num mundo vazio, sem sentimento, exceto dor. A casa estava vazia, o berço no canto, que eu insisti para ficar onde estava, estava vazio, mas o pior de tudo, minha vida também estava vazia.

Às vezes tentava orar, mas Deus parecia distante. Eu sabia que não foi culpa de Deus. Ele não saiu de onde estava. Eu saí. Eu não me sentia mais perto dEle. Eu não conseguia entender como Ele poderia ter deixado isso acontecer.

Eu nem me sentia perto de Wynn. Ele silenciosamente fazia suas tarefas diárias. Eu cuidava das minhas. Ele tentava se comunicar, me abraçar, me pedir para falar a respeito, mas eu resistia, ignorando-o com uma desculpa fraca ou outra.

Perdi peso, o que não era de se surpreender. Eu não estava comendo. Ainda não conseguia dormir. Apenas me deitava na cama à noite, me perguntando o que estaria acontecendo com Samuel.

Nimmie veio me ver e trouxe seus filhos. Onde, antes eu teria gostado de suas brincadeiras e risadas; agora, ficou apenas um lembrete cruel; e quando Nimmie me convidava para sua casa, encontrava motivos para ficar na minha.

Não havia nada para fazer em casa. Sem costura, pouca roupa para lavar, nenhuma razão para fazer comida especial ou planejar brincadeiras infantis especiais.

Jim Cervo veio me ver, imaginando quando começaríamos as aulas novamente; mas eu o distraí com uma resposta evasiva e disse a ele que eu bateria no tambor quando estivesse pronta para as aulas escolares.

Trabalhei na horta e armazenei os vegetais, não porque encontrei prazer nisso, mas porque era algo para fazer. Quase diariamente eu fazia longas caminhadas com Kip. Não gostava de caminhar, mas me afastava do vilarejo e não precisava tentar agir civilizadamente com outras pessoas.

Eu sabia que Wynn estava preocupado comigo, mas realmente não conseguia me importar.

Quando a neve do inverno caiu, enterrando toda a impureza do vilarejo sob um manto branco, observei sem comentários. *Seria bom, pensei, se pudesse enterrar os sentimentos das pessoas completamente.*

Mas Deus não se esqueceu de mim. Fragmentos diários de versos das Escrituras começaram a desfazer a frieza do meu coração. Pequenas frases e promessas começaram a vir à minha mente. Sei que algumas pessoas oravam por mim, eu sabia, e talvez tenha sido em

resposta a eles que o Senhor continuou trabalhando em mim. E também porque eu era Sua filha e Ele me amava.

Um dia, enquanto olhava para a neve fria e limpa nos caminhos do vilarejo, pensei no versículo *“Lave-me, e eu serei mais alvo do que a neve.”* Por alguma razão, dei uma boa analisada no meu coração enquanto as palavras passaram diante de mim. No passado, fui lavada, fui limpa. Eu tinha então me curvado diante do meu Criador com uma consciência livre de culpa por causa do poder purificador de Seu sangue. Mas agora, eu não parecia estar limpa. Eu me sentia contaminada. Suja. Zangada e amarga. Sabia que se eu me curvasse diante dEle agora, só poderia ser com a cabeça baixa de vergonha.

— Mas é sua culpa, Deus — eu O condenei. — Olhe para a dor que você me causou.

— *Ele foi ferido por nossas transgressões, Ele foi moído por nossas iniquidades* — sussurrou em minha mente.

— Eu sei, eu sei — admiti relutantemente. — O Senhor mandou Seu Filho para morrer por mim. Isso Te causou dor. Eu já disse que sinto muito. Pedi perdão pelo meu pecado, mas isso é diferente. Como sua filha, pensei que O Senhor me protegeria, cuidaria de mim, mas aqui eu estou. Estou sozinha e sofrendo, Senhor, por que?

— *Pois o Senhor seu Deus é um Deus misericordioso; ele não vai abandonar você ou destruí-lo* — dizia o versículo da Escritura.

— Mas eu me sinto abandonada, Senhor. Eu me sinto vazia e...

— *Clama a mim, e eu te responderei, e te mostrarei coisas poderosas, que você não conhece.*

— Senhor, podes me ajudar? Pode me ajudar mesmo? Será que o Senhor poderia tirar este fardo do meu coração e tornar a vida significativa novamente?

— *Pois você deve sair com alegria e ser conduzido para fora com paz; as montanhas e colinas começarão a cantar diante de você, e todas as árvores do campo baterão palmas.*

Era disso que eu precisava, que ansiava. Talvez não fosse a ausência de Samuel que estava tornando minha vida tão miserável, mas a ausência da presença de Deus. *Tenho que encontrar essa alegria novamente. Eu devo.* Peguei minha Bíblia e fui para o meu quarto. Eu passaria o tempo necessário de joelhos para encontrar e restaurar a paz com Aquele que eu conhecia.

Tive que voltar ao começo e percorrer o plano de Deus para a humanidade. Sabia que para ter paz com Deus é preciso cumprir Suas condições. A primeira coisa que tive que fazer foi confessar meu pecado. Neste caso era minha amargura e ressentimento. Eu estava com raiva de Deus porque não tinha tido um filho. Estava com raiva de Deus por tirar de mim as crianças que eu tinha aprendido a amar;

primeiro Susie; e depois o bebê Samuel. Eu não tinha o direito de culpar Deus. Ele não poderia ser responsabilizado pela decisão da família de Susie de se mudar, ou pela escolha de Joe Henry de buscar seu filho. E como eu saberia se essas ações não fossem para o melhor? O que *eu sabia* era que Deus estava no comando da minha vida. Ele era meu Deus soberano. Ele sabia o que era bom para mim e eu precisava entender que em Seu grande amor por mim, Ele me confortaria e me sustentaria durante esta perda devastadora. *Ele vai me dar o que é melhor*, eu determinei.

Eu gritei arrependida, e toda a amargura começou a derreter da minha alma. Então disse a Deus que aceitava Seu plano para minha vida, o que quer que fosse, mesmo que significasse não ter filhos, e eu deixaria de lutar contra isso e colocaria tudo em Suas mãos.

Eu não queria mais ser infeliz ou trazer infelicidade para os outros. Pensei em Wynn e na dor que havia causado a ele. Pedi ao Senhor para me perdoar e fiz um voto de pedir a Wynn que me perdoasse também.

Eu orei por Samuel. Também orei por Joe Henry Veado Corredor, para que ele fosse um pai bom e sábio. Que de alguma forma, Joe tivesse a oportunidade de conhecer ao Senhor; que ele pudesse apresentar Samuel, e quaisquer outros filhos e filhas com os quais ele fosse abençoado, ao Senhor.

Eu orei pela jovem que agora era a mãe de Samuel. Orei para que Deus a ajudasse em sua maternidade. Que ela fosse amorosa e gentil, paciente e atenciosa e que ela aprendesse a amar Samuel como eu o amei.

Conversei com Deus sobre muitas coisas, sem esconder nada, e quando me levantei, me senti limpa e em paz novamente.

Eu sabia que ainda haveria dias pela frente em que eu poderia desejar uma criança. Eu viveria um dia de cada vez, pedindo a Deus que me ajudasse a atravessá-los, mas eu tinha certeza de que não me irritaria e nem ficaria impaciente e insistente. Com a ajuda de Deus, eu procuraria alegria na vida que Ele escolhesse me dar.

Era tolice passar pela vida fazendo beicinho e reclamando e me sentindo miserável quando eu já tinha tanto pelo que agradecer. Eu faria de cada dia uma experiência com o Senhor e encontraria muitas razões para ser grata. Comecei agradecendo a Ele por Wynn.

Wynn soube assim que passou pela porta que algo tinha acontecido. Compartilhei minha experiência com ele naquela noite. Nós passamos algum tempo conversando a respeito e orando juntos.

Foi bom me sentir inteira e completa novamente.

— Não deveria ter agido como agi — admiti. — Vou guardar na memória os dias que passei com Samuel. Ele sempre será especial para mim.

Removemos o berço do quarto. Não precisávamos desse tipo de lembrança dolorosa. Tínhamos lembranças agradáveis, e descobrimos que poderíamos compartilhá-las.

— Lembra quando...? — Um de nós dizia, e ríamos do acontecido.

Apreciamos os desenhos que Wawasee fez. Muitas delas eu emoldurei e pendurei em nosso quarto. A cada dia que olhava para eles, agradecia a Deus novamente por nos dar aqueles meses preciosos como pais de Samuel.

Wynn entrou na cabana com um documento de aparência estranha em suas mãos.

— O que é isso? — Eu perguntei.

— Um novo destacamento — foi sua resposta.

— Um novo destacamento? Como você conseguiu?

— Um entregador especial acabou de trazer.

— Não podemos simplesmente ficar aqui? — perguntei, franzindo a testa enquanto pensava em todos os nossos amigos do vilarejo.

— A Força acredita que não é sábio deixar um homem por muito tempo em uma área.

— Por quê?

— Existe a chance de se tornar muito apegado a certos amigos ou fazer inimigos.

— Então, onde será? Ainda no Norte? — perguntei, chegando mais perto para dar uma olhada no ofício.

— É, mas realmente não importa — disse Wynn um tanto distraidamente.

— Não vou aceitar.

— Você não vai? — Fiquei surpresa. Wynn geralmente não questionava suas ordens. — Como você sairá dessa?

— Solicitando. Nessas circunstâncias, acho que serão razoáveis.

Wynn levou o jornal para seu escritório e depois voltou. Ele me beijou e se virou para ir embora.

— Falaremos sobre isso mais tarde — disse ele.

Eu pensei muito depois que ele saiu. De alguma forma eu sabia ser por minha causa que Wynn estava pensando em questionar a ordem. Olhei para mim mesma. Ainda estava magra, mas já estava comendo melhor. Tinha certeza de que em pouco tempo estaria no peso ideal novamente. Eu já estava dormindo bem também, e retomei as aulas e estava recebendo as senhoras para o chá e saindo para o

vilarejo.

Estava curtindo a vida de novo, e sabia o suficiente para entender que quando saísse deste vilarejo, eu sentiria falta dos amigos que tinha. E a ideia de viver longe da querida Nimmie trouxe uma pontada de tristeza especial.

Mas eu não estava mais com medo, nem estava amarga. Eu agora estava disposta a andar no caminho de Deus para minha vida. Com Ele, não importaria onde viveria ou as circunstâncias da vida. Onde quer que viesse a morar, ainda poderia ter paz e alegria.

Não mencionei o assunto da carta. Tínhamos nos acomodado diante da lareira naquela noite quando Wynn falou.

— Você se perguntou sobre o novo destacamento — disse ele, baixando o livro que estava lendo. — Era para Smoke Lake.

— Onde fica Smoke Lake?

— Ao Noroeste.

— Maior ou menor? — perguntei.

— Um pouco maior, eu acho.

— Como é?

— É ainda mais primitivo do que aqui.

Houve silêncio por vários minutos.

— Você decidiu não aceitar por minha causa, certo?

Wynn se esquivou.

— Bem, não porque eu acredite que você não conseguiria lidar com isso, mas porque eu não acho que seria justo com você.

— Por quê?

— Como eu disse, é ainda mais difícil e isolado do que aqui.

— O que você vai fazer, então?

Wynn havia deixado de lado seu livro e estava me dando sua total atenção.

— Vou pedir um posto na civilização. Se não for Calgary ou Edmonton, pelo menos uma cidade de tamanho razoável onde você possa viver do modo como está acostumada, Elizabeth. O Norte foi duro para você. Exigiram muito de você, e você sempre esteve disposta, mas é agora é hora de...

Não deixei Wynn terminar.

— Você sabe — eu disse —, para mim, foi bom ter feito aquela viagem à Calgary. Eu descobri que lojas e calçadas e até mesmo os banheiros não são necessários para se viver, no fim das contas.

— Você está dizendo que não quer voltar? — perguntou Wynn, incrédulo.

— Não, não estou dizendo isso. Eu poderia gostar de voltar a morar lá também. Mas eu não preciso disso para ser feliz. Também

posso ser feliz aqui. Você não vê, Wynn, o importante é estar com você.

— Mas eu estaria com você.

— Em corpo, talvez, mas seu coração ainda estaria no Norte. Eu não quero isso, Wynn, e não acho que nenhum de nós seria feliz nessas circunstâncias.

Fez-se silêncio novamente.

— Então, o que você está dizendo? — Wynn finalmente perguntou.

Levantei-me e fui até o fogo. Joguei mais lenha e assisti as faíscas voarem para cima, me lembrando da multidão de estrelas no céu claro do Norte sobre nossa cabana.

— Estou dizendo, vamos aceitar este destacamento agora, enquanto somos jovens e saudáveis e queremos fazer isso. Teremos muito tempo para viver na cidade nos próximos anos. As pessoas precisam de nós, Wynn. Há muitos homens e suas esposas que desejam ocupar os postos da cidade. Somos necessários aqui. — Hesitei por um momento. — Quem sabe quanta coisa empolgante pode existir logo após a próxima colina?

Wynn se levantou e me tomou nos braços. Ele olhou profundamente em meus olhos.

— Você tem certeza? — ele me perguntou.

— Certeza absoluta!

E eu tinha. Com os braços de Wynn ao meu redor mim e a paz de Deus em meu coração, eu não tinha razão para duvidar ou temer qualquer coisa que o futuro pudesse guardar.

A escritora:

J ANETTE OKE nasceu em Champion, Alberta. Seus pais eram fazendeiros canadenses, e ela cresceu nas pradarias em uma família numerosa, cheia de risos e amor. Graduou-se no Mountain View Bible College em Alberta, onde conheceu seu marido, Edward; eles se casaram em maio de 1957. Após pastorear igrejas em Indiana e no Canadá, os Okes passaram alguns anos em Calgary, onde Edward trabalhou em universidades em várias funções, enquanto Janette continuava a escrever. Ela escreveu quarenta e oito romances adultos e outros dezesseis infantis, e seus livros somam aproximadamente trinta milhões de cópias vendidas.

Os Okes têm três filhos e uma filha, todos casados, e estão curtindo seus quinze netos. Edward e Janette são ativos em sua igreja local e moram perto de Didsbury, Alberta.

Participe do Clube de Leitura da Upbooks

A ficção cristã é uma categoria pouco conhecida no Brasil. Muitas vezes nos apaixonamos por uma série, uma história ou escritora mas não temos com quem falar sobre aquela obra.

Pensando nisso, criamos o CLUBE DE LEITURA DA UPBOOKS.

É um grupo no Whatsapp onde fazemos comentários sobre as obras publicadas pela Upbooks. Tem sido muito edificante!

O link para o Clube está na bio da nossa editora no Instagram. Na nossa loja virtual, você encontra também os diários de leitura da série Oeste Canadense. Venha para nosso Clube!

Conheça www.upbooks.com.br

[1] 1914.

[2] 1 Samuel 1:20

[3] Referência à história bíblica do profeta Samuel. Ana, sua mãe, levava-lhe uma túnica anualmente no templo, onde ele vivia entre os sacerdotes. (1 Samuel).